



BALZAQUIANO + 10

**40 anos do curso de Comunicação Social
da Universidade Federal do Espírito Santo
(1975–2015)**

José Antonio Martinuzzo
Wagner Piassaroli Mantovaneli
(Organizadores)

André Silva | Andreia Santos | Betina Mendes | Bianca Vailant
| Brígida Armini | Cinthia Pimentel | Elisa Tavares | Gustavo
André | Inglydy Rodrigues | Juliana Leite | Luiz Felipe Pereira |
Luiza Marcondes | Luiza Mayra Ferreira | Mayra Scarpi | Nadine
Alves | Nayara Santana | Tamires Padilha | Thalita da Silva |
Thiago Sobrinho | Wagner Piassaroli Mantovaneli



Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Artes
Departamento de Comunicação Social

BALZAQUIANO + 10

**40 anos do curso de Comunicação Social
da Universidade Federal do Espírito Santo
(1975–2015)**

José Antonio Martinuzzo
Wagner Piassaroli Mantovaneli
(Organizadores)

André Silva | Andreia Santos | Betina Mendes | Bianca Vailant
| Brígida Armini | Cinthia Pimentel | Elisa Tavares | Gustavo
André | Inglydy Rodrigues | Juliana Leite | Luiz Felipe Pereira |
Luiza Marcondes | Luiza Mayra Ferreira | Mayra Scarpi | Nadine
Alves | Nayara Santana | Tamires Padilha | Thalita da Silva |
Thiago Sobrinho | Wagner Piassaroli Mantovaneli

Vitória
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Presidente da República
Dilma Rousseff

Ministro da Educação
Renato Janine Ribeiro

Reitor
Reinaldo Centoducatte

Vice-Reitora
Ethel Leonor Noia Maciel

Organização
José Antonio Martinuzzo
Wagner Piassaroli Mantovaneli

Edição
José Antonio Martinuzzo
Wagner Piassaroli Mantovaneli

Revisão
Wagner Piassaroli Mantovaneli

Realização
Projeto Comunicação
Capixaba (CoCa)

Projeto Gráfico
Amanda Ardisson Bento

Editores
Amanda Ardisson Bento
Kayque Fabiano
Rafaela Laiola

Ilustração e capa
Amanda Ardisson Bento

Impressão
Grafitusa

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

B198 Balzaquiano + 10 : 40 anos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (1975-2015) / José Antonio Martinuzzo, Wagner Piassaroli Mantovaneli (organizadores) ; André Silva ... [et al.]. - Vitória, ES : UFES, Centro de Artes, Departamento de Comunicação Social, 2015. 197 p. : il. ; 23 cm

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-69602-00-2

1. Universidade Federal do Espírito Santo – História. 2. Universidades e faculdades - Espírito Santo (Estado) – História. I. Martinuzzo, José Antonio, 1970-. II. Mantovaneli, Wagner Piassaroli, 1989-. III. Silva, André.

CDU: 070(815.2)

SUMÁRIO I

6 PREFÁCIO

8 INTRODUÇÃO

12 TRINTA ANOS DE HISTÓRIA

26 10 ANOS DE NOVIDADES

56 A IMAGEM EM CENA

68 ALÉM DA GRADUAÇÃO

92 NOVOS ALUNOS EM PAUTA

170 NOVOS CURRÍCULOS: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS?

PREFÁCIO

Este livro, produzido por alunos e alunas da disciplina Laboratório em *Livro-Reportagem*, oferece ao leitor um registro dos principais temas que fizeram parte dos 40 anos de história do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Após dez anos de lançamento do *Balzaquiano*, os organizadores e os autores trazem ao conhecimento da Academia e de toda a sociedade o *Balzaquiano+10*, mais um livro fruto da responsabilidade do eminente Professor Doutor José Antonio Martinuzzo que, generosamente, junto a ele, convida à organização do livro seu orientando da 1ª Turma do Mestrado em Comunicação e Territorialidades da UFES, Wagner Piassaroli Mantovaneli.

Os dez anos de intervalo entre *Balzaquiano* e este livro produziram, certamente, discussões e mudanças para o curso de Comunicação Social, merecendo a atenção para os temas que aqui selecionamos. São temas que não se restringem ao passado, mas que ainda continuam a produzir efeitos nas discussões presentes no cotidiano do curso. Um desses temas, parte do capítulo 2, diz respeito à suspensão das graduações de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, um momento de alerta, debate e articulações necessárias para que a Comunicação Social da UFES, que conta com competente e qualificado quadro



docente, possa voltar a prestar seu excelente serviço que já contabiliza 40 anos de inestimáveis ganhos à sociedade.

Prova da competência dos profissionais do curso consta nos dois próximos capítulos, que tratam sobre a conquista de mais uma habilitação — Cinema e Audiovisual — e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades. Ambas conquistas dinamizam e aprimoram os estudos da comunicação social dentro da Universidade, além de poder atender a uma demanda social que há tempos havia sido identificada. Já no quinto capítulo, os alunos trazem aos leitores a questão dos movimentos estudantis e da implantação do sistema de reserva de vagas na UFES, discutindo uma nova realidade à qual a Universidade e o curso de Comunicação Social têm de se adaptar. Por fim, o último capítulo reúne temas atinentes à discussão em torno dos currículos dos cursos de Comunicação: a relação entre a academia e mercado, a interdisciplinaridade do curso e o vínculo dos currículos a temas como as indústrias culturais e as redes.

Wagner Piassaroli Mantovaneli
Organizador, editor e revisor



INTRODUÇÃO ■

Prof. Dr. José Antonio Martinuzzo ■
Organizador e Editor do Projeto CoCa

O passado pode ser observado e narrado de diferenciadas formas. É fonte de múltiplas interpretações pautadas pela atualidade do narrador e sempre orientadas por um determinado horizonte almejado.

Um fato concreto pode suscitar, pois, diversas memórias. Depende de como foi registrado no tempo próximo de seu acontecimento e, principalmente, do tempo de quem o relembra, de quem o relê e o reconta. Memória não é passado, é leitura presente do que passou com vistas a um futuro desejado (HALBWACHS, 1990; POLLACK, 1989)¹.

E por que memória é importante? Recorremos a Le Goff, que, ao conceituá-la, demarca sua relevância: “um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (2003, p. 469)².

Importante salientar, segundo o mesmo autor, que “tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica” (p. 35).

Conforme afirma Le Goff, “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (p. 471).

1. Cf.: HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990. POLLACK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

2. Cf.: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

A comunicação capixaba, como de resto o Estado do Espírito Santo, carece de memória, ou de memórias, nos mais variados aspectos de sua sociabilidade. Em função dessa lacuna memorial, como professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), instituímos, em 2004, o Projeto de Extensão Comunicação Capixaba (CoCa).

O objetivo do CoCa é constituir uma memória da trajetória da comunicação espírito-santense. A edição sobre os 30 anos da história do curso de Comunicação Social da UFES foi a segunda da série, de um total de sete publicações efetivadas³. Neste 2015, completam-se 10 anos do lançamento do livro *Balzaquiano*.

Em qualquer situação, uma década não é pouco tempo. Consideradas a recorrência das novidades e as impactantes mudanças ocorridas nesse intervalo de tempo no âmbito do Departamento de Comunicação Social da UFES, 10 anos parecem uma “eternidade”.

Para narrar os fatos mais decisivos à história do curso nos últimos anos, estamos lançando *Balzaquiano+10 – Quarenta anos do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (1975–2015)*.

Trata-se de uma oportunidade de comemorar mais uma etapa do departamento e suas graduações, e também de um convite para se refletir, a partir da memória estabelecida, sobre os rumos que, coletivamente, estamos dando à formação de comunicadores no âmbito da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

O livro está estruturado em seis capítulos. De início, apresenta-se um resumo da história do curso de Comunicação Social da UFES, segundo o livro *Balzaquiano*. Na segunda seção, narram-se as mudanças estruturais básicas efetivadas nos últimos 10 no Departamento de Comunicação Social, como a transferência do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) para o Centro de Artes (CAR), a entrega do novo prédio de laboratórios (Bob Esponja), a suspensão de vestibulares para as graduações de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda, e contratação de novos professores, entre outros.

3. Cf.: www.comunicacaocapixaba.com.br.

A criação de uma nova graduação, a de Cinema/Audiovisual, é tema do terceiro capítulo. Em seguida, entram em pauta a pós-graduação, com a criação do Mestrado em Comunicação e Territorialidades (PÓS-COM), além das demais atividades de Pesquisa e Extensão.

Na quinta seção, reunimos a listagem dos alunos matriculados nas graduações nos últimos 10 anos, incluindo depoimentos colhidos via redes sociais sobre a experiência de estudar Jornalismo, Publicidade e Cinema na UFES. Este capítulo trata ainda de outros temas ligados aos alunos, tais como cotas, ativismo e movimento estudantil.

O sexto e último capítulo vai tratar dos novos currículos das graduações oferecidas pelo Departamento de Comunicação Social e ainda discute questões contemporâneas ligadas à área, tais como: Academia e mercado; interdisciplinaridade; indústrias midiáticas; midiaticização, redes e massas.

Em função do enquadramento descritivo deste livro, importante salientar que não se considera que a trajetória concreta de fatos e ocorrências da realidade se dê a partir de uma linearidade histórica, que é inexistente. Aqui também não se comunga da ilusão de uma narrativa totalizante.

Feitas as observações, firma-se: o que se objetiva é organizar um relato que destaque pontos decisivos, na visão dos autores e das fontes ouvidas, acerca da trajetória da Comunicação Social na UFES, com especial destaque para os últimos 10 anos, sem, necessariamente, confundir tal caminhada com evolução.

De toda sorte, uma conclusão se pode firmar de pronto, sem entregar o final da história: trata-se de uma caminhada de superações e muito dinamismo. Conforme destacamos na Introdução de *Balzaquiano*, o curso nasceu com data de validade de três anos. Já chegou aos 40. E mantém o vigor e uma disposição para os desafios dignos dos muitos jovens.

Enfim, uma trajetória memorável, que ganha este registro de um olhar sobre o passado, mas que, essencialmente, coloca-se condicionado pelo presente com vistas ao futuro.



1

TRINTA ANOS DE HISTÓRIA ■

Prof. Dr. José Antonio Martinuzzo ■

Mesmo localizado estrategicamente no litoral do sudeste brasileiro, o Estado do Espírito Santo apresenta uma trajetória marcada pelo desenvolvimento tardio. Ainda hoje, a política mantém-se periférica. A economia ganhou relevância somente pela inserção capixaba no projeto brasileiro de exportação de *commodities* a partir de meados do século passado.

O que aqui se chama de *delay* capixaba também se registraria na área das comunicações/imprensa, incluindo a criação tardia do Curso de Comunicação Social da UFES. Por exemplo, o Brasil já contabiliza mais de dois séculos de imprensa, tendo como marco inaugural das comunicações o ano de 1808, com a chegada da família real portuguesa ao País (MARTINUZZO, 2008). Mas o Estado do Espírito Santo ainda está longe de chegar à marca dos 200 anos.

Nas terras capixabas, só se teve notícia do primeiro jornal no ano de 1840, com o lançamento de *O Estafeta*, que ainda por cima só publicou um único número. Alguma regularidade só mesmo a partir de 1849, com a publicação de *O Correio da Vitória*.

Com 32 anos de atraso na cronologia dos periódicos pioneiros em todo o País, o Estado só fica na frente de Amazonas e Paraná, que se tornaram províncias do Império somente em 1850 e 1853, respectivamente (GONTIJO, 2004).

Como se vem assinalando, esse é mais um capítulo da história capixaba a comprovar que o Espírito Santo experimenta um elenco de “atrasos” com relação a vários aspectos do desenvolvimento nacional, incluindo a criação de um curso de Comunicação Social.

Nos anos 1970, com a consolidação de um circuito midiático composto por emissões via meios impressos, radiofônicos e televisivos, num ambiente de renovação de seu paradigma econômico, o Estado do Espírito Santo registra condições que demandaram a criação de um curso superior na área de Comunicação Social.

Destaca-se, no entanto, que essa novidade tardia também se impôs por questões legais acerca do exercício da profissão, definidas no âmbito da ditadura militar então estabelecida no País. Os detalhes de toda essa história são apresentados a seguir, a partir de um resumo do livro *Balzaquiano – Trinta Anos do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo* (MARTINUZZO, 2005).

DA CRIAÇÃO AO RECONHECIMENTO

Vinte e oito anos depois de a Faculdade Cásper Líbero ter sido fundada em São Paulo em 1947, o curso de Comunicação Social é efetivamente instalado na Universidade Federal do Espírito Santo em 1975. Foi o primeiro curso de Comunicação implantado no Estado capixaba, um dos últimos da Federação a ofertar uma graduação dessa natureza.

Registra-se que a criação de cursos de Jornalismo no Ensino Superior brasileiro foi regulamentada pelo Decreto-Lei 5.480, de 13 de Maio de 1943. Ou seja, considerando-se a questão legal, o *delay* capixaba é de 32 anos, inserindo-se na lógica de vários atrasamentos que marca da história espírito-santense.

Antes de se falar do contexto local da criação do curso capixaba, é importante demarcar que a legislação brasileira, neste caso basicamente instituída e reformulada várias vezes durante a ditadura militar, foi um importante impulsionador da instalação de cursos de Comunicação Social no País:

O Decreto 1.177 de 12 de junho de 1962 introduz na lei disposições sobre registro de diplomados. Em 17 de outubro

de 1969 o Decreto-Lei 972 estabelecia que os profissionais contratados fossem graduados na área. [...] O Decreto-Lei nº 65.912, de 19 de dezembro de 1969, exigia que pelo menos dois terços dos profissionais atuantes no mercado possuísem registro. Também há outros decretos-leis sobre o registro (13 de dezembro de 1963, 13 de março de 1979). [...] Deve-se notar, ainda, que a lei também regulamentou outras habilitações da Comunicação Social. A criação da profissão de publicitário foi definida pela Lei 4.680, de 18 de junho de 1965. Uma outra habilitação prevista no curso de Comunicação Social, mas não oferecida pela Ufes, as relações públicas, foi disciplinada pela lei 5.377, de 11 de dezembro de 1967 (Uliana et al., 2005, p. 18).

O curso de Comunicação Social da Ufes foi criado em meio a um processo de mudanças no cenário socioeconômico e comunicacional capixaba. Conforme dito, o Estado passava de uma economia agrária, fundada na cafeicultura, para uma base produtiva fabril-exportadora, com forte presença das *commodities* metálicas.

O cenário da comunicação também se modificava, com a implantação das emissoras de TV, incluindo a realização de programação local; o investimento em moldes produtivos empresariais nos jornais impressos; e a ampliação do número de emissoras de rádio, com destaque dado ao jornalismo, entre outros.

O jornalismo em alta e a exigência de formação acadêmica para o exercício da profissão, numa cena de vigor econômico, levaram à ampliação da demanda por profissionais diplomados. No final dos anos 1970, “estima-se que o mercado demandava cerca de 150 profissionais diplomados”, relatam Uliana et al. (2005, p. 19) sobre os primeiros tempos do curso de Comunicação Social da UFES.

Nessa contingência e com a pressão direta dos grupos de comunicação, principalmente o maior deles, a Rede Gazeta de Comunicações,

que possuía jornal, emissoras de rádio e estava entrando no mercado de TV, a Universidade Federal do Espírito Santo, que vivia uma fase de expansão de cursos, cria a habilitação em Comunicação Social em 1974, implantando-a no ano seguinte.

De acordo com Carlos Fernando Lindenberg Filho, ex-diretor geral da Rede Gazeta, “com a transformação dos jornais em empresas estruturadas, eles próprios enxergaram a necessidade de se implantar o estudo teórico e científico da profissão que enriquecesse e valorizasse os conhecimentos dos profissionais. Para acomodar a situação de quantos já trabalhavam sem o curso específico, eles foram registrados como ‘provisionados’, mantendo-se o exercício de sua profissão sem embargo da atuação de quantos concluíam o curso”.

“Todos nós éramos jornalistas sem preparo universitário. Eu, como jornalista, comecei a fazer uma campanha na minha coluna, para a criação do curso de Jornalismo na Universidade. Não se justificava que, com tantos jornais em Vitória, revistas e tudo, não se tivesse nenhum jornalista diplomado, formado”, afirma Hélio Dórea, à época, colunista do jornal *A Gazeta* e presidente da Associação dos Jornalistas.

Foi um início de improvisações e decisões provisórias, por inconcebível que isso possa parecer nos dias de hoje. Como o curso foi criado para atender à demanda das empresas, havia a decisão de se fazer inicialmente três vestibulares. Mais concursos, apenas depois de detectada novas necessidades do mercado de trabalho estabelecido. Ou seja, o curso nasceu com data marcada para “morrer”.

Em 1974, a UFES encaminhou ao Ministério da Educação e Cultura (MEC) solicitação de criação do curso de Comunicação com as seguintes condições: “Os referidos cursos [de Comunicação e de Biblioteconomia] terão caráter não permanente, estando prevista a formação de três turmas, com número não superior a 240 profissionais (80 por curso por ano) necessários ao atendimento da demanda do Estado, após o que não serão realizados novos vestibulares”.

Nessas condições, a criação do curso de Comunicação pela Ufes ocorreu em 11 de setembro de 1974, pela resolução número 16/74 do Conselho Universitário, dois dias após a autorização pelo MEC. O artigo 4º da resolução do Conselho Universitário informava que, “decorrido o prazo de 3 (três) anos, a Universidade só poderá abrir novas vagas se comprovada a necessidade do mercado de trabalho e renovada a autorização ministerial”.

Com esse começo mercadologicamente utilitarista, e em caráter provisório, o curso não recebeu nenhum investimento de porte. Funcionou na base do improvisado. Foi localizado, sem explicações, no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas.

“Para começar, uma coisa que ninguém entendeu: ele ficou no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. Informações não-confirmadas dão a explicação: nenhum outro Centro quis acolhê-lo”, relata José Irmo Gonring, ex-aluno e ex-professor do curso.

Integrante da primeira turma de jornalismo e ex-professora do curso, Gley Coutinho complementa: “O pessoal do curso de Artes não queria que a Comunicação fosse para lá. Eles já falavam que a gente era baderneiro e comunista. Nós queríamos que o curso fosse ligado a eles, mas ninguém queria o curso. Aí, depois, o pessoal da Administração, que na época todo mundo dizia que eram os mais retrógrados, foi que aceitou o nosso curso”.

A vinculação a um departamento já existente, no caso, o de Administração, ocorreu porque o Artigo 49 do Estatuto da Ufes dizia que os departamentos só poderiam ser instituídos com, “pelo menos, doze docentes, devendo seu pessoal e suas atividades, antes de alcançado esse mínimo, serem incorporados, para todos os efeitos, a outro departamento que com ele tenha maior afinidade”.

As diretrizes didático-pedagógicas do curso ficavam a cargo de uma Comissão Permanente de Integração Curricular (CPIC), designada pelo reitor e coordenada pelo sub-reitor acadêmico. Representantes de cada um dos departamentos que ministravam as disciplinas do currículo mí-

nimo da graduação (Filosofia, Psicologia, Letras, Ciências Sociais, Sociologia, História, Administração, Direito Público) organizavam o plano de curso, encaminhando-o à aprovação do Conselho de Ensino e Pesquisa.

No início de 1975, foi realizado o primeiro vestibular, com 80 vagas. Após três anos, em 1978, as duas primeiras turmas se formaram, sendo basicamente constituídas por profissionais que já trabalhavam no mercado local. Eram, em grande parte, os “provisionados” em busca de diploma.

Também se registrava a presença de recém-saídos do ensino secundário, o que gerava desafios aos professores na hora de ministrar disciplinas a públicos tão distintos do ponto de vista da cognição para atuação na área.

Um outro desafio era lidar com a “fiscalização” dos prepostos da ditadura militar infiltrados no campus da UFES, com olhares especiais aos “comunistas e baderneiros” da Comunicação.

Na lista de desafios desse início, registra-se ainda a peregrinação por salas de aulas espalhadas por pelo menos quatro centros do campus universitário de Goiabeiras, bairro da capital Vitória.

O que falar, então, de equipamentos e laboratórios? As primeiras máquinas de escrever eram refugio dos setores administrativos da universidade. As aulas de TV e rádio eram oferecidas fora do campus, por intermédio de convênio com a TVE e a *Rádio Espírito Santo*.

A contratação de docentes também era problemática, com lentidão, atrasos. Ademais, nem sempre havia professores com graduação em Comunicação. A solução era sempre contratar profissionais com algum curso superior e experiência de mercado na comunicação.

Quanto ao primeiro currículo, de 1975, a grade era generalista, oferecendo formação multidisciplinar em Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Editoração e Jornalismo, tendo em vista a preparação de profissionais polivalentes para o mercado.

Essa multidisciplinaridade estava na origem de dificuldades já relatadas como contratação de docentes e montagem de laborató-

rios. Assim, em novembro de 1976, a CPIC do Curso de Comunicação Social sugeriu a instituição de habilitações específicas. À época, as disciplinas práticas oferecidas contemplavam apenas o Jornalismo, por exemplo.

Com toda a sorte de dificuldades e desafios, o curso se manteve e, em 20 de outubro de 1977, pouco antes do fim previsto para graduação (último vestibular), a UFES solicitou ao MEC o reconhecimento do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Devido aos problemas já mencionados (docentes, infraestrutura, laboratórios, etc.), o Ministério da Educação, após parecer de comissão externa, faz uma série de exigências para a aprovação do curso.

Apesar do não reconhecimento, a universidade fez novos vestibulares em 1978 e 1979, ano em que, finalmente, o Conselho Federal de Educação reconhece o Curso de Comunicação Social da UFES através do parecer 7.610/78, Decreto nº 83.220 de 1º de março de 1979, publicado no dia seguinte no Diário Oficial da União.

Acerca dos primeiros tempos, os depoimentos são elucidativos e reforçam o desafio de empreitada. Sibyla Baeske, primeira professora contratada especificamente para o curso de Comunicação, reporta os problemas enfrentados à época: “As primeiras turmas tinham grande número de alunos com experiência em jornal, em graus variados. Já os demais vinham direto da escola secundária. Como estabelecer conteúdos e metas em turmas tão heterogêneas? Os meus colegas jornalistas da época, enquanto alunos, tiveram muita paciência comigo. Quem sabe intuíram que, com coragem e boa vontade, além de quinze anos de profissão, eu tentava enfrentar a improvisação reinante”.

A ex-professora e também ex-aluna Glecy Coutinho aponta precariedades e dificuldades enfrentadas: “No começo, as aulas eram só teóricas. Quando nós começamos a fazer as matérias práticas, não havia máquinas de escrever. A UFES e o CCJE fizeram um acordo com o Senac para a gente fazer as aulas práticas. Quando nós chegamos lá, eles queriam que nós nos matriculássemos como alunos de datilo-

grafia. Aí, nós achamos ruim e saímos de lá. Então, o doutor Roberto Evaldi, que era coordenador do curso de Administração, mandou uns funcionários percorrerem a UFES todinha para procurar onde é que havia máquinas de escrever que estavam encostadas e montou para nós uma sala. Só que as máquinas eram de vários tipos. Mais adiante, o pessoal ficou revoltado com aquelas máquinas de escrever. Pegaram as máquinas, botaram na cabeça e jogaram tudo lá na porta da Reitoria. Então, eles compraram sete máquinas de escrever belíssimas, modernas. Não durou uma semana, porque cinco delas foram roubadas”.

Sobre esse tema, a professora Sibyla Baeske também comenta: “até conseguir papel para datilografia não era fácil. Imprimir jornais e revistas era outra batalha, a cada semestre”.

Segundo Domingos Freitas Filho, um dos fundadores do curso e seu professor por oito anos, além das dificuldades internas, e também como resultado delas, “as redações dos jornais reclamavam que os primeiros alunos formados chegavam lá despreparados para o exercício das suas funções. Lutei muito para que o curso fosse levado a sério pelas autoridades universitárias. Comprei muitas brigas, fiz alguns inimigos, mas o curso está aí com um perfil e uma história muito boa para ser contada”, afirmou.

A INSTITUIÇÃO DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

A EXEMPLO DO QUE OCORREU NA CENA socioeconômica e político-cultural do Brasil dos anos 1980, a contingência da Universidade, e em especial a do Departamento de Comunicação Social (Jornalismo, Publicidade e Propaganda), também foi de muitas mudanças e dinamismo.

Depois dos imprevistos e desafios do início, o curso de Comunicação Social começa a década de 80 com melhores condições de funcionamento, mas as dificuldades e incertezas não haviam desaparecido do horizonte.

Para conseguir o reconhecimento, a UFES fez vários convênios com instituições públicas para oferta de aulas laboratoriais. Essa es-

tratégia nunca funcionou bem. Ou seja, a luta por condições básicas de ensino-aprendizagem se mantinha.

Os anos 80 começam com nova grade curricular para os cursos da Comunicação Social. Apesar da previsão de três graduações na área — Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas —, a UFES passou a oferecer somente as duas primeiras.

Juntamente com a implantação dos novos currículos, veio o desafio de se criar um departamento específico para a Comunicação Social, até então vinculada ao departamento de Administração.

Depois de muita disputa interna no centro, com discussões por quase dois anos a partir de 1978, os professores da Comunicação Social tiveram seu departamento criado em 30 de abril de 1980, permanecendo localizado no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE).

O depoimento da ex-professora do curso Elizabeth Rondelli desvela os bastidores da movimentação que levou à criação do setor: “Contávamos com alguma resistência do Departamento de Administração, mas principalmente com as resistências das chefias dos departamentos de Economia, de Direito Público e de Direito Privado, que ocupavam há muitos anos a direção do CCJE e não queriam ver o poder administrativo que controlavam ameaçado pela criação de mais um departamento. Por isso, os conflitos eram constantes e se manifestavam principalmente na reunião do Conselho Deliberativo do CCJE, em que o coordenador do curso de Comunicação Social tinha direito a voz e não a voto”.

Depois de muita pressão, incluindo o condicionamento da implantação do novo currículo à criação do departamento, aos poucos, alguns professores passaram a apoiar a implantação de uma estrutura específica para a Comunicação Social. “Não sei por que a gente caiu nas graças de um dos chefes do Departamento de Direito, o professor Mauricio de Oliveira. Ele começou a apoiar e aí alguns outros também ajudaram”, conta Tânia Mara Corrêa Ferreira, ex-professora do curso.

Uma outra mudança foi a efetivação dos professores do departamento, ocorrida em 1981. No entanto, falta de laboratórios e equipamentos, carência de professores e problemas com localização de salas de aula, entre outros, ainda se mantinham.

Em 1985, a área é novamente alcançada por uma mudança nas diretrizes curriculares. A grade montada a partir dessa norma vai orientar, salvo algumas poucas modificações, a formação de alunos que ingressaram nos cursos do departamento até o segundo semestre de 2003.

Da parte dos estudantes, tem-se desde o Balão Mágico, famoso movimento surgido em 1984 que questionava de maneira pouco ortodoxa, com performances públicas e *happenings*, as relações de poder e as metodologias do ensino superior, até a volta do Centro Acadêmico, após a redemocratização.

Também coube aos alunos a movimentação por uma rádio na universidade. A partir de uma emissora pirata, a Rádio TX, clandestinamente instalada na Biblioteca Central, iniciou-se efetivamente o processo de conquista da concessão da Rádio Universitária, ocorrida nos anos 90.

Falando nisso, a última década do século XX foi marcada por algumas conquistas importantes. Entre 1992 e 1995, os cursos do Departamento de Comunicação Social ganharam o seu primeiro edifício de laboratórios. Em 1995, a informatização recebeu impulso significativo.

Em 1993, o Departamento promoveu a 16ª edição do Congresso Nacional da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Nessa mesma década, foi criado o Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão (NEXO).

Em 1997, os alunos criaram a Empresa Júnior de Comunicação Social (Ecos Jr.) Também se consolidaram projetos laboratoriais históricos, como o jornal Primeira Mão.

NOVO SÉCULO, MUITAS NOVIDADES

O novo milênio chegou abrindo uma temporada de muitas novidades para o Departamento de Comunicação Social. Os estudantes estiveram à frente de movimentos de produção e circulação de audiovisual (Cine Falcatrua, GRAV). Registraram-se a modernização dos laboratórios (2003), a criação de jornal na Internet (Universo UFES, em 2002), o lançamento do programa radiofônico Bandeirão 104.7 (no ar até hoje na Rádio Universitária) e a implantação do novo currículo dos cursos do Departamento de Comunicação Social (2004), incluindo disciplinas como Comunicação Organizacional e Assessoria de Imprensa, campos com a maior expansão de mercado de trabalho em toda a área.

No entanto, duas grandes mudanças ainda estariam para acontecer: a tão almejada mudança de centro e a criação de uma nova graduação no Departamento de Comunicação Social.

Conforme salientado, desde a instituição do curso de Comunicação Social em 1975, a sua alocação no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) era causa de insatisfação interna. O desejo de mudança era motivado por dissimetrias entre as áreas, sem falar na falta de infraestrutura para as graduações em Comunicação, sempre reinante.

A ida para o Centro de Artes (CAR), localização sempre almejada pelo curso, foi articulada no sentido de situar o departamento em um espaço físico e uma estrutura administrativa nos quais se pudesse estabelecer um diálogo interdisciplinar mais efetivo, e com melhores condições de ensino-aprendizagem.

A mudança de centro foi aprovada pela Resolução 07/2005 do Conselho Universitário da UFES em 10 de março de 2005. Juntamente com o Departamento de Comunicação Social foram para o Centro de Artes verbas federais liberadas para a construção de um prédio de laboratórios multimídia, que passaria a atender a todas as graduações daquele Centro.

Mas isso é um outro capítulo desta história. Na verdade, são outros capítulos, referentes a este marco de um novo tempo, cuja narrativa motiva esta publicação. A seguir, confira o roteiro da última década na cena da Comunicação Social na UFES.

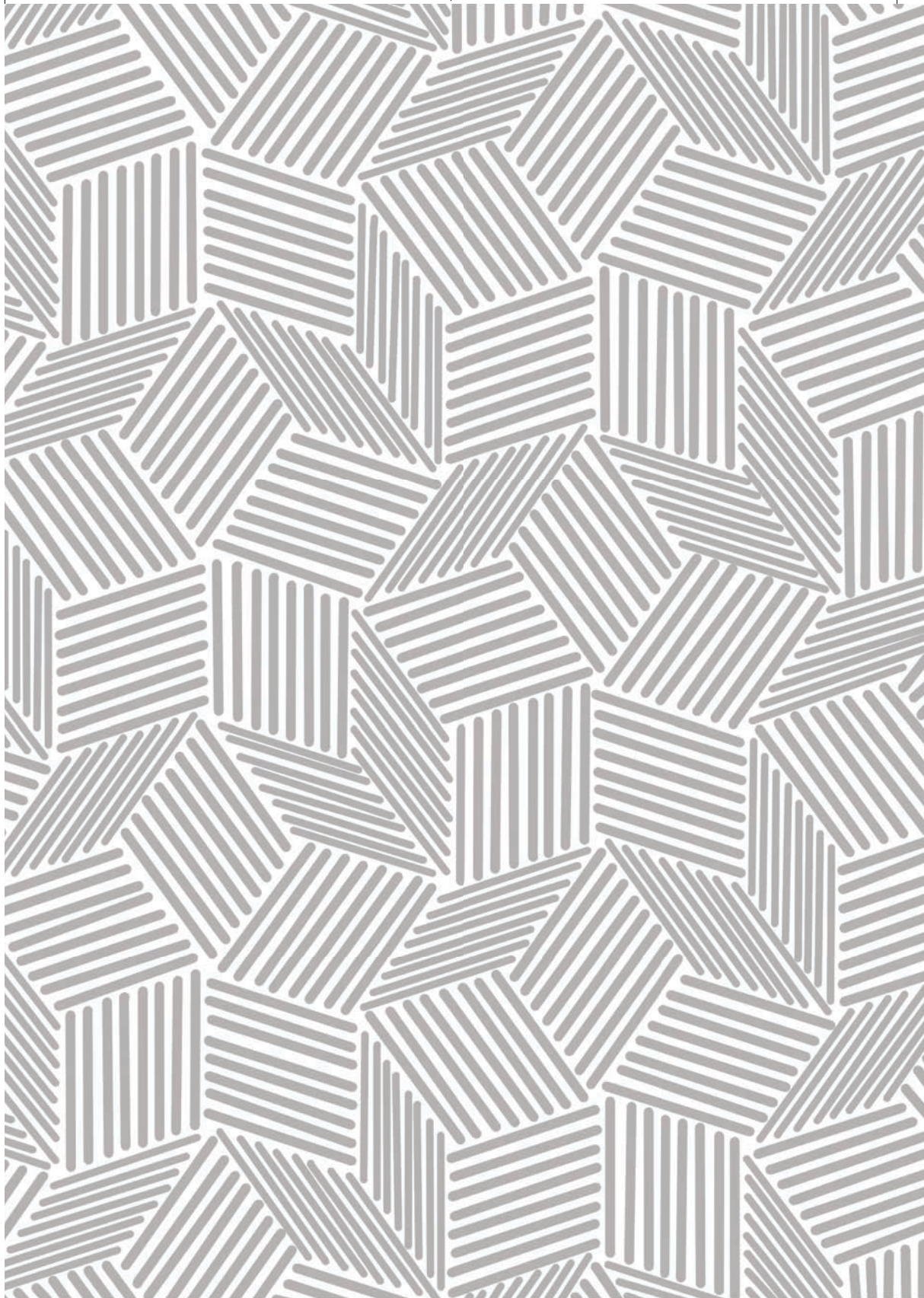
REFERÊNCIAS

GONTIJO, Silvana. **O Livro de Ouro da Comunicação**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

MARTNUZZO, José Antonio (Org.). **Balzaquiano — Trinta anos do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo 1975–2005**. Vitória: DIO, 2005.

_____. **Quase 200 — A imprensa na história capixaba**. Vitória: DIO, 2008.

ULIANA, Camila et al. Comunicação: História de interesses e poder. In: MARTNUZZO, José Antonio (Org.). **Balzaquiano — Trinta anos do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo 1975–2005**. Vitória: DIO, 2005.





2

10 ANOS DE NOVIDADES ■

Andreia Santos ■

Juliana Leite

Thalita da Silva

Thiago Sobrinho

MUDANÇA DE CENTRO: O CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E A TRANSIÇÃO PARA O CENTRO DE ARTES

Nos últimos dez anos, o curso de Comunicação Social da UFES sofreu diversas transformações, tais como: mudança de centro, construção do prédio Multimeios (apelidado de Bob Esponja), suspensão do vestibular e contratação de novos professores. Neste capítulo, trataremos de explicar cada mudança, seus benefícios e apontar questões que necessitam atenção.

O curso de Comunicação social surge no CCJE (Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas) vinculado ao Departamento de Administração, uma ciência social aplicada. À época da criação do curso na Universidade, convencionou-se que o melhor lugar para a Comunicação seria lá.

O movimento de mudança de centro é histórico e intensificou-se ao longo do tempo, principalmente devido a problemas de espaço físico. De início, não havia no CCJE um prédio de laboratório adequado para as atividades práticas que o curso de Comunicação necessitava, sendo que os alunos precisavam se deslocar no campus para fazer aulas laboratoriais.

A precariedade do espaço físico para o curso causou uma greve de estudantes que também teve adesão dos professores da Comunicação, em 1985, organizada pelo grupo “Balão Mágico”, um movimento

de estudantes de Artes Plásticas e Comunicação, com características artísticas e políticas, sem conotação partidária. Esse grupo tinha por objetivo reivindicar melhorias e questionar o que se fazia nos cursos.

A greve teve como pautas reivindicatórias mais infraestrutura, mais professores e, inclusive, a vinda da Comunicação para o Centro de Artes. O atual chefe de Departamento do curso, Cleber Carminati, que era estudante do curso na época, argumenta: “Hoje o CCJE está muito bem estruturado, mas na época só tínhamos salas de aula e a parte administrativa onde funcionava o departamento”.

O Centro de Artes tornou-se uma alternativa viável para a localização do curso de Comunicação, uma vez que era um espaço físico menos ocupado. Naquela época, só havia o curso de Artes Plásticas em Licenciatura e o Curso de Arquitetura.

São cinco os espaços denominados de Cemuni (Célula Modular Universitária) que compõem o Centro de Artes, e eram naquele período subutilizados, com somente dois cursos ocupando o local. De acordo com Carminati, a ideia de ir para o Centro de Artes também passava pelo exemplo da USP (Universidade de São Paulo), que possui a ECA (Escola de Comunicação e Artes).

Ismael Thompson, chefe de Departamento na época, relata, narrando algumas ocupações estudantis: “Os alunos, desde 1984, faziam esses movimentos de reivindicação para a transferência fixa do curso para o Centro de Artes”.

Apesar de existirem os movimentos estudantis e até de professores da Comunicação buscando a mudança para o Centro de Artes nos anos 80, a transferência do curso não aconteceu naquele período, como narra o ex-professor Ismael: “A transferência de fato para o Centro de Artes, agora sim negociada, sem ocupação, só foi acontecer na virada do século”.

A mudança de centro, portanto, foi bastante lenta, pois a adesão, o interesse massivo por parte das direções de Comunicação e de Artes, foi acontecendo aos poucos. Com as manifestações, ao menos, houve

um avanço no CCJE em questão de estrutura para o curso de Comunicação. Construíram-se, por exemplo, laboratórios de fotografia e vídeo e salas de redação. Entretanto, o espaço era muito pequeno.

Ao longo dos anos, o número de alunos do curso aumentou. Entravam quarenta alunos por ano para cada habilitação: Jornalismo e Publicidade e Propaganda. Em 2002, passou-se a receber cinquenta estudantes para cada habilitação. O espaço que já era pequeno tornou-se insuficiente. Segundo o professor Carminati, pensava-se que o curso daria conta do aumento de alunos e que, por consequência, conseguiria a adesão de mais professores. No entanto, as mudanças e a extensão do curso nesse sentido não aconteceram.

Além disso, de acordo com o professor Alexandre Curtiss Alvarenga, a convivência no CCJE era muito difícil: “nós estávamos em uma situação péssima no CCJE, porque estava havendo praticamente uma perseguição da chefia, que boicotava a existência da Comunicação lá, pois éramos oposição. Boicotava-se tudo o que era necessidade nossa”.

A partir dessa realidade, tendo a perspectiva de ir para outro local com o projeto aprovado, e possuindo também verba para construir um prédio que atendesse as demandas do curso, a tentativa foi feita e tornou-se bem-sucedida.

Ruth Reis, ex-chefe do Departamento de Comunicação Social, atuou decisivamente para se conseguir a transição definitiva do curso de Comunicação Social para o Centro de Artes. Ela apresentou, primeiramente, junto à deputada Iriny Lopes e, depois, na continuação do processo, com a deputada Rose Freitas, no início dos anos 2000, uma emenda parlamentar que daria direito a uma verba para a construção de um prédio de audiovisual, um prédio multimeios, para atender a demanda do curso de Comunicação Social no Centro de Artes.

A professora Ruth Reis, então, apresentou esse projeto juntamente com Cleber Frizzera, ex-diretor do Centro de Artes, conseguindo a sua aprovação. Junto a isso, veio uma verba de 700 mil reais na época. Para Frizzera, no entanto, a verba e a possibilidade de se ter mais um

prédio para o Centro não foram fatores decisivos para aceitação do curso de Comunicação lá. “Foi interessante, mas o que pesou mais foi a verificação de que a Comunicação poderia caber no Centro de Artes junto com os demais cursos já presentes aqui”.

“Essa foi mais uma luta do curso que, na verdade, iniciou-se nos anos noventa, quando o governo federal disponibilizou para as universidades mais equipamentos. Para o curso de Comunicação, por exemplo, chegariam câmeras de vídeo e de fotografia. À medida que esse material ia chegando, o problema do espaço físico se tornava cada vez mais visível. Não havia salas próprias para esses materiais no CCJE, e o material que chegava era dividido para os demais cursos do Centro, como Ciências Contábeis e Direito, que nem ao menos precisavam desse tipo de material. Para a Comunicação cabia ter de ficar pedindo esses materiais emprestados”, finaliza Ruth Reis.

A verba para a construção do espaço físico só foi liberada ao Curso de Comunicação no início dos anos 2000 e, a partir daí, professores e estudantes mobilizaram-se novamente para a vinda da Comunicação para o Centro de Artes. Houve a tramitação dos papéis entre os Conselhos do CCJE e o Centro de Artes na tentativa de aprovação da fixação do Curso de Comunicação Social no Centro de Artes.

Com a emenda aprovada e os 700 mil reais conquistados para o projeto de um prédio multimeios, o processo de transição do CCJE para o Centro de Artes foi efetivado. O professor Carminati, no entanto, lembra que mesmo assim houve controvérsias: “As aprovações no campo das administrações foram bem rápidas, mas houve resistência, sim. Problemas com professores tanto da Comunicação quanto do Centro de Artes que não concordavam com a proposta, muitas vezes até mais por má vontade do que por ter algum argumento esclarecido. Até mesmo a questão da relação das Artes com a Comunicação foi argumento contra a nossa instalação por aqui”.

Achava-se, todavia, que a aproximação com as artes poderia ser útil, por exemplo, para a criação publicitária, além de parcerias com

as áreas ali disponíveis. Pesou-se, então, o aspecto audiovisual que a Comunicação possui, tanto da Publicidade e Propaganda quanto do Jornalismo pelo seu aspecto televisivo, por exemplo. Carminati ainda considera a boa contribuição que o curso de Comunicação Social pode trazer para os cursos do Centro de Artes: “Tinha uma intenção política também. Trazer para o Centro de Artes, com a nossa presença e competência, críticas comunicativas e injetar um pouco dessa percepção, dessa leitura do mundo pela Comunicação aqui”.

Em relação aos cursos já presentes no Centro de Artes, como Desenho Industrial e Arquitetura, era notório que tais cursos pudessem ter boa influência para o curso de Comunicação Social, até mesmo abrir a possibilidade da oferta de algumas disciplinas desses cursos entrarem no currículo na forma de optativas.

A transição do curso para o Centro de Artes, a partir do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, não modificou, no currículo, o curso de Comunicação Social. Para Ismael Thompson, ex-chefe de Departamento, a interação entre os estudantes do Centro de Artes e da Comunicação foi algo positivo: “do ponto de vista do convívio dos alunos, eu verifiquei, semestralmente, um grande afluxo de alunos de Artes cursando as nossas disciplinas. E os nossos alunos também. Havia procura, por exemplo, de disciplinas do Desenho Industrial e das Artes Plásticas por eles”.

A mudança do curso para um novo centro, que pudesse ser fixo e com estrutura que garantisse melhores condições de estudos, precisou, portanto, ter efetivamente um processo de lutas e reivindicações tanto por parte de professores como de alunos.

De início, o processo de transição da Comunicação para o Centro de Artes, para os cursos já instalados no Centro, foi visto com estranheza. Aparecido José Cirilo, diretor do Centro entre maio de 2005 e janeiro de 2008, relata: “o primeiro momento teve um estranhamento, até porque ocupa um espaço físico que já aparentemente era pequeno”.

Cirilo participou da finalização do processo de fixação do curso no Centro em 2005 e relata: “no início foi tumultuado, no entanto prevaleceu um entendimento de que a Comunicação poderia deixar de ser um intruso para se tornar um parceiro. Foi feito um trabalho de infraestrutura na perspectiva de se criar um conforto afetivo e emocional entre os cursos no Centro”.

O Professor Curtiss argumenta que a chegada da Comunicação conseguiu ser bem-sucedida muito devido à sua produtividade: “a Comunicação acabou se impondo porque ao chegar e se assentar aqui, o nosso curso, depois de Arquitetura, tornou-se o curso com maior procura, maior número de alunos e com uma produção mais forte”.

Constatou-se, com o tempo, que a cooperação entre um saber como a Comunicação e outro como as Artes foi se tornando possível. Há hoje ações entre eles tanto na graduação quanto no mestrado, o que foi extremamente positivo para o crescimento do Centro.

Neste ano de 2015, completam-se dez anos que a Comunicação está instalada no Centro de Artes. Nesses dez anos, por exemplo, pode-se averiguar um avanço na contratação de professores e uma melhoria na estrutura de laboratórios disponíveis. Dos vinte e três professores que temos hoje, treze foram contratados nesses últimos dez anos e isso foi muito positivo para o Departamento, apesar de ainda não ser o ideal.

Para a professora Rosane Zanotti, as possibilidades que o Centro de Artes criou para o curso foram os grandes pontos positivos: “as instalações do Centro de Artes permitiram algum espaço para sala de professores, grupos de pesquisa e projetos de extensão, bem diferente do CCJE”.

O Cemuni V, o Cemuni I e o prédio Multimeios são os espaços mais utilizados pelo curso e, apesar de ainda existirem problemas com questões já históricas como a dificuldade de mapeamento do número de professores e de salas de aula com a infraestrutura muitas vezes problemática, o cenário da Comunicação na UFES mudou bastante e

notoriamente para melhor. Pode-se afirmar, inclusive, que o prédio Multimeios foi a maior conquista do curso nesses últimos dez anos, como destacaremos em seguida.

BOB ESPONJA

Após a transferência do Departamento de Comunicação Social do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas para o Centro de Artes da UFES, em 2005, um dos mais importantes avanços nesses últimos 10 anos foi a criação do prédio Multimeios, conhecido como Bob.

Esse nome foi designado devido ao formato quadrado do prédio, uma associação ao desenho animado “Bob Esponja”. A ex-chefe de departamento, Ruth Reis, comenta que “os estudantes de arquitetura, criticando o projeto (do prédio), fizeram um caixote, pintaram de amarelo e apoiaram uma escadinha do lado de fora para dizer que não tinha acessibilidade, e aí todos começaram a chamar de Bob Esponja”.

O Bob é um núcleo multimeios administrado pela direção do Centro de Artes e atende a todos os cursos do Centro. De acordo com o vice-diretor do Centro de Artes, Fábio Goveia, o prédio “contém laboratórios, espaços comuns que são de uso prioritário para alguns cursos do centro, ou seja, determinados cursos têm preferência no uso de determinado laboratório, porém não possuem exclusividade”. O professor Júlio César Martins, chefe de Departamento do curso de Comunicação Social nos períodos de 2006 e 2007, comenta que “o Bob é um núcleo do Centro, mas cada curso tem sua estrutura lá dentro. Ninguém está impedido de usar a estrutura do outro, mas é preciso negociar”. Ele ainda diz que “as salas de aula são de uso prioritário da Comunicação, mas não é exclusivo”.

Júlio conta que as discussões sobre a construção do Bob começaram em 2003. Foram várias reuniões para definir como o prédio poderia ser em meio à mudança do curso para o Centro de Artes. Segundo Júlio, “os cursos do Centro tinham dificuldades em usar salas

em comum e por isso foi difícil viabilizar antes (a vinda da Comunicação), porque como viríamos para cá sem ter sala de aula? Tínhamos necessidade de salas específicas — laboratórios, estúdio de gravação, estúdio de vídeo — (...). A construção do Bob foi um processo gradual de mudança, houve demora. Júlio afirma que “nesse período de mudança, a gente ficou tentando se adaptar às salas disponíveis que tinham aqui (no centro) e dando aula lá (no CCJE). O Bob só foi efetivamente usado em janeiro de 2009”. Então, o dinheiro foi liberado em 2005, a mudança foi feita no início de 2006 e o prédio só foi liberado três anos depois. O projeto previa dois laboratórios de áudio, dois de vídeo, um de informática, espaços para ilhas de edição, dois estúdios de foto, salas de apoio para os laboratórios e algumas salas de aula.

O professor e chefe de Departamento de Comunicação Social, Cleber Carminati, afirma que a obra foi finalizada com verbas do Reuni, programa de apoio a planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, assim como verbas da Reitoria. Houve, então, investimentos que atenderam a todo o centro, a partir da iniciativa que o curso de Comunicação teve. O curso de Audiovisual chegou juntamente com o Reuni, quando foi levantada a possibilidade de se criar um curso para aperfeiçoar os usos do laboratório. Assim, o Reuni contribuiu para o acabamento da obra inserindo equipamentos e criando mais laboratórios.

Dessa forma, o Centro foi significativamente beneficiado com a vinda da Comunicação. Cleber diz que não só foram disponibilizadas melhorias em questões de estrutura, mas também trouxe consigo em torno de 500 alunos e mais de 20 professores. Ele argumenta que “como se sabe que verbas vem nessa relação/proporção aluno e professor, número de alunos principalmente, o Centro de Artes continuou lucrando”. O Bob foi, portanto, uma conquista que gerou novas possibilidades, não só para o nosso curso, mas para o Centro como um todo.

Prosseguimos com conquistas, mas a manutenção é complicada. A obra ficou maior do que a verba disponibilizada poderia cobrir e

o projeto original não foi bem feito pela empresa inicialmente responsável (houve problemas de execução e atraso). Júlio afirma que “foram quatro fases de obras, (...) é um prédio difícil de ser construído porque tem que atender a necessidades específicas — altura fora de padrão, estúdio de um lado, instalações elétricas de um tipo — e grande parte das coisas (...) não foi feita do jeito que estava planejada. As três primeiras fases foram realizadas pela empresa Zambone. Ela teve problemas, a Universidade já suspendeu a obra dela, multou, mas acaba que volta por intermédio de outras (empresas). A quarta fase — basicamente para colocar tratamento acústico, piso, algumas coisas de acabamento para as salas poderem ser usadas — foi feita por uma empresa que, curiosamente, era subcontratada pela Zambone”.

Segundo Fábio Goveia, o revestimento do telhado, por exemplo, não foi colocado adequadamente. “Quando tivemos grandes chuvas em 2013 e até mesmo antes, iniciou-se um processo de infiltração muito grande no Bob, que levou à deterioração das salas, muitas ficaram mofadas, revestimentos acústicos foram destruídos, as portas incharam. O Bob ficou numa situação muito complicada para termos aulas”. Além disso, em setembro de 2011, ocorreu um incêndio no prédio. Fábio informa que a suspeita era de problemas na fiação elétrica. Muitos equipamentos foram perdidos e algumas salas ficaram inutilizadas: “Três salas ficaram inutilizadas e duas dessas salas eram usadas pelo curso de Comunicação. Uma era uma sala de teclados do curso de música, foram queimados 60 teclados novinhos (...), um prejuízo muito grande. Teve um processo de investigação da polícia federal e apenas em 2014 foi autorizada a reforma — não poderia acontecer a reforma antes que o processo tivesse sido finalizado. Foram conseguidos recursos para fazer a obra”.

Passamos então a ter um recurso para reformar as salas danificadas pelo incêndio e para reformar o telhado, que já apresentava alguns problemas. Somando-se a isso, Fábio Goveia expõe que “havia restos de recursos — no final de 2013 — que estavam liberados para

serem empenhados pela Universidade. Se não fossem empenhados nesse período, se perderia. A gente tinha um projeto de ampliação das salas para corrigir um problema estrutural que era uma goteira, uma infiltração que acontecia por conta da varanda que o Bob possuía, descoberta. A direção achou melhor, em vez de apenas cobrir a varanda, ampliar e construir três laboratórios de multimídia. Esse foi o processo inicial, a empresa vencedora assumiu e começou a obra no final de 2013. Era para ser finalizada em maio de 2014. Essas obras começaram, mas não terminaram, porque a empresa que começou as obras ganhou outras obras e ela não conseguiu tocar.”

Houve uma somatória de eventos que acabou piorando a situação do Bob. Fábio Goveia conta que, nesse período, “ficamos com salas interditadas por conta das reformas. Imaginava-se que essa interdição seria temporária, mas a empresa responsável, a BY, começou a postergar a entrega das etapas da obra, alegando ora que a UFES não tinha feito pagamento, ora falta de material. Até que foi excluída do contrato”. A partir daí, entra em questão um processo judicial. Além disso, o processo burocrático para conseguir outra empresa para assumir a obra é lento.

Dessa forma, atualmente, desde fevereiro de 2014, especificamente, o que acontece no Bob é uma reforma para ampliação e reparo que ainda não está finalizada. São as mesmas complicações confrontadas no início, que seriam basicamente a lentidão para o acabamento do projeto assim como a dificuldade em executá-lo da maneira correta. Ainda há em questão dificuldades jurídicas, pois, segundo Fabio, “é necessário apresentar justificativas e provas do porquê iniciar uma obra sobre uma que já começou e que não ficou pronta com o dinheiro que foi aplicado”. O que era a solução virou uma preocupação do curso, tendo em vista que, em vez de proporcionar somente melhorias, a reforma também tem causado diversos transtornos.

No entanto, é inegável que o prédio proporcionou avanços em termos de infraestrutura, com a implantação de laboratórios e mais

salas de aula, não somente para o curso de Comunicação, como também para todos os cursos do Centro de Artes. O prédio Multimeios, ou Bob Esponja, é um centro de tecnologia que é um dos mais importantes dentro da Universidade e referência em Audiovisual no Estado. Segundo Fábio Goveia, está em discussão, inclusive, uma proposta para criar uma gestão no Bob de modo que se tenham espaços para o compartilhamento dos equipamentos do prédio com a comunidade de uma maneira organizada e regularizada. Outros laboratórios da universidade exercem essa prática e é uma forma interessante de manter os equipamentos sempre em funcionamento, pois, como afirma Goveia, “quanto mais se usa algo, mais protegido ele está”.

SUSPENSÃO DOS CURSOS

Faltava pouco para o VestUfes 2014 quando a bomba estourou: na edição do dia 6 de dezembro de 2013 do Diário Oficial da União (DOU), o Ministério da Educação (MEC) divulgou a lista dos 270 cursos de ensino superior que teriam o vestibular suspenso. Entre eles, estavam as graduações de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Para os 659 alunos que iriam participar do processo seletivo daquele ano, a decisão do MEC os impedia de concorrer às vagas do Departamento de Comunicação Social ofertadas pela Universidade. Depois de um ano inteiro de preparação para o vestibular, restava aos candidatos apenas duas opções: prestar a prova para qualquer um dos outros 77 cursos disponíveis nos três campi da UFES ou solicitar o valor pago pela inscrição.

Uma das candidatas que optou pela primeira opção oferecida pela Universidade foi Paula Paiva. Natural de Colatina, município localizado no noroeste do Estado, a jovem realizaria o processo seletivo para Jornalismo. Porém, com a suspensão, nos dias 19, 20 e 21 de janeiro de 2014, ela prestou o vestibular para um curso diferente do que esperava.

“Eu me preparei durante todo o ano, mas depois que vi a confirmação da UFES (sobre a suspensão do vestibular), para não perder um ano de estudos, fiz a prova para outro curso”, disse Paula. “Apesar de ter ficado chateada com a situação, tentei escolher uma graduação que melhor se encaixava a mim”, complementou a universitária, que atualmente tem 19 anos e cursa o 3º período de Biblioteconomia.

O relato de Paula é apenas um de centenas de vestibulandos que há pouco mais de um ano foram impedidos de prosseguir com o sonho de se tornarem jornalistas e publicitários. Isso se dá, principalmente, porque a UFES é a única instituição de ensino público em todo o Espírito Santo que oferece gratuitamente tais graduações.

Como afirma o coordenador de curso de Comunicação Social da UFES, Rafael Paes, os reflexos da decisão do MEC podem ser percebidos ainda hoje. “A demanda social (para esses cursos) é muito grande. Toda semana recebo e-mail de gente perguntando quando o vestibular irá voltar. São pessoas que estão em faculdades particulares e que têm interesse de vir para cá e de alunos que foram fazer Letras ou História porque não tinham vagas”, contou o também professor, que atualmente ministra a disciplina de Laboratório de Jornalismo Eletrônico.

Além de prejudicar vestibulandos e os demais interessados em ter uma formação em um dos dois cursos, o Chefe de Gabinete da UFES, Edebrando Cavalieri, avalia os danos que esse tipo de suspensão causou. “É um grande prejuízo para a sociedade porque é ela quem nos paga e nos mantém. Houve prejuízo em dois vestibulares no ingresso de pessoas que teriam o direito de estar aqui”, ressaltou Cavalieri.

Edebrando também acredita que essa não é a única mácula. Para ele, a imagem do curso perante a sociedade e o mercado de trabalho também ficou prejudicada. “Essa imagem é arranhada? Claro que é. Os alunos estão se formando em um curso que o vestibular foi suspenso e a repercussão no mercado de trabalho é um pouco negativa”, explicou o Chefe de Gabinete.

A SUSPENSÃO

Apesar de ter pegado muita gente de surpresa, a suspensão de um vestibular não ocorre de uma hora para a outra. No caso dos cursos de Comunicação Social, os resultados abaixo do esperado no Conceito Preliminar de Curso (CPC) em 2009 e 2012 foram decisivos para a medida tomada pelo Ministério da Educação (MEC) em dezembro de 2013.

“Eu sabia do peso dessa medida e também sabia que nenhum recurso seria deferido porque o processo de suspensão não foi uma medida abrupta. Fez parte de todo um processo que, ao longo dos anos, desde 2009, o curso já estava sendo instigado a reagir a algumas questões que eram abordadas no Enade”, comentou Edebrando Cavaliere, Chefe de Gabinete do Reitoria da UFES.

O CPC é um instrumento que indica a qualidade do ensino superior em todo o país. Ele leva em conta fatores como a nota do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) — que é realizado a cada três anos tanto com alunos que estão ingressando na universidade quanto os que estão se formando —, a estrutura da instituição e a titulação dos professores. Desses três itens, o Enade é responsável por 70% da nota que o curso irá tirar.

Somando todos esses itens, em uma escala que vai de 1 a 5, índices entre 1 e 2 são considerados insatisfatórios. No caso, as duas avaliações — tanto em 2009 quanto em 2012 — dos cursos de Comunicação Social tiveram nota 2. Os resultados foram suficientes para que o MEC suspendesse o vestibular.

Na época da decisão, Cavaliere havia recém-assumido o cargo de Chefe de Gabinete da UFES. Para ele, que também faz parte da equipe de avaliadores do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), essa foi uma surpresa desagradável. “Primeiro, porque chegar na chefia de Gabinete e encontrar dois cursos com suspensão de vestibular é desagradável. Segundo, pois eu faço parte da equipe de avaliadores do Inep”, explicou Edebrando.

De acordo com o Chefe de Gabinete, a suspensão na oferta de vagas para o VestUfes 2014 não se deu por problemas graves do Curso de Comunicação Social. “Decorreu fundamentalmente do agravante que foi o boicote ao Enade. Isso daí foi um ponto muito presente porque repercutiu no conceito preliminar do curso e influi diretamente na nota”, avaliou.

Em entrevista ao Jornal A Tribuna de 7 de dezembro de 2013, estudantes que boicotaram o Exame explicaram o motivo do ato. Esse foi o caso de Frederico Carneiro, na época com 26 anos, que criticou a forma de avaliação. “Ela não é contínua e o MEC fica mais preocupado com *ranking* do que com a melhoria do ensino”, disse o ex-estudante, que boicotou o Enade de 2012.

Já Isis Cardoso justificou a não realização da prova por conta da sua obrigatoriedade. “Não concordo com a obrigação. A prova não avalia como é o processo de formação de curso, como são as aulas, só a teoria, e isso não é uma avaliação justa”, criticou a publicitária.

Apesar de defender a criticidade dos alunos das universidades federais, o coordenador de curso de Comunicação Social da UFES, Rafael Paes, enxerga o boicote como um ato irresponsável. “De certo modo, é deixar a bomba relógio armada e sair fora. O pessoal de 2009 e 2012 já formou. O prejuízo é para centenas de vestibulandos, para a imagem do curso e para quem ficou, que irão se formar em um curso que encontra-se fechado”, opinou.

Pare ele, há maneiras mais próximas e efetivas do que o boicote para exigir melhorias. “Os alunos têm de cobrar do coordenador do curso, do chefe do departamento, do diretor de centro, do reitor”, disse Paes. “Essas pessoas são as responsáveis pelas condições de oferta”, destacou o coordenador do curso.

A VOLTA DO VESTIBULAR

Em dezembro de 2014, um ano após o MEC suspender o vestibular de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, os avaliadores do Inep visi-

taram as instalações de ambos os cursos. Eles conferiram documentações do curso localizado no Campus de Goiabeiras e avaliaram três dimensões: organização didática-pedagógica, corpo docente e tutorial; infraestrutura; dispositivos legais obrigatórios.

Menos de um mês após as visitas, o resultado do relatório da avaliação in loco mostrou que ambas graduações receberam conceito final 4. Isso significa que o curso havia sido avaliado como “muito bom”. Logo, como afirma Edebrando Cavaleri “não há entraves” para que as vagas para Jornalismo e Publicidade e Propaganda sejam oferecidas novamente no VestUfes 2016.

No entanto, apesar de não existir empecilhos para a volta do vestibular, o processo seletivo dos próximos anos pode estar ameaçado. O motivo disso são os novos boicotes, que podem acontecer no Enade realizado no fim deste ano. “Eu não sei o que pode acontecer com um próximo boicote. É por isso que no semestre que vem iremos fazer reuniões com os alunos e falar tudo o que temos a dizer sobre essa experiência desde dezembro 2013”, comentou Rafael Paes.

A intenção desse bate-papo, como afirma o coordenador do curso, não é persuadir os estudantes que enxergam no boicote uma arma eficaz para que o MEC melhore o curso. “Eu não estou indo para persuadir ninguém. Eu tenho meu entendimento. Ele é o de quem percebeu os prejuízos e viu que a tática (do boicote) não deu certo”, concluiu Paes.

No dia 12 de Junho deste ano, enquanto dávamos os retoques finais deste livro, fomos surpreendidos, por meio da publicidade dada pelo Diário Oficial da União dessa data, pela Portaria nº 458, de 11 de Junho de 2015, na qual a Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior do Ministério da Educação (MEC) renovou o reconhecimento dos cursos Comunicação Social – Jornalismo e Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da UFES. A portaria também reverte a decisão do MEC com relação à suspensão de vagas para ambos os cursos (ver anexo ao final deste capítulo).

A PORTARIA Nº 458, DE 11 DE JUNHO DE 2015

Era junho de 2015 quando o Ministério da Educação (MEC) divulgou a portaria renovando o reconhecimento dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Depois de um ano e meio sem poder realizar processo seletivo para as duas graduações, a decisão do MEC deixava o caminho livre para que o Curso de Comunicação Social tivesse seu primeiro vestibular desde 2012.

Apesar do sentimento de alívio de ter os dois cursos voltando a receber novos alunos, essa já era uma decisão esperada dentro da Universidade. Isso porque o relatório in loco dos avaliadores do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) já dava pistas de que, cedo ou tarde, o vestibular para os cursos de Comunicação retornaria. A única surpresa foi a rapidez desse retorno.

A portaria do MEC saiu no dia 12 de junho no DOU, uma sexta-feira de Dia dos Namorados. Porém, os professores do Departamento do Curso de Comunicação Social da Ufes receberam a decisão do MEC apenas três dias depois. Com a informação de que o processo seletivo retornaria, veio também a notícia de que um novo vestibular iria acontecer já no segundo semestre letivo do mesmo ano; não em 2016, como era a expectativa de alunos, professores e todas as pessoas envolvidas neste imbróglio desde quando o vestibular foi suspenso em dezembro de 2013. “A gente fez uma reunião de Departamento no dia 18 e nela já se trouxe a informação de que a Universidade ia solicitar o vestibular. De certa forma, isso nos pegou de surpresa, pois tivemos que alterar nossa programação para o próximo semestre (2015/2) em função do número de professores e disciplinas que seriam dadas”, explicou o Chefe de Departamento do Curso de Comunicação Social, Cleber Carminati.

Sendo assim, o segundo semestre letivo de 2015 entraria com 26 novos alunos de Jornalismo e outros 26 estudantes de Publicidade e

Propaganda. Para que isso acontecesse era necessário agir rápido, muito rápido. Como não havia tempo para a realização do vestibular, a Ufes resolveu antecipar as etapas, sendo que os novos alunos de Comunicação ingressariam na Universidade apenas pela nota do Enem de 2014.

Mesmo com a importância do retorno do processo seletivo para o Curso, a celeridade adotada pela Universidade adiou o sonho de toda a cúpula da Comunicação: que os calouros entrassem com um novo currículo em vigor. “A nossa intenção era que o vestibular acontecesse com o novo projeto pedagógico, mas como ainda está em trâmite, ele tem que ser aprovado em várias instâncias”, disse Carminati.

Com a volta do vestibular, os professores de Comunicação decidiram redigir uma Carta Manifesto celebrando o retorno do processo seletivo. O momento também foi de realizar uma avaliação do Curso e dar a oportunidade para os docentes exporem suas demandas junto à Reitoria.

Ainda de acordo com Carminati, além de comemorar a volta de novos alunos ao Curso, esse documento solicitará que docentes sejam contratados. “Vamos colocar na Carta Manifesto as nossas demandas, o quanto o Curso precisa de novos professores. A relação aluno-professor é muito alta, tendo em vista que nós criamos o Mestrado e, basicamente, os professores saem do nosso Departamento. Isso gera demanda por pesquisa e hora de orientação”, destacou o Chefe de Departamento.

REPRESENTAÇÕES ESPECÍFICAS PARA CADA HABILITAÇÃO

A divisão de representação dos cursos de Cinema, Jornalismo e Publicidade e Propaganda é outra novidade desses últimos dez anos do curso de Comunicação Social da Ufes. As representações foram homologadas e reconhecidas, conforme as leis e resoluções permitiam, no segundo semestre de 2015. Todos os três cursos tinham uma única

representação, que era geral para o curso de Comunicação Social. As coordenações têm o papel didático e pedagógico de acompanhar as implantações dos currículos, acompanhar os alunos, entre outras funções. Para tratar destas e outras questões que envolvem o acompanhamento dos cursos, uma única coordenação ficava sobrecarregada. A demanda de trabalho era muito grande: “antes da suspensão do vestibular a gente tinha uma média de seiscentos alunos” afirma Carminati.

As escolhas dos nomes dos representantes das coordenações foram feitas no dia 18 de junho de 2015 pelo Departamento, sendo elas: para o Cinema e Audiovisual, professores Alexandre Curtiss (coordenador) e Fábio Camarneiro (subcoordenador); no Jornalismo, os professores Victor Gentili (coordenador) e Fábio Malini (subcoordenador); e na Publicidade e Propaganda, a professora Lygia Muniz (coordenação) e o professor Fernando Manhães (subcoordenação).

NOVOS PROFESSORES

A CONTRATAÇÃO DE PROFESSORES NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS do curso de Comunicação Social foi efetivada em cinco concursos, estes para professores efetivos. Editais para contratação de professores substitutos e voluntários ao longo desse tempo foram diversos. Ao decorrer desses anos, vários professores passaram a compor o corpo docente da Comunicação.

Com a aposentadoria de alguns profissionais, sendo elas cinco no total, durante esta última década as vagas ficaram em aberto para serem preenchidas por outros professores, sendo necessária a realização de um concurso ou a entrada de professores substitutos. São várias as etapas para efetivar a contratação, com séries de processos e documentos a serem analisados pelo DGP (Departamento de Gestão de Pessoas).

Quando um professor sai para licença à capacitação, doutorado e aposentadoria, o DEPCOM (Departamento de Comunicação) realiza reuniões para discussão sobre a contratação de professores efetivos ou

substitutos. O contrato do professor substituto tem um prazo pré-definido de dois anos. Após o término deste período, o professor, para ser contratado novamente, necessita aguardar dois anos, e só assim tem a possibilidade de se candidatar a outra vaga de professor substituto.

O processo de contratação passa por várias etapas. Primeiramente, pela abertura do edital, que é organizado pela banca escolhida em reunião do departamento. Os candidatos se inscrevem para a vaga e no ato da inscrição é entregue a bibliografia para estudo, e, assim, em um prazo médio de uma semana, o professor apresenta uma aula didática para ser avaliado por uma banca específica, que também pontua os currículos.

As etapas para contratação de efetivos se diferenciam daquelas de substitutos por apresentarem um prazo maior, pela escolha da banca, pelo formato das aulas didáticas e também pela prova que é submetida no concurso. Em geral, a banca de avaliação é composta por três professores do departamento de Comunicação da UFES e por um quarto avaliador, que é chamado de fora da Universidade. As aulas didáticas são filmadas, para se ter uma posterior avaliação.

Tratando-se da documentação, a contratação apresenta mais burocracias: é necessária análise de documentação e análise de currículo, isso para substituição de professor. O procedimento para efetivação é um pouco mais técnico e demorado devido às várias exigências que a Universidade submete.

Professores efetivados

FÁBIO GOMES GOVEIA – ano: 2008

ERLY MILTON VIEIRA JUNIOR – ano: 2008

RENATA DE REZENDE RIBEIRO – ano: 2009

JOSÉ EDGARD REBOUÇAS – ano: 2009

JANAÍNA F. LARA LEITE – ano: 2010

DANIELA ZANETTI – ano: 2010

JOSÉ SOARES DE MAGALHÃES FILHO – ano: 2010

GABRIELA SANTOS ALVES – ano: 2010

RAFAEL DA SILVA PAES HENRIQUES – ano: 2013

FÁBIO DIAZ CAMARNEIRO – ano: 2013

KLAUS'BERG NIPPES BRAGANÇA – ano: 2013

GABRIEL MENOTTI MIGLIO PINTO GONRING – ano: 2013

Por mais que o vestibular tenha sido suspenso em 2013, e com isso a consequência de não haver a entrada de novos alunos, a demanda por professores continuou a mesma. A necessidade de preenchimento de vagas não diminuiu.

A história dos 30 anos do curso conta como era difícil a contratação de professores, devido a recursos, salários, falta de qualificação e também falta de procura para preencher as vagas, fator que se agravava em grande parte pela inferioridade do salário. E por mais que estas dificuldades deixavam o processo lento e burocrático, segundo Helia Joseph, secretária do Departamento de Comunicação, nos anos anteriores onde o salário do professor substituto era muito inferior ao do efetivo, os profissionais, ainda assim, preferiam dar aulas para ter no currículo um nome de peso, como é o de uma Universidade Federal.

Uma mudança plausível foi o aumento do salário dos professores substitutos, que antes era menor que o salário do professor que seria substituído. O valor atribuído ao salário varia de acordo com o título do professor que é apresentado no ato da posse do cargo. A procura para o preenchimento das vagas foi notória, em grande parte devido ao aumento do salário. A qualificação profissional também foi um fator de destaque nesses anos de novidade, sendo que antes não havia procura para ministrar as disciplinas pela falta de qualificação e também desinteresse. Porém, nos últimos editais houve caso de disputa de até dezesseis candidatos para uma única vaga, segundo Helia.

Professores substitutos

KÁTIA DE LOURDES FRAGA – 2006

SÁSKIA APARECIDA MACIEL L. DE MORAIS C. DE SÁ – 2005 a 2006

FABIO GOMES GOVEA – 2006 a 2007

MARCILENE FORECHI – 2006 a 2007

DANIELA ZANETTI – 2006

KARLA MONTEIRO S. DE M. FONSECA – 2008

ROBERTA CALDAS SIMÕES – 2005 a 2006

LEANDRO CORREA QUEIROZ – 2007 a 2008

FABIOLA ZARDINI RIBEIRO – 2007

ERLY MILTON VIEIRA JUNIOR – 2007 a 2008

YASMINE HOFMANN RODRIGUES – 2007 a 2008

ELIANA MARTINS MARCOLINO – 2007 a 2008

FELIPE MACIEL TESSAROLO – 2008 a 2010

TEÓFILO AUGUSTO DA SILVA – 2008

RAFAEL DA SILVA PAES HENRIQUES – 2008 a 2009

MARIA HELENA DE ALMEIDA MACEDO – 2008

LETÍCIA NASSAR MATOS MESQUITA – 2008

DANIELA CANIÇALI MARTINS PINTO – 2009 a 2011

ELISA APARECIDA LEITE QUADROS – 2011 a 2013

HERBERT PABLO BASTOS – 2011 a 2013

VIRGINIA JORGE SILVA RODRIGUES – 2011 a 2013

RODRIGO SCHERRER – 2013 a 2014

VICTOR REIS MAZZEI – 2013 a 2014

HERVACY BRITO – 2013 a 2014

LUZIANE CRISTINE COELHO DA SILVEIRA – 2013 a 2014

MANUELA LOPES SANTOS NEVES – 2013 a 2014

SERGIO RODRIGO DA SILVA FERREIRA – 2015

EMERSON CAMPOS GONÇALVES – 2015

MANOELA PAGOTTO MARTINS NODARI – 2015

SASKIA APARECIDA MACIEL LAVINAS DE MORAIS CORREIA DE SÁ – 2015

A carência de novos professores é evidente no curso de Comunicação Social. E, segundo a professora Rosane Zanotti, “o departamento está estudando a necessidade de, pelo menos, mais cinco professores na Comunicação Social. Com a implementação de dois novos cursos — graduação em Cinema e Audiovisual e mestrado em Comunicação e Territorialidades —, a demanda cresceu e a quantidade de professores não acompanhou. Além disso, especialmente na Publicidade nós percebemos que áreas fundamentais (como redação publicitária e direção de arte) estão descobertas, o que acaba por não propiciar uma formação condizente com as demandas do mercado de trabalho. Mais uma questão que percebo em relação ao novo currículo — que está em tramitação para ser implementado — são outras áreas descobertas pelo nosso curso que foram sim propostas (em disciplinas optativas), porém algumas delas não podem ser oferecidas por nenhum dos professores do nosso corpo docente atual.”

As disciplinas optativas são possíveis devido ao empenho e dedicação que alguns professores tiveram ao longo desse tempo, ofertando a disciplinas como professores voluntários.

Professores voluntários

MAURO LÚCIO NASCIMENTO – 2007 a 2008

LETÍCIA ORLANDI ABRANTES – 2008 a 2009

NATHALIA C. CECCON – 2008

LOHAINE JARDIM BARBOSA – 2008

WHILZILENE DOS SANTOS GONÇALVES – 2008

CINTHIA FERREIRA

EDUARDO LUIZ DE OLIVEIRA FONSECA – 2008

FABÍOLA ZARDINI RIBEIRO – 2008

LUCYANO RIBEIRO – 2009

LUCIANO DOS REIS FRIZZERA – 2010

HÉRICA LENE OLIVEIRA – 2010

JOSÉ IRMO GONRING – 2012 a 2014

CARLOS ALBERTO MOREIRA TOURINHO – 2012

GETÚLIO DA COSTA HILÁRIO – 2012

JOBSON LEMOS – 2012

IVANA ESTEVES – 2012

GABRIELA SILVA RIBEIRO – 2013

FRANCISCO EDILBERTO DE OLIVEIRA FILHO – 2013

ROSE VIDAL – 2013

LIA SCARTON – 2013

RAFAEL DE ANGELI – 2014

Por mais que o curso ainda apresente dificuldades, sabe-se que as condições de trabalho para os professores melhoraram em vários aspectos. De acordo com a professora Rosane Zanotti, “em relação às condições de trabalho, destaca-se a melhoria dos laboratórios. No CCJE essa estrutura era muito reduzida e precária, portanto essa melhoria foi bastante importante. As condições de trabalho precárias me parecem próprias da Universidade, como falta de salas de aula, espaços físicos com péssima manutenção. Mas, por termos mais espaço hoje, posso afirmar que mesmo nesse âmbito as coisas melhoraram muito com a mudança de Centro. De qualquer forma acho que essa mudança de Centro foi bastante positiva, o departamento dialogava muito pouco com as áreas predominantes do CCJE e faz muito mais sentido que esteja no Centro de Artes.”

Novos professores renovam o curso e, além de preencherem as lacunas que estão presentes no curso, contribuem para a renovação de ideais, o que é importante para uma graduação de qualidade. De toda sorte, chegamos aos 40 anos com a contribuição dos profissionais que ainda compõem o corpo docente do DEPCOM e daqueles que compuseram o quadro, como os professores aposentados na última década — Tania Mara Correa Ferreira, Ruy Roberto Ramos, Maria Dalva Ramaldes, Antonio David Protti e Ismael Thompson Paula —, além da professora Renata Rezende, que fez concurso na Universidade Federal Fluminense (UFF) e para lá se transferiu em 2012.

REFERÊNCIAS

Disponível em: <http://www.ufes.br/conteudo/mec-autoriza-oferta-de-vagas-para-os-cursos-de-jornalismo-e-publicidade>. Acesso em: 16 de Jun. 2015.

Entrevistas

Professor Mestre e chefe do Departamento de Comunicação Social **Cleber Carminati**, no dia 27/04/2015.

Professor Mestre e chefe do Departamento de Comunicação Social **Cleber Carminati**, no dia 25/06/2015.

Professor Doutor **Rafael Paes**, no dia 05/05/2015.

Chefe de Gabinete da Reitoria da UFES, **Edebrando Cavalieri**, no dia 05/05/2015.

Professor Doutor **Alexandre Curtiss Alvarenga**, no dia 07/05/2015.

Ex-chefe do Departamento de Comunicação Social **Ismael Thompson**, no dia 07/05/2015.

Professora Doutora **Ruth Reis**, no dia 06/05/2015.

Professora Doutora **Rosane Vasconcelos Zanotti**, no dia 15/05/2015.

Universitária **Paula Paiva**, no dia 15/05/2015.

Professor Doutor **Aparecido José Cirillo**, no dia 06/05/2015.

Professor Doutor **Júlio César Martins**, no dia 14/05/2015.

Professor e vice-diretor do Centro de Artes, **Fábio Gouveia**, no dia 14/05/2015.

Secretária de Departamento do Curso de Comunicação Social da UFES, **Helia Joseph Anestino**, no dia 29/04/2015.

ANEXOS

Anexo A

6 ATRIBUNA VITÓRIA, ES, SÁBADO, 07 DE DEZEMBRO DE 2013

Cidades

AVALIAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

Vestibular proibido para 8 cursos

MEC suspendeu processo seletivo de cursos que tiveram nota baixa em avaliação, entre eles o de Comunicação da Ufes

**Daniel Figueredo
Elaine Proscholdt**

Oito cursos de universidades do Estado foram proibidos de realizarem vestibulares. A razão da suspensão de novas matrículas, segundo o Ministério da Educação (MEC), é que os cursos tiveram notas baixas por duas avaliações seguidas no Índice Geral de Cursos.

Cursos como o de Comunicação Social, tanto com habilitação em Jornalismo quanto em Publicidade e Propaganda, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) estão com o vestibular suspenso para o VestUfes 2014. Com isso, 659 alunos que iriam concorrer ao vestibular não vão poder fazer a prova e, se fizerem, não poderão se matricular na universidade.

Também estão com os vestibula-

res suspensos os cursos de Ciências Contábeis e Administração, da Faculdade Cândido Mendes; Administração, da Faculdade de Educação da Serra; Ciências Contábeis, da Faculdade Vale do Cricaré, em São Mateus; Administração, da Faculdade de Ciência da Educação do Caparaá, em Guaçuá; e o curso de Administração da Faculdade Casa do Estudante de Aracruz.

As instituições terão 60 dias para enviar ao MEC plano de melhorias e reestruturação no corpo docente, e 180 dias para enviar plano de adequações na infraestrutura e no projeto pedagógico.

A suspensão, segundo o Ministério da Educação, ocorreu por conta de notas baixas nas avaliações de 2009 e 2012. O índice é feito com base em três fatores: Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade); infraestrutura e análise da qualificação dos professores.

O ministro da Educação, Aloizio Mercadante, afirmou que não basta ampliar o número de vagas nas faculdades sem que tenha qualidade. "Os cursos que tem conceito abaixo de 3, estão sujeitos a essas regras. Neste ano, 270 cursos da área de humanas não poderão abrir vagas para novos estudantes."



MARCUS VINICIUS MAGALHÃES sonha cursar Jornalismo e ficou indignado com a suspensão do vestibular

Estudantes vão acionar a Justiça

Decepcionados e tristes, estudantes que pretendiam fazer a segunda etapa da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) nos cursos de Comunicação Social (Jornalismo) e Publicidade e Propaganda se preparam para entrar na Justiça. Sonhando em fazer Jornalismo, Marcus Vinicius Dutra de Magalhães, 23 anos, do Projeto Universidade Para Todos (Pupt), ficou indignado. "Não podemos perder um ano de estudo. Vamos mobilizar as pessoas, fazer um abaixo-assinado e buscar nossos direitos na Justiça se preciso for", disse.

A estudante Carolina de Souza Campista, 18, disse que foi um choque saber que não haverá segunda etapa para Jornalismo na



CAROLINA: "É um desrespeito"

Ufes. "Não chorei, mas confesso que deu muita vontade, principalmente pela dedicação aos estudos. Isso é um desrespeito com nós alunos", desabafou.

Com o mesmo ideal, de conquistar um diploma de jornalista, Ariane Gomes, 18, descreve como revoltante o cancelamento da segunda etapa.

"Isso é muito triste e causa revolta. Já pagamos inscrição no valor de R\$ 60 e somos surpreendidos por essa notícia."

O estudante Claudio Correia Torres, 21, que pretende cursar Publicidade e Propaganda também não esconde a indignação.

"Fiquei surpreso. Não esperava passar por isso, especialmente porque falta praticamente um mês para o vestibular. Isso é hora de cancelar o curso?", questionou.

Alguns afirmaram que irão fazer vestibular em outras instituições de ensino, mas ressaltaram que a Ufes seria a primeira opção.

CURSOS COM VESTIBULAR SUSPENSO

INSTITUIÇÃO	CURSO	CPC 2009	CPC 2012	CONCEITO
Faculdade de Serra	Administração	1,59	1,594	2
Faculdade Vale do Cricaré	Ciências Contábeis	1,907	1,909	2
Faculdade Cândido Mendes de Vitória	Ciências Contábeis	1,268	1,349	2
Faculdade Cândido Mendes de Vitória	Administração	1,024	1,568	2
Faculdade Casa do Estudante	Administração	1,34	1,725	2
Faculdade de Ciência e Educação do Caparaá	Administração	1,31	1,905	2
Universidade Federal do Espírito Santo	Comunicação Social - Jornalismo	1,498	1,46	2
Universidade Federal do Espírito Santo	Comunicação Social - Publicidade e Propaganda	1,636	1,367	2

OBS: "Conceito Preliminar de Curso (CPC)."

FONTE: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC).

Ufes diz que vai recorrer

A suspensão do vestibular do curso de Comunicação Social - Jornalismo e Publicidade e Propaganda - será questionada junto ao Ministério da Educação (MEC) pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Em nota, a universidade atribuiu o mau desempenho dos cursos aos boicotes de alunos ao Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade). Segundo a Ufes, os cursos receberam investimentos

em infraestrutura e qualificação do quadro docente nos últimos anos. Para a Ufes, o fato dos alunos entregarem as provas em branco prejudicou o desempenho, pois o Enade "tem peso significativo na composição do conceito."

O diretor acadêmico da Faculdade de Ciência e Educação do Caparaá, em Guaçuá, Luiz Flávio Vianna Silveira, lamentou que a suspensão do vestibular de Administração tenha ocorrido após a realização da prova.

"Vamos buscar os trâmites legais na tentativa de reverter a situação para 2014. De qualquer forma, a faculdade se compromete a buscar a melhoria nos índices. Mas gostaria de ressaltar que, de 2009 para cá, obtivemos melhores índices, alcançando nota 3 no Enade."

Representantes das demais faculdades foram procurados por telefone no fim da tarde de ontem, mas não foram localizados.

ELES BOICOTARAM



"Avaliação não é contínua"

O estudante de Jornalismo da Ufes Frederico Carneiro, 26, boicotou a prova do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) 2012. Para ele, o boicote é contra a avaliação. "Ela não é contínua e o MEC fica mais preocupado com rankings do que com a melhoria do ensino", disse.



"Não concordo com a obrigação"

A publicitária Isis Cardoso, 26, afirmou que boicotou o Enade por entender, dentre outras coisas, que a obrigação em fazer o exame para poder se graduar é injusta. "Não concordo com a obrigação. A prova não avalia como é o processo de formação do curso, como são as aulas, só a teoria, e isso não é uma avaliação justa."



CAMPUS DA UFES: investimentos

Anexo B



28

ISSN 1677-7042

Diário Oficial da União - Seção 1

Nº 110, sexta-feira, 12 de junho de 2015

2	201360655	ADMINISTRAÇÃO (BACHARELADO)	175	FACULDADE SUMARÉ	INSTITUTO SUMARÉ DE EDUCAÇÃO SUPERIOR ISES LTDA	AV. IMIRIM, 1424 IMIRIM. SÃO PAULO - SP
3	201360605	ADMINISTRAÇÃO (BACHARELADO)	100	FACULDADE DAS ATIVIDADES EMPRESARIAIS DE TERESINA	FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL PAULISTANA	AVENIDA DR. NICANOR BARRETO 4381, VALE QUEM TEM - TERESINA - PI
4	201360633	GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS (TECNOLOGICO)	100	INSTITUTO CUIABÁ DE ENSINO E CULTURA - IGC	ASSOCIAÇÃO UNIFICADA PAULISTA DE ENSINO RENOVADO OBJETIVO ASSUPER	RUA OSWALDO DA SILVA CORREIA 621 BAIRRO SANTA MARTA, CUIABÁ - MT
5	201360123	MARKETING (TECNOLOGICO)	150	FACULDADE FERNÃO DIAS	FACULDADE ANTONIO AGUIAR LTDA	RUA FÁBIO DA CUNHA 70, CENTRO - OSASUNO - SP
6	201360154	CIÊNCIAS CONTÁBEIS (BACHARELADO)	250	FACULDADE ANHANGUERA DE CUIABÁ	ANHANGUERA EDUCACIONAL LTDA	RUA PAPA PIO XII 291, MACEDO - CUIABÁ - MT

PORTARIA Nº 458, DE 11 DE JUNHO DE 2015

A SECRETÁRIA DE REGULAÇÃO E SUPERVISÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR, no uso da atribuição que lhe confere o Decreto nº 7.690, de 2 de março de 2012, alterado pelo Decreto nº 8.066, de 7 de agosto de 2013, tendo em vista o Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006, e suas alterações, a Portaria Normativa nº 40, de 12 de dezembro de 2007, republicada em 29 de dezembro de 2010, do Ministério da Educação, e considerando o Despacho SERIES nº 215, de 20 de agosto de 2015, resolve:

Art. 1º Fica renovado o reconhecimento dos cursos superiores de graduação constantes da tabela do Anexo desta Portaria, ministrados pelas Instituições de Educação Superior citadas, nos termos do disposto no artigo 10, §7º, do Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006, alterado pelo Decreto nº 6.303, de 12 de dezembro de 2007.

Parágrafo único. A renovação de reconhecimento a que se refere esta Portaria é válida exclusivamente para o curso ofertado nos endereços citados na tabela constante do Anexo desta Portaria.

Art. 2º Nos termos do art. 10, §7º, do Decreto nº 5.773, de 2006, a renovação de reconhecimento a que se refere esta Portaria é válida até o ciclo avaliativo seguinte.

Art. 3º Ficam definitivamente revogadas as medidas cautelares impostas pelos Despachos nºs 206 e/ou 209, de 5 de dezembro de 2013, aos cursos superiores de graduação constantes da tabela do Anexo desta Portaria.

Art. 4º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

MARTA WENDEL ABRAMO

ANEXO (Renovação de Reconhecimento de Cursos)

Nº de Ordem	Registro e-MEC nº	Curso	Nº de vagas totais anuais	Mantida	Mantenedora	Endereço de funcionamento do curso
1.	201360657	ADMINISTRAÇÃO (BACHARELADO)	260	CENTRO UNIVERSITÁRIO DAS FACULDADES METROPOLITANAS UNIDAS	FACULDADES METROPOLITANAS UNIDAS ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL	AVENIDA MORUMBI 501, MORUMBI, SÃO PAULO - SP
2.	201360679	DIREITO (BACHARELADO)	200	UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTONIO CARLOS	FUNDAÇÃO PRESIDENTE ANTONIO CARLOS	RUA MONSIEUR JOSÉ AGUIAR, 333, SÃO JOSÉ - BARBACEENA - SP
3	201360638	DIREITO (BACHARELADO)	271	UNIVERSIDADE IGUAÇU	ASSOCIAÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE NOVA IGUAÇU	AVENIDA ABILIO AUGUSTO TAVOIRA 2134, JARDIM NOVA ERA - NOVA IGUAÇU - RJ
4	201360666	GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS (TECNOLOGICO)	60	CENTRO UNIVERSITÁRIO PAULISTANO	ORGANIZAÇÃO PAULISTA DE EDUCAÇÃO E CULTURA	RUA MADRE CARLINI, 28, VILA MARIANA, SÃO PAULO - SP
5	201360668	ADMINISTRAÇÃO (BACHARELADO)	120	CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JATAÍ (CESUT)	ASSOCIAÇÃO JATAIENSE DE EDUCAÇÃO	RUA SANTOS DUMONT, Nº 1.200, SETOR DESTI, JATAÍ - GO
6	201360695	COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA (BACHARELADO)	200	FACULDADE JK - UNIDADE II - FAMA	FACULDADES EURO BRASILEIRAS PARA EDUCAÇÃO SUPERIOR PRIVADA LTDA - ME	ÁREA ESPECIAL LOTES 18 A 22 S/N, GAMA - BRASILÂNDIA - DF
7	201360622	CIÊNCIAS CONTÁBEIS (BACHARELADO)	50	FACULDADE MODELO - FACIMOD	INSTITUTO MODELO DE ENSINO SUPERIOR S/C LTDA - EPP	RUA ENGENHEIRO BENEDITO MARIANO DA SILVA, Nº 95, BAIRRO CAJURU, CURITIBA - PR
8	201360620	DIREITO (BACHARELADO)	120	CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JATAÍ (CESUT)	ASSOCIAÇÃO JATAIENSE DE EDUCAÇÃO	RUA SANTOS DUMONT, 1.200 SETOR DESTI, JATAÍ - GO
9	201360632	ADMINISTRAÇÃO (BACHARELADO)	315	FACULDADE SUMARÉ	INSTITUTO SUMARÉ DE EDUCAÇÃO SUPERIOR ISES LTDA	RUA CAPOTE VALENTE, 1121, PINHEIROS - SÃO PAULO - SP
10	201360646	ADMINISTRAÇÃO (BACHARELADO)	175	FACULDADE SUMARÉ	INSTITUTO SUMARÉ DE EDUCAÇÃO SUPERIOR ISES LTDA	RUA TUIUTI Nº 442, BAIRRO DO TUIUTI, SÃO PAULO - SP
11	201360625	GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS (TECNOLOGICO)	110	FACULDADE SUMARÉ	INSTITUTO SUMARÉ DE EDUCAÇÃO SUPERIOR ISES LTDA	RUA GONÇALO NUNES, 366 TATUAPÉ, SÃO PAULO - SP
12	201360641	GESTÃO FINANCEIRA (TECNOLOGICO)	100	FACULDADE FLAMINGO	FLAMINGO 2001 CURSO FUNDAMENTAL	AVENIDA FRANCISCO MATAZZO 913, PERDIZES - SÃO PAULO - SP
13	201360621	ADMINISTRAÇÃO (BACHARELADO)	200	FACULDADE MODELO - FACIMOD	INSTITUTO MODELO DE ENSINO SUPERIOR LTDA - EPP	RUA ENGENHEIRO BENEDITO MARIANO DA SILVA, 95 CAJURU, CURITIBA - PR
14	201360630	ADMINISTRAÇÃO (BACHARELADO)	100	FACULDADE MADRE TEREZA	ESCOLA MADRE TEREZA LTDA - ME	RUA UBALDO FIGUEIRA 1777, NOVA BRASÍLIA - SANTANA - AP
15	201360654	ADMINISTRAÇÃO (BACHARELADO)	200	UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ (UTP)	SOCIEDADE CIVIL EDUCACIONAL TUIUTI LTDA. (SET)	RUA SYDNEY ANTONIO RANGEL SANTOS, Nº 26, BAIRRO SANTO INACIO, CURITIBA - PR
16	201360685	CIÊNCIAS CONTÁBEIS (BACHARELADO)	150	ESTÁCIO FIB - CENTRO UNIVERSITÁRIO ESTÁCIO DA BAHIA	IREP SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR, MEDIO E FUNDAMENTAL LTDA	RUA XINGU, 179 STIEP, SALVADOR - BA
17	201360686	ADMINISTRAÇÃO (BACHARELADO)	240	FACULDADE SALESIANA DOM BOSCO (FSDB)	INSPEITORIA SALESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA	AVENIDA COSME FERREIRA, Nº 5.127, ZUMBÍ DO PALMARES, MANAUS - AM
18	201360608	CIÊNCIAS CONTÁBEIS (BACHARELADO)	200	FACULDADE SALESIANA DOM BOSCO	INSPEITORIA SALESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA	AVENIDA EPAMINONDAS, 57 CENTRO, MANAUS - AM
19	201360647	DIREITO (BACHARELADO)	180	FACULDADE ESTÁCIO DE NATAL	IREP SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR, MEDIO E FUNDAMENTAL LTDA	AVENIDA ALMIRANTE ALEXANDRINO DE ALENCAR 708, ALECRIM - NATAL - RN
20	201360678	RELAÇÕES INTERNACIONAIS (BACHARELADO)	80	CENTRO UNIVERSITÁRIO LUSIADA	FUNDAÇÃO LUSIADA	RUA BATISTA PEREIRA 265, MACUPO - SANTOS - SP
21	201360610	COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA (BACHARELADO)	52	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	AVENIDA FERNANDO FERRARI, Nº 514, GOIABEIRAS, VITÓRIA - ES
22	201360693	ADMINISTRAÇÃO (BACHARELADO)	50	FACULDADE ASSOCIADA BRASIL	DE ENSINO SUPERIOR	RUA TIOUATIRA 243, BOSQUE DA SAÚDE - SÃO PAULO - SP
23	201360684	PROCESSOS GERENCIAIS (BACHARELADO)	150	FACULDADE FERNÃO DIAS	FACULDADE ANTONIO AGUIAR LTDA	RUA EL CIDDES, DA CUNHA, 70, SÃO PAULO - SP
24	201360653	ADMINISTRAÇÃO (BACHARELADO)	75	LIBERTAS - FACULDADES INTEGRADAS	FUNDAÇÃO EDUCACIONAL CO-MUNITARIA DE S S PARAÍSO - MG	RUA EUCLEDES BRAZ, 1018 LAGUNHA, SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO - MG
25	201360662	PROCESSOS GERENCIAIS (TECNOLOGICO)	180	FACULDADES OPET	OPET ORGANIZAÇÃO PARAÍSO DE ENSINO TECNICO LTDA	AVENIDA PRESIDENTE GETULIO VARELA, Nº 902, REBOÇAS, CURITIBA - PR
26	201360687	GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS (TECNOLOGICO)	200	FACULDADES INTEGRADAS CAMÕES	INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR CAMÕES LTDA	AVENIDA JAIME REIS, 331 ALTO DO SANTO ANTONIO, CURITIBA - PR
27	201360604	COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO (BACHARELADO)	50	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	AV. FERNANDO FERRARI, 514, GOIABEIRAS, 514 VITÓRIA - ES
28	201360607	CIÊNCIAS CONTÁBEIS (BACHARELADO)	200	FACULDADE CIDADE DO SALVADOR	INSTITUTO MANTENEDOR DO ENSINO SUPERIOR DA BAHIA LTDA - ME	PRACA DA INGLATERRA, 02 COMERCIO, SALVADOR - BA

Este documento pode ser verificado no endereço eletrônico <http://www.in.gov.br/autenticidade.html>, pelo código 00012015061200028

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2 de 24/08/2001, que institui a Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil.

Anexo C

Manifesto da Câmara Departamental de Comunicação Social pela imediata realização do vestibular para Jornalismo e Publicidade e Propaganda e por mais vagas de docentes

Em reunião ordinária realizada no dia 17 de junho de 2015, na sala 5 do Cemuni V, a Câmara Departamental de Comunicação Social, deliberou por manifestar seu total apoio e empenho para que os cursos de Graduação em Jornalismo e em Publicidade e Propaganda voltem a oferecer vagas para ingresso de novos alunos já no semestre letivo de 2015/2, mediante a realização imediata de processo de seleção extraordinário.

A oferta de novas vagas nesses cursos havia sido suspensa pelo Ministério da Educação em dezembro de 2013, devido a avaliação por meio Conceito Preliminar de Cursos (CPC) dos anos de 2009 e 2012. Em 12 de junho de 2015, por meio da Portaria 458, o MEC renovou o reconhecimento das duas graduações.

Nesse período, todos os esforços foram empreendidos para que a proibição imposta fosse removida e as vagas devolvidas à sociedade para que inúmeros jovens tivessem novamente a oportunidade de buscar sua formação nessas áreas na única universidade pública e gratuita do Espírito Santo. Desse esforço, participaram a Coordenação dos Cursos, a Chefia do Departamento, a Direção do Centro de Artes, ao qual os cursos estão ligados, e os órgãos superiores da Ufes.

Os cursos elaboraram e executaram um extenso protocolo de compromissos com o MEC que culminou em visitas de avaliação *in loco* de duas comissões de especialistas designados pelo Inep, nas quais as duas graduações obtiveram nota 4 (Conceito MUITO BOM), em uma escala que vai até 5. Apesar da boa nota global desses cursos, os relatórios dos avaliadores do Inep/MEC também **evidenciaram a necessidade de um incremento imediato do quadro docente do Departamento de Comunicação Social. Diante disso, vimos solicitar a destinação de 8 (oito) novas vagas de docentes** a fim de que se possa assegurar a oferta regular e com qualidade da carga horária de ensino de graduação e pós-graduação, de pesquisa, extensão e administração na área de Comunicação Social.

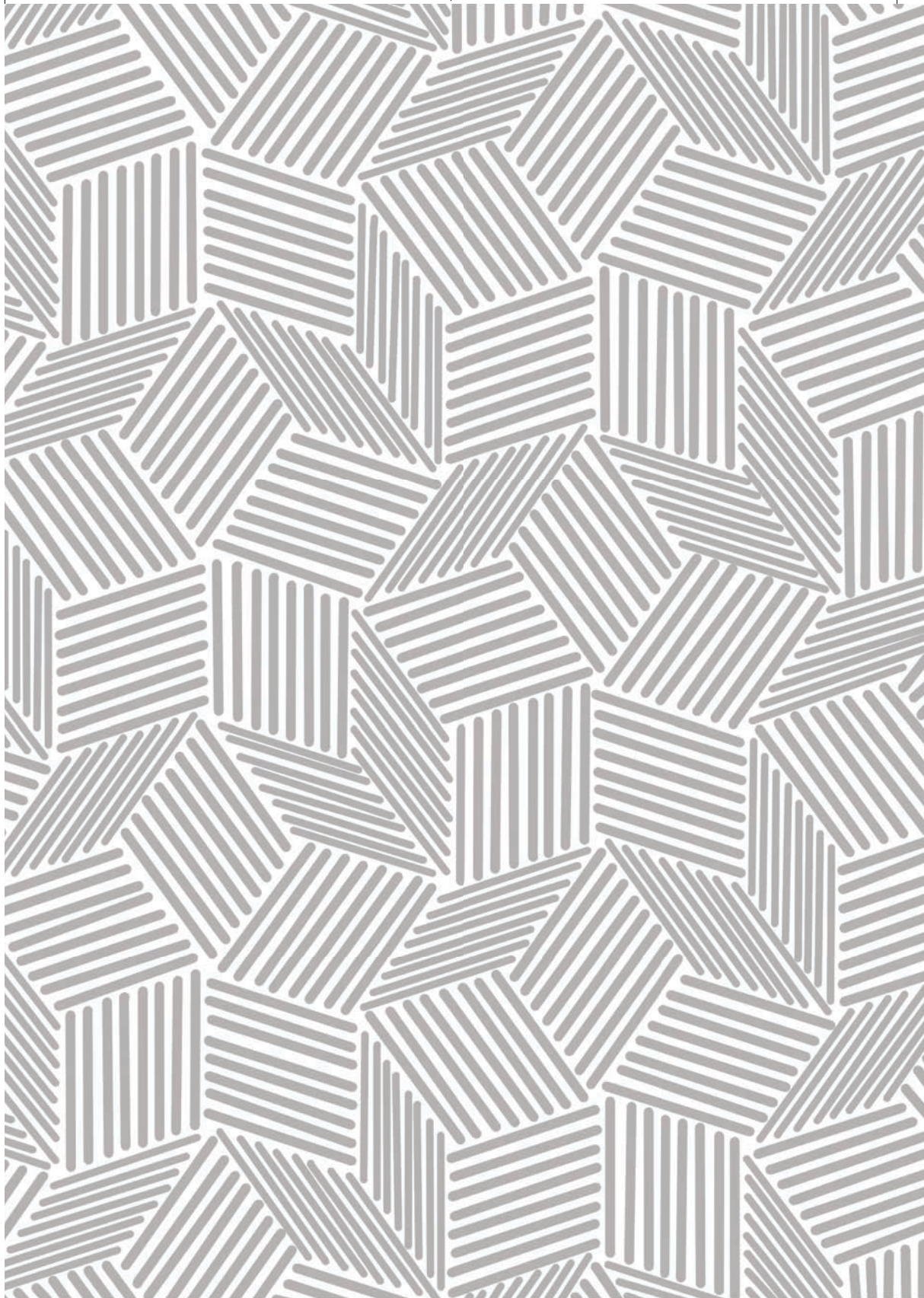
Hoje o Departamento de Comunicação Social responde pela oferta de mais de 90% das disciplinas que compõem os cursos de graduação em Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Cinema e Audiovisual e de pós-graduação em Comunicação e Territorialidades, contando para isso com apenas 25 docentes. Também precisa destinar cargas horárias de gestão (01 chefia de departamento, 04 coordenações de cursos de graduação e de pós-graduação e 03 coordenadores de laboratórios), e assegurar a produção de pesquisa e extensão, que compõem de forma indissociável o tripé pedagógico da Universidade.

Os cursos mencionados recebem relevante procura no vestibular, o que é indicador do interesse da sociedade nessas áreas de formação. Também vêm apresentado alta taxa de sucesso (baixa retenção e evasão), o que deve ser creditado ao empenho e dedicação da sua equipe docente que tem extrapolado suas cargas horárias contratadas para seus alunos possam receber minimamente a formação a que fazem jus. Hoje o Departamento de Comunicação mantém uma elevada relação de 27 alunos por professor.

Desta forma, a Câmara Departamental de Comunicação Social, por unanimidade, reafirma com veemência a necessidade de uma ação imediata e firme para que sejam destinadas 8 (oito) novas vagas de docentes, corrigindo-se as distorções mencionadas e assegurando que os cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Cinema e Audiovisual em nível de Graduação e o Programa de pós-graduação em Comunicação e Territorialidades continuem mantendo os altos níveis de desempenho didático-pedagógico e que a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão seja incrementada.

Em 17 de junho de 2015,

Câmara Departamental de Comunicação Social.





3

A IMAGEM EM CENA ■

Bianca Vailant ■

Brígida Armini

Luiz Felipe Pereira

A IDEIA E O REUNI

Abril de 2007. O então presidente Luiz Inácio Lula da Silva sanciona o decreto número 6.096, instituindo o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, popularmente conhecido como Reuni. Esse programa visava a modificar o cenário do ensino superior público, focando o investimento na criação de novos cursos e ampliação de vagas para novos estudantes.

No decreto, o artigo 1º estipula que sua meta global é a “*elevação gradual da taxa de conclusão média dos cursos de graduação presenciais para noventa por cento e da relação de alunos de graduação em cursos presenciais por professor para dezoito*”. Em suas diretrizes, há uma atenção maior para alguns pontos específicos, como a redução das taxas de evasão, ocupação de vagas ociosas e aumento de vagas de ingresso, as quais deveriam ser prioritárias para o período noturno.

Como todo projeto grandioso, o Reuni apresentava pontos positivos e negativos, recebendo diversas críticas, principalmente por parte do movimento estudantil e acadêmico. Eles apontavam falhas como uma possível supervalorização do ensino em detrimento da pesquisa e da extensão, causada pelo chamado “banco de professores-equivalentes”, através do qual haveria a possibilidade de contratação de mais professores sem dedicação exclusiva, 20 horas semanais, em vez de professores com carga horária de 40 horas semanais.

As polêmicas causadas pelo Reuni dividiram a universidade. Alunos se manifestaram na reunião do Conselho Universitário, que aprovaria a participação da UFES no projeto, atrasando a decisão. Com isso, alguns departamentos se colocaram contra, não executando propostas de criação ou ampliação de cursos. Assim foi com a Comunicação Social. De acordo com Cleber Carminati, Mestre em Comunicação e Semiótica e professor chefe do departamento à época, a Comunicação não participou da primeira fase do Reuni por motivos ideológicos e, principalmente, falta de informação: “(...) Tínhamos receio de ampliar as vagas para alunos, sem ter garantias para ampliar o número de professores ou não termos equipamentos.”

Porém, com a segunda fase do projeto, já no final de 2008, alavancado pelo professor Fábio Malini, vice-diretor do Centro de Artes à época, o departamento viu a oportunidade de criação de uma nova habilitação. Segundo Carminati: “Havia uma demanda grande de alunos que vinham estudar jornalismo e publicidade, mas queriam atuar no audiovisual. Nós tínhamos o GRAV (Grupo de Estudos Audiovisuais), um projeto de extensão que abrangia muito alunos (...)”.

O departamento já havia tido uma experiência pedagógica na área de audiovisual, no início dos anos 2000, quando por um curto período desenvolveram uma pós-graduação em Audiovisual. Essa área não tinha formação específica no Estado, mas a procura era grande e o desenvolvimento no mercado também.

Com isso, os professores do departamento, principalmente Cleber Carminati, Alexandre Curtiss e Erly Vieira Jr., mobilizaram-se para começar a estruturar o novo curso de Audiovisual. Contudo, para Carminati, eles enfrentaram as maiores dificuldades não na concepção do curso, e sim na aceitação de seu projeto no planejamento de novos cursos para o Reuni feito pelo Centro de Artes (CAR).

Em suas diretrizes, o Reuni é preferencial para os cursos noturnos e licenciaturas. Assim, os departamentos de Artes Visuais (DAV) e de Teoria da Arte e Música (DTAM) já haviam planejado seus no-

vos cursos desde a primeira fase do Reuni (entre 2007 e 2008), de acordo com esses parâmetros, e receberam, em 2009, a proposta do departamento de Comunicação Social (DEPCOM) de inclusão de outro curso no projeto.

O acréscimo de mais um curso no projeto do Centro determinava uma disputa maior pelo número de professores por departamento. Contudo, o Reuni pré-estabelecia um número mínimo da relação professores por aluno nos cursos participantes, que era de 1 professor para cada 18 alunos.

Para Cleber, essa relação foi o fator motivador dos problemas para alguns cursos como Artes Visuais, que, com a baixa entrada anual de calouros, somada aos altos índices de abandono e retenção, não conseguia atingir a média mínima estabelecida. Carminati elucida a situação da seguinte forma: “Nessas propostas [de divisão de professores], era muito conflituoso lá dentro da reunião do conselho, mas a gente articulou com outros cursos, e houve um entendimento. Se não fosse assim, não seria como estava se pensando, que você poderia ter uma entrada de sessenta alunos e vinte professores. Você tinha que estabelecer essa relação de dezoito por um, isso acabou gerando uma grande tensão”. Mesmo assim, requisitavam um número considerável de professores, pois eram necessários para que o DAV conseguisse abrir a nova licenciatura. O DTAM também pretendia abrir uma nova licenciatura noturna em música, porém já havia um curso similar no período matutino que também tinha uma baixa procura por parte dos alunos, o que incentivou uma possível mudança para o bacharelado.

Dessa forma, com a chegada da proposta de criação do curso de Audiovisual no Centro de Artes, toda a divisão dos 20 professores a serem contratados deveria ser refeita. Isso causou um certo desconforto, mesmo havendo os problemas com as relações de vagas de alunos por professor. Carminati explica as propostas de divisão iniciais: “(...) Eles (DAV) estavam propondo que ficassem com 9 vagas

de professores e nós ficássemos com 4 (...) assim, com a entrada de 30 alunos por ano, nossa relação ficaria de 30 por 1 no audiovisual, ou seja, se nós quiséssemos (formar o curso), teríamos de deslocar nossos professores de jornalismo e publicidade, sendo que já tínhamos uma demanda extremamente alta”.

Assim, a Comunicação teria de deslocar professores em demasia para o novo curso, não podendo atender suas próprias tarefas dos cursos já existentes. Nessa negociação, o DTAM teria direito às outras 7 vagas de professores.

As negociações no Conselho do Centro foram tensas, marcadas por protestos por parte de alguns alunos e professores, os quais taxavam a mudança proposta da Comunicação de “golpista”, por estarem tomando parte das receitas e das vagas de professores já acertadas anteriormente pela antiga gestão do Centro de Artes. Após muitos debates e tentativas de conciliação e convencimento, chegou-se a uma resolução entre os departamentos do centro. Os professores do DEPCOM que estavam à frente desses trâmites eram Carminatti e Fábio Malini.

“Foram muitas discussões, muitas polêmicas, muitas manifestações contra a gente por parte dos alunos e alguns professores das artes (...) mas no final isso acabou sendo definido, não só os professores, mas o dinheiro foi dividido igual entre os departamentos (...) Foi com esse dinheiro que reformamos e ampliamos as salas do BOB, equipamos nossos laboratórios de vídeo e de som”, disse Cleber Carminatti, chefe do Departamento de Comunicação Social do biênio 2009/2010. Ao final, a proposta vencedora definia que 7 professores iriam para a licenciatura em Artes Visuais, outros 7 para o bacharelado em música — que já havia desistido da licenciatura — e 6 para o audiovisual. Foi firmado entre o DEPCOM e o DTAM que este ofereceria duas matérias por ano para o audiovisual, uma em teoria da arte e outra em música, voltada para trilha sonora.

A CRIAÇÃO DO CURSO E SEU PROJETO PEDAGÓGICO

O ano de 2010 também traria mudanças para o curso de Comunicação Social da UFES, evento esse que não era nenhuma novidade para quem, de fato, já tinha na bagagem um histórico extenso de lutas, vitórias e muitas transformações. O curso que já contava com duas habilitações, uma em Jornalismo e outra em Publicidade e Propaganda, tinha agora como desafio a formação da mais nova habilitação: o Audiovisual.

O fato é que sempre houve uma vocação audiovisual nos alunos dos cursos de Comunicação da UFES. Entretanto, não se tinha ainda uma formação específica, mas as poucas disciplinas e equipamentos para algumas atividades práticas, além da incorporação de muitos alunos em grupos de extensão conhecidos como Cine Falcatrú e GRAV, possibilitavam o primeiro contato com o cinema e o vídeo experimental. Esse pequeno contato já era suficiente para que os futuros profissionais tivessem uma noção do que seria a área. Para o professor doutor em Comunicação e Cultura, Erly Milton Vieira Júnior: “Havia ali um fértil terreno para revelar profissionais atuantes na área do audiovisual capixaba”.

Segundo o atual chefe de departamento Cleber José Carminati: “(...) quando a gente levou a proposta do curso, colocada também pela direção do centro como uma modificação do projeto e da gestão anterior, da qual nós não participamos, já se criou uma questão: por que vocês não entraram antes e estão entrando agora, sendo que nós já nos preparamos para essas duas licenciaturas? (...) e então partimos para a disputa e para o convencimento.”

A mudança no projeto, também foi marcada pela criação do bacharelado em música por parte do Departamento de Música, e não mais uma licenciatura noturna, como era previsto no projeto anterior. A proposta casou com o interesse da criação do bacharelado em

audiovisual e a partir daí, nasceu a associação de trabalhos entre os dois departamentos, sendo a música com o foco em trilha musical e o audiovisual com foco no documentário, o que em parte ajudou na aceitação da mudança do projeto. Estabeleceu-se assim, a criação de dois bacharelados e uma licenciatura em artes visuais.

Participaram do projeto de criação da nova habilitação os professores Cleber Carminati, Erly Vieira e Alexandre Curtiss, que utilizaram como argumentos para a necessidade de sua existência a procura por parte dos alunos e o mercado — como a participação em festivais sem a formação profissionalizante na área da comunicação e artes, como justificativa para a implantação do curso. Foi preciso correr para criar um projeto pedagógico, que pudesse ser minimamente apresentável, e a demanda por professores e áreas para o curso funcionar.

A grade curricular criada estabeleceu como foco o documentário, em vista da ausência da especialização em outros cursos oferecidos por outras instituições. Entendiam a importância do gênero, a partir da premissa de que a universidade é vista como um campo de pesquisa e saberes, e o documentário estaria atrelado à necessidade de se ter uma área como essa para abrigá-lo; além do fato do jornalismo e da publicidade terem a chance de contribuir com todo esse processo.

Outro ponto marcante no currículo da nova habilitação é a importância dada para o roteiro, que é desenvolvido em três disciplinas obrigatórias. A primeira delas aborda o assunto de forma geral, já a segunda é voltada para obras ficcionais principalmente dramáticas. A última disciplina tem o foco no documentário, seu modo de produção e problemáticas.

GRADE CURRICULAR

1º PERÍODO	2º PERÍODO	3º PERÍODO	4º PERÍODO
Arte e Cultura Visual	Atelier do audiovisual II	Fotografia para vídeo	Cibercultura
Atelier do Audiovisual I	História e estéticas do audiovisual II	Teorias da imagem	Linguagem Sonora e Produção de Áudio
Fotografia	Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação	Roteiro II	Roteiro III
História e Estéticas do Audiovisual I	Roteiro I	Teorias da comunicação – perspectivas contemporâneas	Teorias e Linguagens do Documentário
Processos Criativos no Audiovisual	Teorias da comunicação – perspectivas histórica	Optativa	Optativa
5º PERÍODO	6º PERÍODO	7º PERÍODO	8º PERÍODO
Direção em Audiovisuais	Ateliê de Edição	Ateliê de Audiovisual para Mídias Interativas	Projetos Experimentais em Audiovisual
Edição	Edição de Som	Infografia e Videografismo	
Planejamento e Produção de Set	Legislação e Ética no Audiovisual	Produção Executiva e Mercado Audiovisual	
Teorias do Audiovisual Contemporâneo	Realização em Documentário	Elaboração de Projetos em Audiovisual	
Optativa	Trilha Sonora	Optativa	
	Optativa		

Carga Horária mínima para graduação era de 2.700 horas, divididas em:

- CARGA HORÁRIA OBRIGATÓRIA: 1.770
- CARGA HORÁRIA OPTATIVA: 300
- CARGA HORÁRIA DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES: 360
- PROJETOS EXPERIMENTAIS: 270

O projeto pedagógico do curso enfatiza, no entanto, que essa Grade Curricular é passível de modificações. Essas modificações seriam necessárias em decorrência do acompanhamento de novas tecnologias e modos de linguagem na comunicação. Dessa forma, o currículo pode ser atualizado, assim como os currículos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda foram por diversas vezes alterados.

Apesar de terem matérias em comum, o audiovisual não possui disciplinas obrigatórias em conjunto com as outras habilitações, devido ao curso ser noturno. Isso acabou por influenciar no contato entre esses alunos, que só acontece por meio de disciplinas optativas e atividades extracurriculares, como projetos de extensão, pesquisas e monitorias em laboratório.

Finalmente, ao final de 2009 é feito o primeiro vestibular, e a primeira turma ingressa no segundo semestre de 2010. O processo seletivo para essa habilitação até hoje funciona com entrada anual no segundo semestre e é ofertado com 30 vagas.

CINEMA E AUDIOVISUAL

Em março de 2014 ocorre a mudança de nome da habilitação, até então conhecida como Audiovisual, para Cinema e Audiovisual. O professor Cleber Carminati explica a nomenclatura Audiovisual destacando o objetivo principal do curso: “A gente não focou num primeiro momento em cinema porque a gente tinha um entendimento de que era um curso de audiovisual. A gente não queria separar o cinema da TV, do vídeo, das mídias interativas, das novas tecnologias, a gente estava entendendo que isso tudo era um campo do audiovisual e levou isso para frente como audiovisual.”

Porém, após receberem a visita do relator da CEPE, foi colocada a necessidade de adaptar o nome do curso às diretrizes apontadas pelo MEC, a fim de evitar maiores questionamentos na hora da avaliação do curso. “Quando chegou no CEPE o relator entendeu que (...), para a

gente não ter nenhum tipo de questionamento na hora da avaliação do curso, que seria melhor colocar o nome de cinema e audiovisual, para ficar mais adequado com as normas das diretrizes curriculares do MEC” Cleber Carminatti, Chefe do Departamento de Comunicação Social.

A mudança ficou restrita ao nome. O curso continuaria mantendo o seu foco em produção de documentários, a grade também permaneceria sem alterações, mantendo a identidade do curso, que acabara de formar a sua primeira turma. O professor Erly Vieira destaca a produção dos alunos e o bom desempenho daqueles que já atuam na área: “Vários filmes, desta vez produzidos dentro do curso, já estão circulando em festivais, alguns levando prêmios importantes (“Perto da Minha Casa”, de Carolini Covre e Diego Locatelli é um dos exemplos mais bem-sucedidos, tendo recebido vários prêmios). E vários alunos e ex-alunos estão atuando na área.”

REFERÊNCIAS

Entrevista concedida aos autores pelo atual chefe de departamento e Mestre em Comunicação e Semiótica **Cleber José Carminati** no dia 10 de Abril de 2015.

Entrevista concedida aos autores pelo Professor Doutor em Comunicação e Cultura **Erly Milton Vieira Júnior** no dia 6 de Maio de 2015.

ANEXOS

Anexo A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

DECISÃO Nº 18/2014

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, NA SESSÃO ORDINÁRIA REALIZADA NO DIA ONZE DE MARÇO DE DOIS MIL E QUATORZE, DECIDIU, POR UNANIMIDADE, EM FACE DO PARECER DA COMISSÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO, **APROVAR** A ALTERAÇÃO DO NOME DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM AUDIOVISUAL DO CENTRO DE ARTES DESTA UNIVERSIDADE PARA "CURSO DE GRADUAÇÃO EM CINEMA E AUDIOVISUAL". TUDO CONFORME CONSTA DO PROCESSO Nº 1.226/2013-71.

SALA DAS SESSÕES, 11 DE MARÇO DE 2014.


ETHEL LEONOR NOGUEIRA MACIEL
NA PRESIDÊNCIA

Anexo B



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

RESOLUÇÃO Nº 07/2014

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais e estatutárias;

CONSIDERANDO o que consta do Processo nº 1.226/2013-71 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – CAR;

CONSIDERANDO o Parecer da Comissão de Ensino de Graduação e Extensão;

CONSIDERANDO, ainda, a aprovação da Plenária, por unanimidade, na Sessão Ordinária realizada no dia 11 de março de 2014,

RESOLVE:

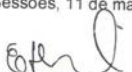
Art. 1º. Aprovar o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Audiovisual do Centro de Artes desta Universidade, conforme anexo desta Resolução.

§ 1º Se houver necessidade administrativa, a Pró-reitoria de Graduação (PROGRAD) poderá alterar o código das disciplinas constantes deste Projeto Pedagógico, mantendo inalterados os créditos e a carga horária existentes.

§ 2º A PROGRAD deverá comunicar ao Colegiado de Curso responsável, caso ocorra a alteração prevista no § anterior.

Art. 2º. Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 11 de março de 2014.


ETHEL LEONOR NOIA MACIEL
NA PRESIDÊNCIA

RC



4

ALÉM DA GRADUAÇÃO ■

Elisa Tavares ■

Luiza Mayra Ferreira

Mayra Scarpi

OS GRUPOS DE PESQUISA E EXTENSÃO

Uma parte fundamental para todos os alunos da graduação é participar de um projeto de pesquisa e/ou extensão. Dentro do curso de Comunicação Social, eles existem em grande diversidade para atender às demandas da área, desde as vertentes mais teóricas até as mais práticas.

Uma das iniciativas mais antigas é a **Empresa Júnior de Comunicação Social**, Ecos Jr, fundada em Setembro de 1997 por três alunas do quinto período de Jornalismo: Ana Paula Moraes, Luciana Cristina Pereira e Renata Lopes do Nascimento. Um ano antes, a Agência Experimental de Publicidade da UFES foi fechada e os alunos sentiam falta de um local para pôr em prática o aprendizado adquirido nas salas de aula. Luciana teve a ideia de fazer seu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) sobre empresas juniores, daí pensou na criação da Ecos.

Inicialmente, a Ecos Jr. funcionava no CCJE (Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas) e os primeiros clientes vieram a partir do contato de alunos com pequenos empresários e também da demanda de alguns eventos da universidade. Seu primeiro trabalho foi a produção de material gráfico e impresso para o Encontro Nacional de Estudantes de Administração (Enead).

Depois de muitos anos, foi transformada em projeto de extensão para facilitar a conquista de recursos estruturais. Já foi coordenada pela professora Gabriela Alves por um tempo, mas atualmente quem

exerce a função é a professora Rosane Zanotti. Ela participa das reuniões semanais, mas procura interferir o mínimo possível e se colocar como uma consultora apenas. Os núcleos são: Atendimento, Audiovisual, Eventos, *Marketing*, Publicidade, Jornalismo e Administrativo. Devido ao cancelamento do vestibular para os cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, a Ecos abriu vagas para os alunos dos cursos de Música, Desenho Industrial e Psicologia.

Segundo o aluno Thiago Morgado, que foi presidente da empresa júnior em 2013, “a Ecos me adiantou situações, problemas e aprendizados que com certeza encontramos no mercado, além de ter acrescentado muito para o meu lado profissional e pessoal”.

Antes do curso de Cinema e Audiovisual ser adotado pela UFES, o professor Alexandre Curtiss ministrou uma disciplina optativa sobre a temática cinematográfica, em 2004, na qual os participantes assistiam filmes, debatiam e escreviam sobre os temas pertinentes. Após o término da disciplina, alguns alunos pediram para que os encontros continuassem, foi aí que Curtiss teve a ideia de criar um projeto de extensão chamado Grupo de Estudos Audiovisuais, o **GRAV**.

Os alunos e o professor se reuniam aos sábados em uma sala do CCJE, centro onde o curso de Comunicação se localizava à época. A adesão dos alunos foi rápida, chegando a ter 60 alunos em sala, porém, segundo Curtiss, “a coordenadora do centro não gostava da presença da Comunicação lá, e acabava dificultando o acontecimento dos encontros”. Algumas vezes a turma encontrava a grade trancada, mesmo tendo licença por escrito, a senha do alarme e a chave da sala. Mas nem isso atrapalhava a vontade de discutir e estudar cinema, chegando até a pular a grade para fazer o projeto acontecer. Tudo era baseado na cooperação. O professor levava de casa o aparelho de DVD, já que a televisão disponível era pequena, e projetavam os filmes na parede por meio de um *datashow*. Os alunos levavam lanches para compartilhar e tornar o momento mais prazeroso.

Após alguns anos, somente como projeto de extensão, o professor resolveu solicitar bolsas de iniciação científica (PIBIC) para incentivar a permanência dos alunos, que já estudavam sobre o tema e contribuíam com a existência do cineclube.

Curtiss define o grupo como “mais ou menos uma fênix”: quando parece que está tudo parado eles voltam à ativa com mais força. Atualmente os encontros não são mais tão frequentes, mas o professor está com a expectativa de lançar um projeto grande em breve. O GRAV conta com uma bolsista, Jéssica Ribeiro, que estuda webséries.

Com a intenção de movimentar o curso de Comunicação e fazer os alunos entrarem em contato com a prática e com profissionais do mercado, o professor substituto Felipe Tessarolo, em 2010, criou o Projeto **3em1**. É um grupo de extensão que promove encontros de três profissionais das três áreas diferentes da comunicação para falar sobre um determinado assunto em comum. O trabalho dos alunos é voluntário, ninguém recebe bolsa, e vai desde a escolha dos palestrantes à organização do local do evento. Para facilitar o processo, eles se dividem em núcleos que ficam responsáveis por cada etapa, mas a união de todos é sempre prioridade.

A partir de 2013, a professora Hervacy Brito entrou na coordenação do projeto. Segundo ela, os alunos sempre foram muito empenhados e abraçavam a causa com garra para que tudo desse certo. Apesar de todos os problemas estruturais, a exemplo da falta de um espaço para as reuniões e para os eventos, da falta de materiais como microfones e caixas de som (não havia nem mesmo jarra de água para os palestrantes e, às vezes, papel higiênico no banheiro) o grupo sempre permaneceu unido e bem organizado e as palestras sempre foram um sucesso. Os alunos de comunicação da UFES eram normalmente a maioria do público, mas também estudantes de outros cursos e de outras instituições estavam presentes e todos geravam debates muito proveitosos para a formação profissional. Para os organizadores todo

esforço era recompensado quando ouviam os comentários do quão boa tinha sido a palestra ou até mesmo quando recebiam propostas de estágio pelos palestrantes.

O projeto, que antes contava com reuniões semanais e palestras mensais, teve sua frequência diminuída, pois os horários dos alunos para reuniões estavam ficando escassos, já que a maioria começou a estagiar. Dessa maneira, já não foi possível promover o mesmo número de eventos como no início. Ao final de 2014, a professora Hervacy deixou de dar aulas na Universidade, então o grupo deu uma pausa em suas atividades, e está esperando um novo professor orientador.

Um dos alunos que acompanha o 3em1 há bastante tempo é Renan Chagas, aluno de Jornalismo, que entrou no Projeto em 2011, no seu primeiro período da graduação. O interesse de Renan em participar foi por poder ter contato com a prática e atuar em um campo diferente do curso que estava fazendo (ele entrou no núcleo de criação, que inicialmente era para alunos de Publicidade). Ele define sua experiência como sensacional: “O 3em1 foi a possibilidade de conhecer o mercado que, muitas vezes, as aulas na universidade não mostram. Foi ter contato com o mundo além dos muros da UFES, com a vida real, com as possibilidades reais, com a profissão que escolhi e com outras que poderiam também ser uma possibilidade de carreira. Muita gente que começou no projeto conseguiu estágios e até vagas de emprego graças a ele. Além disso, o 3em1 sempre foi formado por pessoas maravilhosas, que sempre contribuíram com o outro e se mostraram disponíveis. São contatos profissionais e amigos para a vida.”

A professora Daniela Zanetti, desde o seu doutorado, já estudava a temática das mídias audiovisuais e novas tecnologias. Ao voltar para a UFES em meados de 2011, teve a ideia de criar o Grupo de Estudos de Cultura Audiovisual e Tecnologia (CAT). A intenção do grupo é agregar alunos em torno de pesquisas específicas nas temáticas e literaturas que ajudam a compreender fenômenos do campo audiovisual e mídias digitais, e mapear esses fenômenos. A dinâmica é enriquece-

dora já que os participantes se reúnem semanalmente para estudarem e discutirem juntos como a teoria pode se associar aos fenômenos. O CAT também desenvolve pesquisas paralelas, a exemplo da pesquisa nacional sobre consumo, convergência e juventude, realizada em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a colaboração do professor Rodrigo Scherrer.

Segundo Daniela, o grupo levou um tempo para ganhar musculatura. Rafaela Belo foi a primeira integrante e a primeira bolsista (PI-BIC) do grupo. A aluna, que antes de entrar em grupos de pesquisa e extensão não conseguia se encontrar no curso de Publicidade, interessou-se em estudar a área de indústria da música e internet. Foi assim que desenvolveram o projeto “Videoclipe, hipermídia e compartilhamento” durante o ano de 2012, no qual pesquisaram a “migração” do videoclipe para a internet. Para Rafaela, a experiência de iniciação científica foi de grande valor, já que em 2014 entrou na primeira turma do mestrado em Comunicação da UFES, onde desenvolve a dissertação “O Bonde Passou: Uma análise do Funk Ostentação na Internet e no Mercado Musical Brasileiro”, também orientada pela professora Daniela Zanetti. Não obstante, a aluna ministra a disciplina “Música, Mídia e Indústria cultural” de forma a cumprir seu estágio de docência. Ela contou que graças às suas pesquisas na graduação pode ter contato com grandes pesquisadores, organizou eventos e ainda foi selecionada para um intercâmbio acadêmico na Universidade do Minho em Portugal. Quando questionada sobre problemas estruturais que dificultassem o andamento de suas pesquisas ela respondeu que “tivemos (e ainda temos) dificuldades com equipamentos, recursos financeiros, auxílio para ir e organizar eventos e dificuldades com a própria estrutura física da universidade. No entanto, após ter tido uma experiência internacional, creio que nosso sistema de ensino é melhor do que pensamos e com as verbas que recebemos e os esforços do corpo docente nos últimos anos, o curso tem melhorado, os grupos de pesquisa estão se desenvolvendo e tivemos um mestrado

aprovado. Claro que o curso da UFES ainda tem muito para crescer e melhorar, mas depois de vários anos compondo o corpo discente, vejo que ocorreu um avanço e ocorreram melhorias na universidade. O CAT e o Observatório, que são os grupos que tive maior contato, cresceram rapidamente.”

Zanetti prioriza a qualidade dos bolsistas e voluntários, sendo assim, ela prefere que sejam menos participantes, mas que produzam conteúdos consistentes. Hoje são dois bolsistas de Iniciação Científica e três voluntários, além de três bolsistas do Mestrado.

O departamento de Comunicação não tinha tanto a cultura dos grupos de pesquisa. No entanto, com a chegada de professores doutores houve a demanda de salas, o que foi um problema inicial não só para o CAT, como para outros grupos de pesquisa e extensão. Daniela resolveu então ocupar o espaço do agora CEPEC, no Cemuni I, onde anteriormente ficava a direção do Centro. Junto com ela, outros professores também levaram seus grupos para as salas. Apesar da precariedade das instalações, os grupos conseguem dar um jeito de seguir em frente com suas pesquisas e seus projetos de extensão.

Os professores José Antonio Martinuzzo e Rosane Zanotti estão à frente do **Laboratório de Comunicação e Cotidiano (ComC)**, que também conta com a participação da professora da Universidade Federal Fluminense (UFF) Renata Rezende.

O Laboratório foi criado em 2012 e objetiva “pesquisar fatos, ocorrências e fenômenos sociais, econômicos, políticos e culturais no cotidiano da sociedade midiaticizada, estudando-se, no âmbito das práticas comunicacionais contemporâneas, dinamizadas pelas tecnologias da informação e da comunicação (TICs), a constituição, o uso e a difusão de narrativas e imagens, assim como a interface entre a comunicação e os campos da psicanálise e da política, incluindo-se o viés multicultural”.

Desde 2007, funciona o grupo de pesquisa **Sociedade Midiaticizada e Práticas Comunicacionais Contemporâneas**, formado por Martinuzzo e Rosane Zanotti. O objetivo é “pesquisar a recon-

figuração histórica das relações socioeconômicas e político-culturais contemporâneas e sua interface com o campo da comunicação, suas práticas e paradigmas, em ambiente de capitalismo global, informacional e cultural, na era da sociedade e da comunicação em rede. As linhas de pesquisa são: Economia Política da Comunicação e Sociabilidade Contemporânea; Práticas Comunicacionais e Organizações; e Tecnologias de Informação e Comunicação”.

A partir das pesquisas desse grupo, o professor Martinuzzo já lançou três livros: “Seis Questões Fundamentais da Comunicação Organizacional Estratégica em Rede” e Seis Questões Fundamentais da Assessoria de Imprensa Estratégica em Rede”, ambos pela editora Mauad (RJ), em 2013, e Os Públicos Justificam os Meios — Mídias Customizadas e Comunicação Organizacional na Economia da Atenção, pela Summus (SP), em 2014.

O **Labic**, Laboratório de Estudo de Imagem e Cibercultura, foi criado em 2006 pelo professor Doutor em Comunicação e Cultura, Fábio Malini. Em 2011, o professor Doutor em Comunicação Fábio Gouveia incorporou o seu Grupo de Foto ao laboratório. Cada docente possui o seu foco de pesquisa. O espaço de funcionamento era a sala que esses professores ocupavam, somente depois migrou para uma sala própria.

O Labic é focado no jornalismo de dados e também no design de dados, em analisar produtos digitais e realizar atividades de extensão e pesquisas sobre a cultura digital e suas influências e impactos na comunicação contemporânea. Recentemente, sua equipe publicou artigos sobre as manifestações ocorridas no Brasil nos meses de Junho e Julho de 2013 e também análises sobre as imagens mais compartilhadas durante a Copa do Mundo de 2014. Atualmente, há oito pesquisas em andamento.

Um outro projeto é o **Baile**, coordenado pelo professor e Doutor em Comunicação e Cultura Erly Vieira Jr. e o professor Doutor em *Media and Communications* e Comunicação e Semiótica Gabriel Me-

notti. Iniciado em 2013, tem como objetivo suprir carências do curso com atividades que não são muito contempladas, mas não deixam de ser importantes. Apesar de ser heterogêneo, volta-se um pouco mais para os alunos de Cinema e Audiovisual. Segundo o professor Gabriel Menotti, “a ideia realmente do Baile é abraçar o mundo com as pernas, um pouco nessa intersecção entre a comunicação e as artes, que acabam sendo os campos de trabalho meu e do Erly”. Dentro do Baile, Menotti também dá continuidade ao seu projeto **Telas à Parte** (*Besides the Screen*), iniciado em Londres, quando fazia doutorado: “O Telas à Parte é um projeto que comecei em Londres em 2010 com a Professora Virginia Crisp, quando ambos fazíamos doutorado em *Goldsmiths*. Ele surgiu de um grupo de pesquisa sobre distribuição cinematográfica que tínhamos na época. Tivemos o impulso de fazer um evento para reunir outros pesquisadores que trabalhavam com o tema e poder trocar ideias e referências, já que nunca houve muito espaço para ele nos fóruns sobre cinema e audiovisual. Desde o início, o foco do Telas à Parte (*Besides the Screen*) não foi apenas a distribuição, mas também a exibição e o consumo das imagens em movimento, reunindo vários campos distintos (cinema, arte contemporânea, vídeo, novas mídias) na mesma plataforma de pensamento”.

A primeira atividade realizada pelo grupo foi um bate-papo improvisado sobre direção de arte, no começo de 2013. No ano seguinte, organizaram a Semana Universitária do Audiovisual. Recentemente, articularam outro bate-papo, dessa vez com o tema produção sonora. Atualmente, junto com a TV UFES, o Baile está editando e lançando na internet entrevistas feitas com vários artistas que têm suas obras no acervo da Galeria Espaço Universitário.

Existe também o **Núcleo de Produção Audiovisual**, coordenado pelo professor e Mestre em Letras José Soares Jr. Foi criado em 2011, num contexto onde a TV UFES estava desativada e o professor, recém-chegado à universidade, teve a ideia de produzir algo para a TV universitária. Na primeira reunião, chegou a contar com a presença

de quase 40 alunos, sendo eles de Jornalismo, Publicidade e Audiovisual. No entanto, os alunos de Jornalismo e Publicidade tinham aulas à tarde, o que causou uma redução de 50% de estudantes participando do grupo. Inicialmente, surgiram 15 projetos, depois quatro ou cinco e só dois ou três vingaram, sendo que apenas um foi até o fim, o chamado Janela Universitária.

O projeto nasceu com um programa de televisão contendo diversos quadros, e depois os alunos tiveram vontade de produzir peças de ficção (é o que tem sido feito até hoje). Os participantes revezam as funções. Ora um é produtor, ora é diretor e assim por diante. Duas ou três pessoas desenvolvem o roteiro, um é escolhido, as equipes são formadas e começam as gravações. O orçamento é na base da “vaquinha”, por isso partem do roteiro que é mais fácil de ser executado e a estrutura é a do laboratório de vídeo. Atualmente, o projeto produzido é sobre os sete pecados.

A professora Ruth Reis em 2002, ao voltar do doutorado, sentiu a necessidade de se organizar para atuar na área da pesquisa. Ela criou, então, o grupo de pesquisa **Percursos Culturais**. Isso aconteceu ao mesmo tempo em que a UFES lançou iniciativas para pesquisas junto ao CNPQ, que incentivava o uso de plataformas de gestão *online* para que os professores atuassem dentro de grupos. O Percursos Culturais foi um grupo que respondia à nova dinâmica de núcleos de pesquisa, e sua designação abrangente comportava várias áreas de pesquisa, não necessariamente coesas. Era mais uma formalização. Nunca teve também um laboratório, um espaço físico para realizar essas pesquisas. Sendo assim, abrigou diversos pesquisadores de áreas distintas, que depois saíram para desenvolver suas pesquisas individualmente, como os professores Fábio Gouveia, Fábio Malini e Lygia Muniz.

Já o professor Edgard Rebouças, com a colaboração dos professores Rafael Paes e Victor Gentili, coordena o **Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência**. Está registrado no CNPq desde 2007 e funcionou na Universidade Federal

de Pernambuco (UFPE). Dois anos depois, passou a ser sediado na UFES. Em linhas gerais, o projeto é focado no respeito e na promoção dos direitos humanos, civis, políticos, sociais, culturais e econômicos, além de realizar um acompanhamento da produção midiática regional e nacional. Promove diversos eventos, dentre eles o Observações — seminário em formato de mesa redonda, provocando discussões sobre algum tema em voga no momento — e a Feira de Troca de Brinquedos, que incentiva pais e crianças a não comprarem brinquedos em datas como o Dia das Crianças e Natal, mas sim trocar os que não estão sendo usados com os de outras crianças. Atualmente, desenvolve as seguintes pesquisas e projetos de extensão: Educação para mídia (oficinas de leitura crítica da mídia); Monitoramento da publicidade de produtos e serviços destinados à criança; Capacitação de jornalistas para respeito e a promoção dos direitos humanos; Jornalista Danton Jobim: memória e reflexão. Segundo a aluna Stephani Paiva, que entrou no projeto quando estava no primeiro período de Jornalismo, “a experiência foi muito boa porque eu me identifiquei com pesquisa”.

O professor Erly Vieira Jr, logo que ingressou como docente na Universidade, em 2009, começou a desenvolver pesquisas junto a bolsistas de iniciação científica. Quando a professora Gabriela Alves entrou no ano seguinte, eles perceberam que seguiam linhas de pesquisa em comum e resolveram criar o grupo **Comunicação, Imagem e Afeto (CIA)**, que estuda e discute as relações entre corpo, imagem, memória e afeto. As produções são em sua maioria audiovisuais. Também se incorporaram ao grupo os professores Klaus Berg e Fábio Camarneiro. Hoje o CIA é composto por 13 orientandos de Iniciação Científica, três de TCC, cinco orientandos do programa de pós-graduação em Artes pela UFES e dois orientandos do mestrado em Comunicação e Territorialidades. Os pesquisadores, tanto alunos quanto professores, participam frequentemente de congressos nacionais e internacionais, além de publicarem suas pesquisas em revistas científicas. As pesquisas se

estruturam em três linhas: Cinema, corpo e afeto; Memória, imagem e práticas comunicacionais; Imaginários afetivos do cotidiano. Apesar de ser um dos grupos de pesquisa com mais integrantes do curso, o CIA divide a sala pequena com os grupos Baile e Cronópio, não possui computadores próprios e os pesquisadores utilizam os do Baile.

Outro grupo coordenado pelo professor Erly Jr. é o **Cronópio**, projeto de extensão iniciado em 2009 para a produção e discussão literária. Foi uma demanda dos alunos que queriam produzir mais. Eles editaram a revista Graciano, que teve oito edições, algumas com mais de cem páginas: reunia textos literários inéditos em poesia e prosa, entrevistas com escritores, eventos e críticas literárias. Muitos dos alunos que compunham o grupo, atualmente são escritores e profissionais importantes do cenário capixaba, a exemplo de Leandro Reis (autor do livro de contos *Catamaran*, 2012), Isabela Mariano (autora de *Gotas*, 2013), João Chagas (Autor do romance *A paz dos vagabundos*, 2014), Marcel Martinuzzo, Daniel Vilela (autor do romance *Música de mobília*, 2012), o produtor cultural Guilherme Rebêlo, o cineasta Sidney Spacini e alguns nomes que começam a se destacar no campo do jornalismo cultural: além do próprio Leandro Reis (*A Gazeta*), temos ainda Lívia Corbellari (*Século Diário*) e Rafael Abreu (*Estado de S. Paulo*). Erly fala com orgulho sobre a atuação do grupo: “atualmente encerramos suas atividades, uma vez que a geração que o fomentou acaba de concluir a graduação na UFES. O Cronópio deixa um legado importante: o que começou como um projeto de extensão acabou marcando toda uma geração na cultura local.”

No ar oficialmente desde 1989, a **Rádio Universitária 104,7 FM** a princípio era uma das únicas formas de expressão dos alunos. Lá eles podiam passar as informações e produções do campus e discutir os acontecimentos da sociedade. Sempre abrigou alunos dispostos a aprender na prática um pouco mais sobre o universo do rádio. Hoje é vinculada à Superintendência de Cultura e Comunicação.

Em 2004, foi criado o programa **Bandejão**, que também é projeto de extensão, e vai ao ar das 12 às 14 horas. Inicialmente o estilo de música adotado era do *rock and roll*, mas agora os participantes abrem espaço para todos os estilos, principalmente para artistas capixabas em início de carreira. Pensando em divulgar o trabalho desses artistas, fizeram o Festival Prato da Casa, que reúne cantores e bandas do estado com o intuito de mostrar seus projetos autorais. A aluna de Publicidade e Propaganda Duana Peixoto entrou no projeto em 2013, pois foi o único dos grupos de extensão que a permitiria trabalhar com música, e organizar um festival a animou bastante. Durante o ano em que passou no Bandejão, foi se descobrindo e aprendendo cada vez mais. Ela conta que a rádio passa por muitos problemas com falta de equipamento e também a falta de um professor com experiência na área. No entanto, os alunos que lá estão e o professor orientador se organizam e se ajudam para fazer o projeto acontecer da melhor maneira possível.

Além dos grupos de pesquisa e/ou extensão, os professores, junto com alunos bolsistas, desenvolvem pesquisas sobre diversos temas. A professora Gabriela Alves tem uma pesquisa chamada “Memória, história e produção audiovisual”, com duração de dois anos vinculada ao CIA (Comunicação, Imagem e Afeto). Conta com cinco bolsistas que são alunos do curso de Cinema e Audiovisual e uma aluna do mestrado em Comunicação e Territorialidades.

Já o professor Fabio Goveia atualmente realiza diversas pesquisas incorporadas ao Labic. São elas: “Fortalecimento do uso das redes sociais para a gestão das avaliações da educação básica”, com quatro alunos de graduação e dois do mestrado; “Investigação das ressignificações de imagens em sites de redes sociais”, juntamente com um aluno de graduação; “Processos de indexação e análise para grandes volumes de imagens”, também com um aluno de graduação; “A importância das ferramentas de visualização de imagens no processo de análise do Big Data”, que conta com um aluno de graduação.

Em 2013, o docente Rafael Paes começou uma pesquisa chamada “Estratégias discursivas do telejornalismo local”, que estuda o telejornalismo produzido no Espírito Santo, identificando estratégias discursivas. Duas alunas de Jornalismo são integrantes.

De 2012 a 2013, o professor Alexandre Curtiss pesquisou, junto com dois alunos de graduação, sobre “O ordinário estético, a questão da comunicação e experiência estética”, onde estudou as relações entre fenômenos comunicacionais a experiência estética resultante.

O professor doutor em Filosofia, Bajonas Teixeira Brito Jr., no ano de 2013, realizou duas pesquisas: “A dialética na filosofia e no pensamento social – Hegel e Marx” e “A dialética da Indústria Cultural em Adorno”.

A docente Daniela Zanetti atualmente mantém a pesquisa “O campo audiovisual e a interface com as novas mídias”. Contando com cinco alunos de graduação e três do mestrado, objetiva investigar novos espaços de fluxo de consumo a partir do estudo de diversas plataformas e modos de produção e distribuição de produtos culturais na Internet.

Neste ano, o professor Erly Vieira Jr. está envolvido em duas pesquisas: “Cartografias do corpo: novos territórios afetivos e sensoriais no cinema contemporâneo” com três alunos de graduação e cinco do mestrado e “Corpo, experiência e sensorialidade na teoria contemporânea do cinema”.

Atualmente, o professor doutor em Meios e Processos Fabio Diaz Camarneiro desenvolve uma pesquisa chamada “Cinema moderno brasileiro: arte e sociedade”, que relaciona os problemas estéticos do cinema moderno com seu contexto histórico e social e com outras manifestações artísticas.

De 2012 a 2014, o docente Fabio Malini fez uma pesquisa chamada “Cobertura colaborativa nas Redes Sociais: um estudo sobre a relação das #revoltas e #protestos sociais com os *Trending Topics* do Twitter” que envolvia dois alunos da graduação e dois do mestrado.

O professor Klaus’Berg Bragança atualmente faz a pesquisa “Mentiras monstruosas, medos verdadeiros: dispositivos de visualidade re-

alistas e formação da imaginação sentimental no cinema de horror contemporâneo” com três alunos de graduação, que analisam o subgênero de horror *Found Footage*.

Já a professora doutora em Comunicação e Semiótica Lygia Maria Perini Muniz pesquisa, junto com um aluno de graduação, “A inserção do local na cultura de consumo global — o caso da Praia do Canto”.

A docente Rosane Zanotti e três alunos de graduação recentemente pesquisaram “A captura e difusão de imagens via dispositivos digitais: paradoxos, motivações e usos”, estudando dispositivos digitais para a captura e compartilhamento de fotografias.

A professora Ruth Reis pesquisou “Informação em bases de dados, jornalismo e narrativas”, voltando-se para o jornalismo de dados.

Atualmente, o docente Victor Gentili realizou uma pesquisa chamada “Diagnóstico do direito à informação pública no Brasil”, juntamente com cinco alunos de graduação, um de mestrado e um de doutorado. Consistia em observar os órgãos públicos na aplicação da lei de acesso à informação, além de atualizar os estudos sobre direito à informação e jornalismo e cidadania.

Desde 2013, o professor Doutor Gabriel Menotti desenvolve a pesquisa “Práticas de projeção: dinâmicas de exibição e novos formatos de imagem”. Nessa pesquisa ele busca compreender as especificidades das diversas plataformas de exibição audiovisual e identificar os efeitos diretos e indiretos na produção de imagem. Para isso, traça a histórias de tais plataformas.

A CRIAÇÃO DO MESTRADO

A vontade de ter um mestrado em Comunicação na UFES vem de longa data. Diversos docentes que passaram pela Universidade tentaram implementar um programa de pós-graduação. Por vários motivos encontraram empecilhos para sua execução. Em primeiro lugar, o curso de Comunicação era abrigado no CCJE, sendo assim, não tinha

espaço adequado para atender as demandas exigidas. Além disso, o corpo docente não era suficiente.

Em 2004, no Centro de Artes, foi criada uma proposta de mestrado multidisciplinar, Comunicação e Imagem, que envolvia os cursos de Comunicação, Arquitetura e Artes. Devido à falta de articulação e espaço físico, a CAPES não aprovou. No ano de 2007, os cursos de Arquitetura e Artes já tinham os seus mestrados aprovados individualmente. Nesse mesmo ano, o departamento de Comunicação enviou uma nova proposta. Dessa vez, o mestrado em Comunicação se dividia em: 1) Cultura e Linguagens das Mídias e 2) Sociabilidade e processos comunicacionais.

O Comitê Assessor da CAPES solicitou uma reformulação do projeto. Mesmo após feitos os devidos ajustes, dois anos depois, a proposta foi novamente recusada pela carência de produção de artigos científicos por parte dos docentes e pela precariedade das instalações.

Em 2011, a proposta do mestrado em Comunicação e Territorialidades foi enviada pela primeira vez. Os docentes argumentaram que muitos alunos de Comunicação se formam pela UFES e por outras faculdades do Estado. Devido à ausência de um programa de pós-graduação, muitos deles acabam indo para outros estados em busca de uma especialização e se envolvendo com atividades de pesquisa. Ou seja, o Espírito Santo acabava perdendo muitos profissionais que iam atuar em outros lugares. Além disso, o Departamento de Comunicação da Universidade promoveu alguns cursos de especialização, sendo eles: Política da Comunicação; Comunicação estratégica e gestão de imagem; Linguagens audiovisuais e multimídias. Constatou-se também, por parte dos professores, que a produção acadêmica local repete sistematicamente a temática da comunicação dos territórios.

Por fim, determinou-se que o programa de pós-graduação em Comunicação e Territorialidades propunha-se “a refletir sobre os processos e práticas comunicacionais regionais, enfatizando do ponto de vista teórico-conceitual a relação local/transnacional em contexto

de acentuadas transformações em função da redefinição da ideia e natureza do território”. A importância dessa linha se dá aos processos inovadores de Comunicação que a sociedade atual já visualiza e que poderá, cada vez mais, acentuar-se no futuro, rompendo com tradições culturais e se materializando por meio de: comunidades virtuais, blogs, sites independentes, coletivos de comunicação, jornais comunitários feitos em rede, entre outros, formando um processo de desterritorialização e reterritorialização que cria novos fenômenos comunicacionais. Outro viés, está relacionado às mudanças econômicas, políticas, culturais e estéticas pelas quais as instituições de comunicação passam.

Apesar de tudo isso, a CAPES mais uma vez reprovou a proposta. O motivo foi que, mesmo com a chegada de novos docentes com doutorado, a produção de artigos científicos ainda era insatisfatória pelos parâmetros da CAPES.

No ano seguinte, uma nova tentativa foi feita e finalmente o curso de Comunicação Social teve seu mestrado aprovado em dezembro de 2013. A proposta foi mantida e o que fez a diferença dessa vez foi que os professores já possuíam uma quantidade de material acadêmico publicado suficiente para atender às exigências.

Sendo assim, a primeira turma do chamado PÓSCOM entrou em Abril de 2014. Os dez primeiros alunos aprovados a ingressarem no Mestrado em Comunicação e Territorialidades da UFES foram, consoante a Resolução nº 01/2014 do processo seletivo:

- Ana Paula Vieira de Souza
- Brunella de Lima França
- Danielly de Souza Campos
- Edson Alves Rangel
- Jean Maicon Rickes Medeiros
- Marialina Côgo Antolini
- Rafaela Freitas Belo

- Roberto Teixeira dos Santos
- Sérgio Rodrigo da Silva Ferreira
- Wagner Piassaroli Mantovaneli

O mestrado tem duração de 24 meses e entrada anual de 10 alunos. A coordenadora é a professora Daniela Zanetti e o vice-coordenador, José Antonio Martinuzzo. Os docentes são:

- Professora Doutora Daniela Zanetti
- Professor Doutor Erly Milton Vieira Jr.
- Professor Doutor Fábio Luiz Malini de Lima
- Professor Doutor Gabriel Menotti Miglio Pinto Gonring
- Professora Doutora Gabriela Santos Alves
- Professor Doutor José Antonio Martinuzzo
- Professor Doutor José Cirilo
- Professor Doutor José Edgard Rebouças
- Professora Doutora Moema Lúcia Martins Rebouças
- Professor Doutor Rafael da Silva Paes Henrique
- Professora Doutora Ruth de Cássia dos Reis
- Professor Doutor Victor Israel Gentilli

Segundo o edital 03/2014 para ingresso de alunos regulares em 2015, “o Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades do Centro de Artes da UFES, em nível de Mestrado Acadêmico, aprovado pelo Conselho Técnico-Científico (CTC-ES) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação (MEC) em 11 de dezembro de 2013, define sua Área de Concentração pelos estudos da comunicação na produção das territorialidades, bem como das práticas, processos e produtos midiáticos vinculados a esse conceito.”

A Área de Concentração do Mestrado levantou muitas discussões frutíferas em torno de seu caráter de novidade: o diálogo entre os con-

ceitos de comunicação e territorialidades. O que mais pareceu instigar os alunos da primeira turma ao debate foi, de uma maneira geral, a pergunta “o que são territorialidades?”, levando uns a defender a urgência da necessidade de se discutir e indicar caminhos possíveis (autores e bibliografia disponível) de apoio para a construção do conceito e sua relação com a comunicação. O campo da geografia política, em especial, vem, desde a sua fundação com Ratzel, destacando a importância de se discutir o território e as circulações de seu interior, que dão azo ao fenômeno comportamental chamado de territorialidades. Mattelart e Mattelart, em *História das teorias da comunicação*, no início do livro, já nos dão a dica:

Em 1897, o alemão Friedrich Ratzel lança as bases da geografia política ou geopolítica, ciência do espaço e de seu controle. ‘O Estado é um organismo ancorado no solo’, e essa ciência toma por objeto o estudo das relações orgânicas que o Estado mantém com o território. Redes e circuitos, trocas, interação, mobilidade são expressões da energia vital; redes e circuitos ‘vitalizam’ o território. Nessa reflexão sobre a dimensão espacial da potência, o espaço volta a ser o espaço vital (1999, p. 21).

É claro que depois de Ratzel, um autor como Raffestin veio relativizar a equação *Estado=poder*, tornando o poder um objeto a ser enxergado de maneira *relacional*. É evidente o papel da comunicação, entretanto, como sistema que colabora para organizar tais circulações em determinado contexto, e não apenas tem funções comandadas pelo interesse de um Estado supremo, mas é processualizada nos mais diversos sistemas — o político, econômico, social e cultural — que, na complexidade da modernidade, interpenetram-se, dificultando análises restritivas.

Não obstante, conforme o edital supracitado, as pesquisas no PÓS-COM/UFES organizam-se em duas linhas básicas:

Linha 01 – Comunicação e Poder: pesquisa o contexto socio-econômico, político e cultural das ocorrências comunicacionais nos diversos territórios da contemporaneidade. Dedicar-se ao estudo da apropriação e dos usos da comunicação na constituição histórica da vida atual. O objetivo é pesquisar o lugar da comunicação na conformação das territorialidades atuais (geográficas e informacionais), em suas dinâmicas internas e externas, considerando-se os dispositivos midiático-comunicacionais e seus impactos nos territórios, assim como as configurações da mídia local e regional e suas manifestações no contexto da globalização das comunicações.

Linha 02 – Práticas e Processos Comunicacionais: pesquisa práticas, processos e produtos comunicacionais que ocorrem nas territorialidades, dedicando-se, assim, às estéticas, linguagens e discursos (oral, verbal, visual, virtual, audiovisual, poético, entre outros) que são constituídos a partir de dispositivos midiáticos como estratégias de construção do presente da vida cotidiana e de configuração dos laços sociais e culturais, em uma condição de mútua determinação com os fluxos informacionais locais, regionais e globalizados.

Exemplo de disciplinas obrigatórias ministradas até agora são: Metodologia da Pesquisa em Comunicação; Questões Teóricas em Comunicação; Comunicação e Territorialidades; Comunicação, Cotidiano e Sociabilidades. Os alunos também escolhem disciplinas optativas: Indústrias Culturais e Midiáticas; Comunicação, Poder e Esfera Pública; Comunicação e Globalização; Comunicação e Institucionalidades; Conteúdos Midiáticos e Territórios; Cibercultura e Sociedade em Rede; Comunicação, Identidade e Memória; Comunicação e Linguagem; Tópicos Especiais em Comunicação e Territorialidades. São exigidos 24 créditos.

Em Dezembro de 2014, do dia 8 ao 11, o PÓSCOM realizou o I Seminário de Pesquisa em Comunicação. O Seminário consistiu na apresentação do estágio de pesquisa de todos os pesquisadores do programa a uma plateia que incluía professores doutores e alunos in-

interessados das mais diversas áreas. Expor o andamento de suas pesquisas ao escrutínio de entendidos e demais interessados foi tarefa importante para que os pesquisadores pudessem receber dicas e discutirem sobre quais rumos tomar em suas respectivas pesquisas.

Atualmente, o mestrado já tem uma segunda turma. Para a professora, Daniela Zanetti, os resultados têm sido satisfatórios até agora, e quase todos os alunos conseguiram bolsa para que possam se dedicar exclusivamente à pós-graduação. Para o aluno Sérgio Rodrigo Ferreira, da primeira turma, o mais interessante é que apesar dos professores estarem no mesmo campo da Comunicação, há diferença em seus campos teóricos, em suas áreas de estudo, com visões que se contrapõem no mesmo tema.

A produção de artigos por parte dos alunos e professores é muito importante para que o mestrado se mantenha, porque se a nota cair, corre risco de ser fechado. A participação em eventos também é muito relevante, mas o financiamento para que os estudantes possam ir é ainda muito baixo. Muitos dos problemas estão ligados ao fato de o mestrado de Comunicação na UFES ser muito recente. Porém, o PÓS-COM promove reuniões para que essas questões sejam discutidas, buscando, assim, possíveis soluções.

REFERÊNCIAS

BAZONI, Leonardo. **Ecos Jr: 10 anos de Grandes Ideias**.

MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das teorias da comunicação**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

Edital 03/2014: **Processo seletivo para ingresso de alunos regulares Turma 2015** – PÓS-COM-UFES.

Resultado Final – **Edital 01/2014**: Resolução nº 01/2014.

Disponível em: www.labic.net. Acesso em 18 de abril de 2015

Disponível em: www.poscomunicacao.wordpress.com. Acesso em 23 de abril de 2015

Disponível em: observatoriodamidia.wix.com/observatoriodamia. Acesso em 29 de abril de 2015

Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacao.do?id=K4794544E1>. Acesso em: 29 de maio de 2015.

Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacao.do?id=K4704946J4>. Acesso em: 29 de maio de 2015.

Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacao.do?id=K4753258T9>. Acesso em: 29 de maio de 2015.

Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacao.do?id=K4779248T6>. Acesso em: 28 de maio de 2015.

Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacao.do?id=K4793992D3>. Acesso em: 29 de maio de 2015.

Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacao.do?id=K4596938T2>. Acesso em: 29 de maio de 2015.

Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacao.do?id=K4730131U9>. Acesso em: 28 de maio de 2015.

Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacao.do?id=K4779120D5>. Acesso em: 28 de maio de 2015.

Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacao.do?id=K4701806H6>. Acesso em: 29 de maio de 2015.

Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacao.do?id=K4737133E3>. Acesso em 28 de maio de 2015.

Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacao.do?id=K4229504T3>. Acesso em: 29 de maio de 2015.

Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacao.do?id=K4778833P3>. Acesso em: 28 de maio de 2015.

Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacao.do?id=K4777237Ho>. Acesso em: 28 de maio de 2015.

Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacao.do?id=K4756565H7>. Acesso em: 28 de maio de 2015.

Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacao.do?id=K4782156A1>. Acesso em: 28 de maio de 2015.

Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacao.do?id=K4785091Y6>. Acesso em: 28 de maio de 2015.

Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacao.do?id=K4779120D5>. Acesso em: 30 de maio de 2015.

Entrevistas

Alexandre Curtiss, às autoras do capítulo, em 24 de abril de 2015

Daniela Zanetti, às autoras do capítulo, em 22 de abril de 2015

Duana Peixoto, às autoras do capítulo, em 28 de abril de 2015

Erly Vieira Jr., por e-mail, em 27 de abril de 2015

Fabio Gomes Gouvêa, às autoras do capítulo, em 14 de abril de 2015

Fabio Malini, às autoras do capítulo, em 27 de abril de 2015

Felipe Tassarolo, por e-mail, em 26 de abril de 2015

Gabriel Menotti, às autoras do capítulo, em 14 de abril de 2015

Hervacy Brito, às autoras do capítulo, em 22 de abril de 2015

José Junior, às autoras do capítulo, em 17 de abril de 2015

Rafaela Belo, por e-mail, em 29 de abril de 2015

Renan Chagas, por e-mail, em 23 de abril de 2015

Rosane Zanotti, às autoras do capítulo, em 23 de abril de 2015

Ruth Reis, às autoras do capítulo, em 22 de abril de 2015

Sérgio Rodrigo Ferreira, às autoras do capítulo, em 30 de abril de 2015

Stefhani Paiva, às autoras do capítulo, em 29 de abril de 2015

Thiago Morgado, por e-mail, em 23 de abril de 2015

ANEXOS

Anexo A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

RESOLUÇÃO Nº. 64/2013

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais e estatutárias,

CONSIDERANDO o que consta do Processo nº. **24.987/2013-00 – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/CAR**;

CONSIDERANDO o que consta da Resolução nº. 58/2013 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão;

CONSIDERANDO o Parecer da Comissão de Assuntos Didáticos, Científicos e Culturais;

CONSIDERANDO, ainda, a aprovação da Plenária, por unanimidade, na Sessão Ordinária realizada no dia 19 de dezembro de 2013,

RESOLVE:

Art. 1º. Criar o Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades, vinculado ao Centro de Artes desta Universidade.

Art. 2º. Criar o Curso de Pós-graduação *stricto sensu*, em nível de Mestrado Acadêmico, em Comunicação e Territorialidades, vinculado ao Programa descrito no Artigo anterior.

Sala das Sessões, 19 de dezembro de 2013.



ETHEL LEONOR NOIA MACIEL
NA PRESIDÊNCIA



5

NOVOS ALUNOS EM PAUTA ■

Gustavo André ■

Inglydy Rodrigues

Luiza Marcondes

Tamires Padilha

MOVIMENTO ESTUDANTIL E ATIVISMO

Figura bastante emblemática e importante no movimento estudantil do curso de Comunicação Social e na UFES, o atual chefe de departamento Cleber Carminati foi escolhido como uma fonte inicial para que ele fizesse uma breve análise da trajetória histórica do movimento estudantil. Em suas primeiras recordações, “Zocra”, apelido recebido na época de graduação, nos anos 80, lembra que o país passava pelo período de redemocratização, sendo essa pauta a mais debatida pelos movimentos.

Naquela década, o então estudante acompanhou a primeira greve da instituição, inserida no contexto histórico do fim da ditadura militar no país e salienta que a Universidade, através do movimento estudantil, tinha mais autonomia para discutir temas que eram censurados fora da instituição, principalmente aqueles ligados à liberdade de expressão e valorização da educação.

Com o fim da ditadura, o movimento estudantil se reinventa, já que as pautas mudam e outras demandas começam a aparecer. Membro do histórico Balão Mágico, movimento que surgiu na Comunicação Social, Zocra diz que o grupo veio com o ideal de questionar as relações de professor e aluno, as relações dentro de sala de aula, reivindicar o incentivo à Arte, contestar os currículos dos cursos, além de outras questões.

Carminati diz que o movimento estudantil passou a ficar mais partidário a partir do final dos anos 80, tendo o Partido dos Trabalhadores (PT) uma corrente muito forte dentro da Universidade, através dos CAs e DCE. Outros partidos, como o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e o Partido Comunista Brasileiro (PCB), também tinham os seus militantes inseridos nas organizações estudantis.

Sobre a atual conjuntura do movimento estudantil, o professor percebe a organização pouco alinhada ao perfil do novo aluno, que, de acordo com ele, mudou a partir da implantação do sistema de cotas. “O ensino superior só chegava as elites, agora, houve uma mudança significativa do perfil do aluno, tendo ele um corte social e racial”, frisou.

MUDANÇA DE CENTRO: CONTINUAM OS PROBLEMAS

A história do movimento estudantil de Comunicação, de 2005 para os dias atuais, segue marcada pela mudança de centro, do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) para o Centro de Artes (CAr). Novas demandas surgiram ao longo do tempo. Problemas como falta de equipamentos ainda existem, mesmo que em menor quantidade do que antes. O curso adquiriu laboratórios de fotografia, de áudio e vídeo. Questões como estruturas de sala de aula e falta de professores ainda persistem.

No período entre 2003 e 2006, é bastante comum a presença do Centro Acadêmico de Comunicação Social da UFES (Cacos UFES) nas discussões nacionais, inclusive ocupando cargos dentro da Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social, a Enecos (AIOLFI, 2014, p. 55)

De acordo com Aiolfi, a mudança para o Centro de Artes foi aprovada no ano de 2004, 20 anos depois que a primeira proposta foi feita. Os diretores do CA ficaram bastante perdidos sobre essa mudança. Havia muitos prós e contras. A saída do CCJE significaria uma mudança na linha pedagógica do curso? Como ficariam os laboratórios, a infraestrutura, a divisão de verbas no novo Centro? Entretanto, tam-

bém era notado que não havia espaço de crescimento para o curso no CCJE, devido às brigas com a direção de Centro.

O início do ano de 2015 foi marcado pelo Congresso Brasileiro dos Estudantes de Comunicação Social (Cobrecos) em Vitória. O *slogan* era: “Isolados somos Ilha, Juntos somos Continentes”. O Congresso ocorreu na Faesa e, novamente, parte do Cacos estava dedicado a contribuir na construção do evento (AIOLFI, 2014, p. 57).

A transição do curso, que antes era localizado no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE), agora passava para o Cemuni I, no Centro de Artes. A mudança para o novo Centro não significou algo necessariamente bom, de acordo com Lara Abib, diretora de Eventos da gestão “Não Pare Na Pista”, de 2006. Os estudantes à frente daquela diretoria acompanharam todo o processo da mudança, votando a planta de reforma do Cemuni V nas reuniões de departamento, garantindo, assim, a estrutura adequada para os alunos e professores.

“No início a gente tinha muito problema de falta de sala de aula, as disciplinas ficavam espalhadas por todo os Cemunis, a gente não tinha um espaço de convivência, os laboratórios continuavam no CCJE”, recorda. Naquele período, o CA de Comunicação ficava localizado no Cemuni III, distanciando os estudantes do espaço de convivência deles.

Devido às dificuldades quanto a localização física do Centro Acadêmico, as ações da chapa eram voltadas para juntar o curso, transformando o espaço do CA de socialização dos estudantes. A participação dos alunos era notável, eles faziam discussões sobre Rádio Livre, TV Universitária, organizavam as festas do curso, realizavam a arte dos cartazes dos debates, entre outras ações.

A gestão, bastante ligada à Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (Enecos), discutiu os problemas que o curso enfrentava na época e aliava à discussão de avaliação institucional da Universidade. Lara diz que a “Não Pare Na Pista” conseguiu construir de forma massiva o boicote ao Enade (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes) dentro do curso. “Realizamos uma assembleia geral dos

estudantes de comunicação que votou pelo boicote, entendendo que a avaliação que estava posta não contemplava a realidade que o curso vivia e nem traria soluções para os problemas que a gente enfrentava”.

No ano seguinte, a “Outra Chapa”, eleita para gerir o Cacos durante 2007, fez oposição à chapa apoiada pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) no curso. Segundo João Knop, diretor de Eventos da gestão, a relação com o diretório durante aquele período foi muito fria, tanto que nem para a semana calórica eles apareceram.

Para ele, os estudantes eram pouco interessados pelo movimento estudantil de comunicação. “As pautas que as gestões do Centro Acadêmico priorizavam naquela época não iam ao encontro com os anseios dos alunos. Parecia que o Cacos era um universo paralelo ao curso e muitos alunos não se sentiam representados pela instituição”. João lembra também que as eleições para tirar a chapa do CA eram vazias, com chapa única e que pouco acrescentava aos debates. Os votantes eram os calouros ou os membros da chapa e amigos.

Aproximar o Centro Acadêmico à realidade dos alunos foi o principal feito da diretoria. A relação com a Empresa Júnior de Comunicação Social (Ecos Jr.), Aiesec e outras instituições estudantis foram firmadas. “Tornamos a sede do CA um espaço de vivência mais agradável para os alunos. O interesse dos estudantes de comunicação pelo movimento estudantil aumentou durante e após a nossa gestão”, declara João, orgulhoso do legado deixado.

Como os principais problemas enfrentados dentro do curso, ele aponta a implantação do sistema de cotas, que na época ainda era uma incógnita e um tabu na Universidade, a dificuldade dos veículos de comunicação da Grande Vitória em não assinarem os contratos de estágios com o limite imposto pela UFES, de quatro horas por dia. Além disso, os estudantes ainda sofriam com a falta de equipamentos para as disciplinas práticas. “Felizmente, o que não conseguimos solucionar, conseguimos alternativas para amenizar a situação”, disse Knop, lembrando daquele ano.

UMA GESTÃO DE MUITAS CONQUISTAS

Uma gestão eficiente. Com reuniões frequentes, que iam por vezes mais de uma vez por semana, estendendo-se nas férias, a chapa vencedora de 2008 conseguiu diversos feitos no curso. “Era muita coisa pra fazer, era enlouquecedor, mas era lindo”, afirma Aline Dias, orgulhosa do legado deixado pela C.A S/A (Centro Acadêmico Sociedade Anônima). O ar condicionado foi consertado, o CA ganhou uma biblioteca, um seminário de Jornalismo literário foi realizado e uma semana de cinema e literatura.

Em assembleia extraordinária organizada pela gestão, os alunos votaram pela mudança de horário do curso, que antes era de 8h às 12h pela manhã e também com aulas no período da tarde, passando a ser de 7h às 13h. Aline lembra que somente três pessoas votaram contra a mudança de horário, sendo que havia mais de 60 pessoas na assembleia.

A partir da gestão de 2008, o Centro Acadêmico passou a ter representação no Conselho Departamental do Centro de Artes. O CA de Comunicação conseguiu se relacionar com outros CAs para ter o Diretório Acadêmico do Centro de Artes (Dacar).

PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES

A participação dos alunos no movimento estudantil começou a aumentar na gestão de 2008, já que os assuntos discutidos eram ligados ao interesse dos estudantes. As assembleias sempre tinham pessoas interessadas, já nas reuniões abertas da diretoria, os alunos não apareciam tanto.

Aline conta que antes o CA só discutia questões externas e esquecia-se dos problemas do curso, o que ocasionava distanciamento por parte dos alunos. “A gestão de 2006 falava só de MST, então ninguém queria uma gestão que falasse só de MST, a gente pautava as ações pelo que era do interesse dos estudantes”, lembra ela.

Em 2009, a chapa “Cara, Cadê meu Cacos?” foi eleita. Concorrendo como chapa única, as propostas para a gestão se apoiavam nas condições do curso, como a conclusão da construção do Bob Esponja, a formação de um grupo de estudos literários, o oferecimento de oficinas ao longo do semestre, entre outros (AIOLFI, p. 67, 2014).

A diretoria reuniu os estudantes em favor da reforma do Bob, que ainda não tinha sido inaugurado e deixava a estrutura do curso precarizada devido à falta de salas de aula.

A mobilização surtiu resultados e as salas de aula foram entregues pouco tempo depois. Os laboratórios provisórios ainda demoraram um tempo para ficarem prontos, mas a situação do curso já começava a melhorar (Aiolfi, 2014, p. 68).

Durante a gestão, foi feita a Semana Marginal, que gerou diversas oficinas para o curso de Comunicação, tais como a de Direção de Arte, Diagramação, Jornalismo Literário, entre outras.

No meio daquele ano, surgiu a possibilidade de criar uma nova habilitação — Audiovisual — por meio do programa do governo federal de expansão das universidades, o Reuni. Os professores da Comunicação, em grande parte, abraçaram a ideia. O Cacos mobilizou assembleias para discutir o tema e o curso optou pela criação da habilitação. Com o dinheiro do programa, novos equipamentos chegaram ao curso de Comunicação. A discussão da habilitação de Audiovisual causou mal-estar no Dacar. Os estudantes dos cursos do Centro de Artes não entraram em consenso em relação ao tema, mas por fim foi aprovado na Direção de Centro (AIOLFI, 2014, p. 69).

Problemas como a falta de professor para o curso de Jornalismo foram enfrentados pela gestão. A diretoria tentou articular um ônibus que levasse os alunos para o Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (Enecom), mas não foi possível, fazendo com que os alunos ficassem sem ir aquele ano.

CACOS DE VOLTA PARA A ENECOS

Luanna Esteves ainda estava no início do curso quando se interessou pelo Centro Acadêmico. Naquela época, a estudante ingressou na chapa “Falar é fácil, fazer é Cacos” na diretoria de Organização, única chapa a disputar as eleições ao final de 2009. Ela considera o legado da sua gestão como satisfatório e que a chapa saiu com credibilidade ao final da diretoria. As propostas do grupo, com mais de 23, foram cumpridas. Entre elas, a revisão de grades e ementas, revitalização do espaço físico do CA, o mural de faltas para controlar a presença dos professores, acompanhamento do término das obras do Bob (Prédio Multimeios), entre outros.

Naquele ano, o CA voltou a se filiar ao Enecos, tendo o membro Ricardo Aiolfi na direção da Executiva. O contato com o DCE era menor, já que os diretores da gestão participavam pouco das reuniões com a entidade. Luanna lembra que durante sua passagem pelo Cacos, o Dacar estava pouco alinhado, mas que as diretoras Flora Viguini e Larissa Fafá ainda participavam das reuniões como representantes do curso de Comunicação.

GESTÃO 2005: DE TUDO FICA UM POUCO

- **Diretoria de Eventos:** Alexander Nakaoka
- **Diretoria de Relações Institucionais:** Karina Moura
- **Diretoria de Comunicação:** Kênia Freitas
- **Diretoria de Organização:** Ronald Alves
- **Diretoria de Finanças:** Samantha Lievore

GESTÃO 2006: NÃO PARE NA PISTA

- **Diretoria de Relações Institucionais:** Bruna Mesquita Gatti
- **Diretoria de Finanças:** Roberto Calenti Trindade

- **Diretoria de Comunicação:** Davi Lopes Gentili
- **Diretoria de Organização:** Luísa Guimarães Torre
- **Diretoria de Eventos:** Lara Abib Santos

GESTÃO 2007: A OUTRA CHAPA

- **Coordenação de Organização:** Thalles Waichert e Thiago Coutinho
- **Coordenação de Relações Institucionais:** Gabriel Hernkenhoff e Stefânia Masotti
- **Coordenação de Finanças:** Leonardo Basoni
- **Coordenação de Eventos:** Sérgio Rodrigo, João Knop e Luisa Buzin
- **Coordenação de Comunicação:** Livia Cunha, Mayron Goetze e Maria Guimarães

GESTÃO 2008: C.A/S.A.

- **Diretoria de Organização:** Anna Karla Mendes Lerbach e Brunella de Lima França
- **Diretoria de Finanças:** Túlio Barbirato de Azevedo
- **Diretoria de Pesquisa e Opinião:** Gabriel Aguiar Valadão e Rodolpho de Sá e Paixão
- **Diretoria de Comunicação:** Aline de Oliveira Dias, Marlon Marques Bernardo e Natasha Silva Siviero
- **Diretoria de Eventos:** Igor de Almeida Rizzo Mariano, Rodrigo Alcure Castro e Rafael Rizo Scandian
- **Diretoria de Relações Institucionais:** Kassia de Aguiar Salazar e Leonardo Faria Almenara

GESTÃO 2009: CARA, CADÊ MEU CACOS?

- **Diretoria de Organização:** Flora Viguini e Vinícius Altoé
- **Diretoria de Comunicação:** Darshany Loyola, Camila Bellon e Victor Cardoso
- **Diretoria de Relações Institucionais:** Rafael Monteiro, Ronalson Vargas e Marcel Martinuzzo
- **Diretoria de Eventos:** Amanda Mariano, Rafael Abreu e André Fantin
- **Diretoria de Finanças:** Naila Amaral e Raphael Perovano

2010: “FALAR É FÁCIL, FAZER É CACOS”

Insatisfeita com a situação do curso, a chapa “Falar é fácil, fazer é CACOS” foi a única a pleitear as eleições do Centro Acadêmico em 2009. O objetivo principal da gestão, que atuou no ano de 2010, era passar a ideia de que os estudantes precisavam ir além da reclamação, era preciso agir. “Nós éramos muito pautados pelo nome da gestão. Se o curso não fazia, a diretoria do CA iria fazer. Chamávamos para Assembleias e reuniões, mas praticamente ninguém aparecia no início da gestão”, conta Ricardo Aiolfi, diretor de Organização naquele período.

A chapa foi formada basicamente por calouros incomodados com a estrutura do curso de Comunicação, que iam desde professores que davam aulas insatisfatórias às salas cheias de mosquito. Outra pauta abordada era a construção do Prédio de Multimeios do Centro de Artes, popularmente conhecido como Bob Esponja, que demorou mais tempo que o previsto para ficar pronto.

Formada por 15 membros, dos quais onze eram do 2º período, dois do 1º e mais dois que fizeram parte da gestão anterior, os membros da chapa contam que tiveram resistência ao ser eleita. Cercada pela desconfiança dos alunos em períodos avançados, os representantes en-

frentaram alguns desafios durante o ano. “Quando nos candidatamos, muita gente do curso disse que não iríamos conseguir fazer nada, que nós éramos um bando de calouros e outras coisas do tipo”, revela Aiolfi.

Depois de eleitos, as ações não demoraram para acontecer. Para facilitar a comunicação entre os estudantes do curso criaram um blog e um Twitter para o Cacos, além de movimentarem a Cacos_Lista, antiga lista de e-mail do curso e principal ferramenta de comunicação.

A chapa considerava essencial vencer a inércia dos estudantes para a discussão acadêmica. Luanna Esteves, diretora de Organização, brinca: “o curso só se mostrava presente em peso quando a pauta era de grande interesse geral, polêmica ou quando simplesmente rendia assunto na Cacos_Lista”. Para chamar a atenção nas postagens mais importantes, os membros da chapa combinavam de fazer comentários para despertar a atenção dos alunos do curso. Assim, o assunto sempre ficava no topo da caixa de entrada do e-mail e as pessoas abriam para saber o que estava acontecendo.

Para as atas das reuniões de departamento, o mais importante era resumido e postado na Cacos_Lista, enquanto que uma versão integral ficava disponível para ler no blog do Cacos.

Logo ao assumir o CA, a chapa enfrentou um grande problema: a gestão havia sido roubada e a maior parte do dinheiro arrecadado até então tinha desaparecido. O roubo foi percebido no dia 16 de dezembro após os alunos receberem a chave do armário. “Aproveitamos a ocasião para despertar o interesse dos alunos. Fizemos uma postagem no blog com um título sensacionalista e divulgamos nas redes sociais e na Cacos_Lista. Foram cerca de 500 visitas em apenas um dia. Isso ajudou a consolidar o blog como um canal de comunicação entre o CA e o curso. A notícia do roubo era ruim, mas nos utilizamos disso para trazer as pessoas para o lado do CA”, afirma Ricardo.

Com as moedas que sobraram, as chaves do Cacos foram trocadas. A partir disso, o dinheiro passaria a ser guardado numa conta de banco. Os calouros do primeiro semestre de 2010 também tiveram

uma participação importante. Ricardo conta a grande pressão que fizeram em cima dos calouros: ‘dissemos que o CA havia sido roubado, que a gente tinha reformado todo o espaço para eles e precisávamos que comparecessem à festa de encerramento da semana calórica para ajudar o Centro Acadêmico a arrecadar dinheiro’.

O saldo da festa foi positivo. Cerca de 40 dos 50 calouros compareceram. O lucro foi perto de 600 reais e o problema financeiro estava resolvido.

A gestão também teve representação no DACAR (Diretório Acadêmico do Centro de Artes), atualmente desarticulado, responsável pela representação estudantil na Diretoria do Centro de Artes. Já o DCE (diretório central dos estudantes) não estava tão próximo. Para a diretora Luanna Esteves, uma das propostas da gestão era reaproximar o movimento estudantil e lidar mais diretamente com pautas de minorias, principalmente no que diz respeito à comunicação e a democratização dos meios. “Era uma forma de assegurar nossos interesses e representar o curso perante o Centro de Artes”, explica. Foi desse contexto, que veio a aproximação com as pautas da Enecos (Executiva Nacional de Estudantes de Comunicação Social), com Ricardo Aiolfi entrando para a Executiva e a refiliação do CA, trazendo bandeiras como a do combate às opressões, da qualidade de formação do comunicador e da democratização da comunicação com mais força para o curso. O que resultou em uma delegação capixaba no Enecom Parahyba, com a realização de 7 pré-encontros.

Ainda em 2009, quando tomaram posse, os integrantes da chapa fizeram uma grande limpeza e reorganização no espaço físico do Centro Acadêmico. Ricardo lembra do espanto dos estudantes quando encontraram o CA limpo: “As pessoas entraram na sede e ficaram chocadas porque havia espaço para circular, mesmo a sala sendo pequena, e que tudo estava limpo, os armários organizados e tinha cheiro de produto de limpeza no ar. O filtro do ar condicionado foi lavado e começou a gelar sinistramente.” Na volta das férias entre

2009 e 2010, conseguiram trocar o sofá, colocaram uma antena na TV e pintaram uma parede com uma arte de Keith Haring, o que deu uma identidade ao centro acadêmico.

Como forma de cobrar a qualidade de ensino que lhes era dada, o Centro Acadêmico adotou um “Mural das Faltas”, com objetivo de mostrar os professores que cumpriam a carga horária e mostravam comprometimento com o curso. Para atinar o senso crítico dos estudantes fizeram uma série de debates pertinentes à área como “As Masmorras Capixabas”, sobre a censura na mídia espírito-santense. Realizaram também a SECUCA (Semana da Cultura Capixaba) e ainda apoiaram a organização do Intercom Sudeste 2010, que aconteceu na UFES.

A gestão também pautou a mudança da grade curricular de Jornalismo e Publicidade e Propaganda com discussões com alunos e professores. Luanna considera esta a ação mais importante da chapa: “Discutimos muito, formamos uma comissão. Foi super legal e necessário. Mas a discussão encontrou vários obstáculos burocráticos e não evoluímos o tanto que queríamos”.

O então chefe de departamento, Cleber Carminati, mantinha uma boa relação com os estudantes e falar sobre todos os problemas e situações que o curso enfrentava dentro das reuniões de departamento era uma atividade corriqueira. As divergências só surgiram quando o departamento de Comunicação Social anunciou a criação de uma pós-graduação em Jornalismo, que contava basicamente com a grade do curso de Jornalismo condensada em um período de 2 anos. O CACOS se posicionou de maneira contrária a essa pós-graduação, pelo curso enfrentar problemas de infraestrutura, de professores e de gasto de recursos que poderiam ser aplicados no próprio curso. Como forma de protesto os alunos cobriram toda parede do departamento com cartazes escrito: “Supletivo de Jornalismo — Informações aqui”.

Durante toda gestão contou-se com a dedicação dos membros, só havendo duas desistências. “Saí muito feliz com a credibilidade

que conseguimos recuperar para o CA e também a presença que tivemos perante o departamento e os alunos” contou Marila Oliveira, diretora de Finanças.

Membros da chapa eleita

- **Diretoria de Comunicação:** Fernanda Barata (Publicidade e Propaganda), Manuela Mascarenhas (Publicidade e Propaganda) e Raissa Andrade (Publicidade e Propaganda)
- **Diretoria de Finanças:** Marcella Cardoso (Publicidade e Propaganda), Vinicius Eulálio (Jornalismo) e Marila Oliveira (Publicidade e Propaganda)
- **Diretoria de Eventos:** Raphael Perovano (Publicidade e Propaganda), Camila Cuquetto (Publicidade e Propaganda) e Thalita Dantas (Publicidade e Propaganda)
- **Diretoria de Relações Institucionais:** Flora Viguini (Jornalismo), Leandro Nossa (Jornalismo) e Larissa Fafá (Jornalismo)
- **Diretoria de Organização:** Ricardo Aiolfi (Jornalismo), Luanna Esteves (Jornalismo) e Guilherme Rebêlo (Publicidade e Propaganda)

2011: “O CACOS NÃO PARA”

A eleição para a gestão do CA do ano seguinte foi bastante expressiva. Houve inscrição de duas chapas com direito a debate entre elas no Auditório do Cemuni IV. E muita gente votou. A chapa que saiu vencedora foi “O Cacos não para”, que era basicamente uma continuação da gestão passada e que buscava dar um foco mais social para o curso. “Em 2011, nós continuamos este trabalho, trazendo uma abordagem ainda mais social das questões da comunicação. Tentávamos agradar a todos do curso, com debates que falavam sobre mercado de trabalho, movimentos sociais, imagem de grupos sociais na mídia

e responsabilidade do jornalista” contou Ricardo Aiolfi, membro da gestão “Falar é fácil, fazer é Cacos” que disputou as eleições novamente pelo “O Cacos não para”.

Os estudantes do curso, que eram considerados apáticos ao movimento estudantil, em 2011, tiveram uma evidente mudança no engajamento político, que havia sido incentivado pela gestão anterior e pela presença de estudantes participantes de coletivos. “Quando resolvi integrar a chapa em 2011, a organização interna do curso de Comunicação Social era forte, reconhecida pelos estudantes. E na minha atuação sempre tive essa preocupação, de desenvolver ações e debates dentro do próprio curso”, contou Kauê. A consciência da importância do Centro Acadêmico resultou no Estatuto do CACOS feito naquele ano, como forma de regularizar a atuação em um documento de referência para as próximas gestões. Mais próximos da Enecos (Executiva Nacional de Estudantes de Comunicação Social), passaram a fazer parte da Coordenação Nacional e estar presentes nos encontros e nas discussões do movimento estudantil de Comunicação Social.

Os documentos de todas as gestões do Cacos foram organizados em pastas identificadas. Os canais de comunicação se expandiram com a criação de “O Átrio”, o jornal impresso do Cacos, que durou apenas durante aquela gestão. Nas semanas calóricas, os membros apostaram em um vídeo de apresentação divertido e descontraído para a interação inicial.

Estourando na Grande Vitória os protestos contra o aumento da passagem em junho, a repressão policial fez com que o movimento estudantil tivesse mais apoio e ficasse em evidência na época. Esther Radaelli, diretora de Relações Institucionais, conta que uma coisa que a marcou foi ver, nas manifestações de 2011 em Vitória, muitos estudantes do curso e bandeiras do Centro Acadêmico presentes. Todos repudiando a violência policial, participando das assembleias, cobrindo para diversas mídias e construindo realmente o movimento. “É gratificante ver um trabalho de base, em que se constrói política de fato,

dando certo”. Para Kauê, em épocas importantes como de greve ou manifestações, os estudantes se unem e mostram sua força. O interesse está ligado à forma com que a gestão conseguiu levar os debates aos estudantes, tornando-os mais participativos. “Nosso trabalho de conscientizar as pessoas foi bastante intenso e todo mundo entendeu que era preciso ir para a rua. Foi muito lindo ver os calouros fazendo cartazes, se pintando e indo para a rua protestar. Acredito que nós mudamos a mentalidade de muita gente que passou pelo curso. Conseguimos trazer um pouco desta esperança de um mundo mais humano e de uma comunicação mais democrática para todos”, contou Ricardo.

A gestão conseguiu organizar vários encontros importantes para discutir temas relativos ao curso. Foi feito um seminário com debates para cada habilitação, e a aproximação com a Enecos naquele ano resultou, além do Cacos na Coordenação Nacional, no Erecom Vitória, que aconteceu em novembro daquele ano. “Encontro que deu muito trabalho para organizar, mas que teve um saldo muito positivo (não financeiro, mas de formação mesmo)”, falou Kauê. Esther contou um pouco mais sobre esse saldo positivo: envolve muitos estudantes, inclusive os que não fazem parte da gestão, os professores, o curso e o centro como um todo. Receber os outros estados, pensar a política do espaço e cumprir as tarefas geram um crescimento muito importante para as pessoas, para o movimento estudantil como um todo.

Outro ponto importante na atuação do Centro Acadêmico foi a construção da articulação dos CAs da universidade, na qual foram linhas de frente especialmente na greve de bolsistas de 2010, que resultou em aumento do valor das bolsas em 20% e em um projeto de construção de moradia estudantil em Goiabeiras, que a Reitoria nunca tirou do papel.

Conseguiram manter uma relação tranquila com o departamento e construir ações em conjunto. A principal delas foi a mudança na grade curricular do curso, anteriormente citada. Esther avalia a atuação da chapa de forma muito positiva: “No movimento estudantil, sempre há problemas, altos e baixos. Mas avalio que a gestão foi um

marco importante na história recente do CACOS. Vivemos um momento histórico em que há um discurso muito forte de negação da política, das organizações e da participação social. E isso, é claro, pega nos estudantes. Mas quando se consegue construir o movimento de baixo para cima, na sala de aula, em assembleias, com gestões abertas, ainda se consegue mobilizar. Acredito que, mesmo com todos os problemas, cumprimos bem esse papel”.

Os membros da gestão foram

- **Diretoria de Comunicação:** Gabriel Felipe Barbosa Mattanó (Publicidade e Propaganda), João Oliveira de Paiva Neto (Publicidade e Propaganda) e Patrick Trugilho Torres (Publicidade e Propaganda)
- **Diretoria de Comunicação:** Jéssica Lopes Rebel (Jornalismo), Ricardo Aiolfi Barone (Jornalismo), Rodrigo Erlacher Rassel (Publicidade e Propaganda)
- **Diretoria de Relações Institucionais:** Esther Ramos Radaelli (Jornalismo), Kauê Batista Ferreira Luchetta Scarim (Jornalismo) e Luma Poletti Dutra (Jornalismo)
- **Diretoria de Cultura:** Camila Cuquetto Piekarz (Publicidade e Propaganda), Mateus Freire Cordeiro (Jornalismo) e Narayana Teles Caetano Silva (Audiovisual)
- **Diretoria de Finanças:** Carolina Maria Moreira Alves (Jornalismo), Marila Oliveira Brasil Almeida (Publicidade e Propaganda) e Thaiana Gomes dos Santos (Jornalismo)

2012: “VAMOS QUE VOAMOS”

Depois de 2 anos de forte mobilização do movimento estudantil da comunicação, 2012 dava os primeiros sinais de exaustão. “A ideia era seguir essa linha, mas o fôlego não era mais o mesmo”, relata Kauê Scarim, diretor de Relações institucionais das gestões de 2011 e 2012. A

gestão passa a ser tocada por poucas pessoas, o que gerou um desgaste e desânimo em quem ainda estava ativo. Marcos Vinicius Siqueira, diretor de finanças da gestão, explica: “boa parte dos integrantes já estavam há bastante tempo na organização estudantil e envolvidos com muita coisa. Todos os diretores tinham muitos afazeres além da gestão do Cacos e isso dificultou marcar reuniões e colocar em prática ações voltadas para a organização estudantil e para os estudantes”.

O Erecom Vitória havia deixado um rombo nos orçamentos do CACOS e não foi nada fácil reerguer a gestão. As discussões sobre a greve e a importância de se movimentar a UFES em tempos de paralisação se tornaram mais frequente e contou com o apoio dos estudantes do curso. No começo, aproveitaram que estavam de greve para articular várias coisas para chamar os estudantes, o que foi muito produtivo. Porém, a greve se estendeu durante meses e a desmobilização acabou acontecendo. Após a greve, todo mundo estava preocupado com as matérias.

As bandeiras da Enecos não foram deixadas para trás. O Coletivo capixaba da Executiva foi o principal apoiador da gestão, que tentou manter o debate sobre os temas. Por conta do Enade e as discussões ocorridas dentro de um núcleo do Depcom do novo currículo, o tema da qualidade de formação do comunicador foi o mais debatido. Porém, o processo de reformulação do currículo de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, que já era acompanhado pela gestão de 2011, foi aos poucos sendo deixado. “Infelizmente não conseguimos ter pernas para acompanhar todas as reuniões do Núcleo Docente Estruturante devido à falta de tempo dos diretores e também porque o colegiado nos avisava com pouco tempo de antecedência. Essa pauta deveria ter sido melhor debatida naquela época” contou Marcos. Quando o debate voltou à pauta em 2014, já estava praticamente pronto o novo currículo. As discussões sobre o Enade resultaram em um boicote coletivo daqueles que fizeram a prova naquele ano, por não concordarem com a forma da avaliação. Os efeitos disso foram vistos nos anos que seguiram.

A chapa era dividida em cinco diretorias pelos estudantes

- **Diretoria de Cultura:** Andressa Trancoso (Audiovisual), Ohana Waichert (Publicidade e Propaganda) e Rodrigo Rasseli (Publicidade e Propaganda)
- **Diretoria de Relações Institucionais:** Esther Radaelli (Jornalismo), Kauê Scarim (Jornalismo) e Mariana Bergamini (Jornalismo)
- **Diretoria de Finanças:** Lorraine Paixão (Publicidade e Propaganda), Marcos Vinicius Siqueira (Jornalismo) e Mateus Cordeiro (Jornalismo)
- **Diretoria de Organização:** Eloí Caçador (Jornalismo), Patrick Torres (Publicidade e Propaganda) e Thais Stein (Publicidade e Propaganda)
- **Diretoria de comunicação:** Hegli Barbosa (Audiovisual), João Oliveira (Publicidade e Propaganda) e Nathália Rocha (Publicidade e Propaganda)

2013: COMPARTILHE OU NADA!

A gestão foi planejada com foco principal na participação estudantil na vida universitária e disso surge o nome da chapa “Compartilhe ou nada!”. Porém, desde 2012 o CA começou a decair, as pessoas foram se afastando e enfraquecendo o centro acadêmico. Não houve apoio, o curso passava por um nível baixo de engajamento e participação estudantil contaram os integrantes da chapa.

A maior parte da diretoria não participava das reuniões, discussões e assembleias. Já nos primeiros meses de gestão, os membros da chapa começaram a sair. O trabalho ficou com poucos e isso dificultou o andamento de todos os projetos. “Tínhamos muitas ideias, que não eram tão complicadas, mas que precisavam de pessoas dispostas a ajudar. Infelizmente nenhuma foi para frente. As pessoas só querem as coisas prontas, é difícil encontrar alguém que queira colocar a mão na massa”

declarou Jéssica Adriana Araújo Ferreira, diretora de Comunicação, sobre a gestão. Tinham como principal ideia fazer uma Mostra do Curso, que ficou inviável com o tempo pela baixa participação. Como tarefa do CA, realizaram a Semana Calórica com debates e festa.

Os protestos de junho de 2013, sobre a mobilidade urbana, tomaram a rua e a luta despertou o interesse dos estudantes que tinham acabado de entrar no curso, que acompanharam todo o processo de repressão policial e ocupação da Assembleia Legislativa. A atuação da mídia nos protestos resultou em um debate organizado pelo Cacos, Observatório da Mídia e Coletivo Enecos Espírito Santo, intitulado “Expressar a Liberdade: democracia na mídia e os protestos”, que se propôs a discutir a cobertura dos grandes veículos de comunicação nas manifestações, alvo de tantas críticas, quem ocupa os espaços na mídia e quem discute as políticas relacionadas aos meios de comunicação.

O Enecom Piauí, no mês seguinte, teve bastante participação dos calouros nos pré-encontros e no encontro, que se mostraram interessados no movimento estudantil e foram convidados a compor a chapa, já bem desfalcada. Na bagagem do Enecom, o curso de comunicação trouxe um Congresso Nacional de Estudantes de Comunicação Social para organizar e os novos membros: Maria Ritha Gouveia, Gustavo Ferreira Andre e Luiza Marcondes, que substituíram os que tinham se ausentado. Isabella Mariano, diretoria de Cultura, relata: “Nosso principal objetivo, na época, era ter uma gestão colaborativa, contando não apenas com quem era membro oficial da chapa. A ideia era estimular um engajamento maior, porque percebemos que o curso estava quase completamente apático em relação ao movimento estudantil. Acredito que, nesse ponto, atingimos nosso objetivo. Os calouros se sentiram motivados o suficiente para continuar no Cacos com uma nova gestão”.

O fato mais marcante para o Centro Acadêmico no ano talvez tenha sido o aumento de seu espaço físico, que se deu após a Ecos Jr (Empresa júnior de Comunicação) ganhar um espaço maior no Cemuni I e desocupar a sala ao lado do Cacos, possibilitando a expan-

são. Passados os meses e com o espaço no Centro de Artes disputadíssimo, a diretoria do Centro passa a reivindicar o espaço ocupado, que legitimamente é destinado ao DACar (atualmente sem gestão), para passar a um projeto de extensão da Matemática, o Caleidoscópio, com a justificativa de que o Centro de Artes não produzia. Ao convocar o Cacos para uma reunião da diretoria do Centro, o professor Cleber Carminati junto com os membros da gestão, compareceram para garantir a permanência deles no espaço e que só desocupariam para um projeto de extensão do curso, na época com mais de 600 estudantes, já que muitos não tinham um espaço adequado para funcionar. O que resultou na conquista permanente até que o Dacar volte a ter articulação e reivindique o espaço.

Em dezembro, o boicote ao Enade começava a mostrar os resultados. O vestibular de Comunicação nas habilitações Jornalismo e Publicidade e Propaganda foi suspenso e no ano seguinte 102 estudantes deixam de ingressar na Universidade. O Cacos, por meio de uma nota, posiciona-se contrário à decisão e presta esclarecimento para a sociedade e a mídia:

Nota do Cacos Ufes sobre o fechamento das vagas de vestibular do curso de Comunicação Social

Em 2009 os estudantes de Comunicação Social da Ufes decidiram pelo boicote por acreditarem que o exame não avalia concretamente os cursos, servindo apenas para criar um ranking de universidades. O boicote é uma tentativa dos estudantes de marcar posição contra este método de avaliação. A decisão de aderir ou não ao boicote é de cada estudante, é a sua forma de protestar contra o que lhe é imposto, de não aceitar essa prática, já que o Enade é obrigatório para o currículo.

O Cacos acredita que as universidades com cursos avaliados com conceito abaixo de 3 precisam receber tanto investimento

quanto as com conceito 5, afinal se esses cursos têm problemas deveriam receber mais investimentos e ter mais auxílio para que a estrutura e o ensino pudessem ser melhorados. Ao invés disso, o MEC direciona mais recursos para as Universidades que tiram as maiores notas e simplesmente elimina ou diminui recursos para as que têm média inferior ao que é exigido, tendo boicote ou não. É importante destacar que os estudantes não responderam as questões das provas, por isso o baixo desempenho demonstrado.

Ainda que precisemos de muitas mudanças, sobretudo em questões estruturais, nos últimos anos o curso teve algumas melhorias como contratação de professores, compra de novos equipamentos e o reconhecimento da produção dos alunos em congressos e festivais. O que comprova que apenas o Enade não é a melhor forma de se avaliar.

Somos contra o fechamento das vagas do vestibular, ainda mais com o processo seletivo em andamento, o que é um desrespeito com o vestibulando. A prática da avaliação feita pura e unicamente por estatísticas é totalmente condenável, haja vista que não houve nenhuma visita do MEC para constatar a “hipótese dos cursos serem ruins”, nem contato com professores ou alunos. Queremos uma avaliação de qualidade com a participação de alunos, professores, funcionários e sociedade, para que assim o curso possa ver onde é preciso melhorar.

“Compartilhe ou Nada” – Gestão 2013 Cacos/Ufes”

Foram membros eleitos para a gestão

- **Diretoria de Comunicação:** Jéssica Adriana Araújo Ferreira (Publicidade e Propaganda) e Marcos Vinícius Siqueira (Jornalismo)
- **Diretoria de Cultura:** Isabela Mariano (Jornalismo) e Leonardo Ribeiro (Jornalismo)

- **Diretoria de Finanças:** Lorraine Lopes (Publicidade e Propaganda) e Viviani Barcelos (Jornalismo)
- **Diretoria de Organização:** Edilaine Carvalho (Jornalismo) e Tiago Cardoso (Audiovisual)
- **Diretoria de Relações Institucionais:** Rafael Silva Freitas (Jornalismo) e Ronan Freitas (Audiovisual)

2014: “IH CARACOS!”

Com a ida de alguns estudantes dos períodos iniciais ao Enecom Piauí, foi despertado o interesse pelo movimento estudantil do curso de comunicação. A chapa “Compartilhe ou nada!”, que havia recorrido à animação desses calouros para levar a gestão até o final e conseguir realizar algumas poucas ações no fim do ano, deu origem a que sucedeu. Formada basicamente por estudantes que tinham contato com a bandeira da Enecos e com um Cobrecos para organizar pela frente, a chapa “Ih Caracos!” é eleita para o centro acadêmico com o cancelamento do vestibular de brinde.

No início da gestão, os membros se reuniam quase toda semana para planejar as ações. O Cobrecos Vitória reuniu estudantes de comunicação de várias partes do país e o Cacos esteve à frente de todo processo de organização. Passado o evento, as reuniões diminuíram, assim como o número de membros na chapa, que alegaram falta de tempo para se dedicar ao CA. Com a desistência de 9 dos 14 integrantes da chapa foi feita uma assembleia para a entrada de duas novas integrantes: Izabella Rodrigues e Caroline Kobi.

Sem ter quem fazer a Semana de Recepção do curso, a tradicional Semana Calórica, os membros da gestão fizeram um café da manhã de protesto no primeiro dia de aula, coincidentemente um 1º de abril, com cartazes de “Bem-Vindos” e “MEC, cadê nossos calouros” pregados por todo o Cemuni V. Com a greve dos servidores da UFES e o Restaurante Universitário fechado, ainda naquele mês, realizaram

um almoço e “linguiçada” de comemoração aos 34 anos de aniversário do Centro Acadêmico de Comunicação Social, no valor simbólico de 2 reais e 1 real o suco, custeado, em partes, pela arrecadação obtida no Cobrecos.

No mês seguinte decidiram que o CA precisava de uma reforma, que não tinha sido feita desde que o espaço físico fora aumentado. Os estudantes então compraram tintas e pediram para que o ex-aluno do curso, Patrick Trujillo, fizesse uma pintura, que resultou na releitura das paredes pintadas pela gestão de 2010. Além do espaço lavado e organizado de presente e apoio, os estudantes receberam um ofício alegando que os alunos haviam inundado a sala ao lado da música com água que escorreu por debaixo da parede.

A pauta da nova grade curricular dos cursos foi novamente colocada em discussão. A diretoria do Centro Acadêmico convocou uma assembleia para expor o tema e se posicionar sobre a proposta de reduzir a entrada de alunos assim que o vestibular voltasse, em razão do número reduzido de professores no Depcom. Os estudantes foram contrários, porém, com menor peso no departamento, a proposta da redução passou no colegiado e segue o trâmite, juntamente com as novas grades curriculares.

Com a ameaça de não haver vestibular novamente em 2015, buscaram formas de manifestar sua indignação com o processo do MEC através de um café da manhã na reitoria da UFES. Marila de Oliveira, das gestões de 2010 e 2011 do Cacos, acompanhou todo o processo de suspensão do vestibular: “Como eu sempre estive próxima do movimento estudantil do curso, esperava que os estudantes se unissem para evidenciar ainda mais os problemas de uma avaliação generalista como o Enade e lutassem para a revogação dessa decisão do Ministério da Educação. Uma parte dos estudantes apenas criticava o boicote, sem nunca ter se interessado em debatê-lo antes, enquanto poucos estudantes se esforçavam para dialogar com os professores e ver as possibilidades para reverter o problema do cancelamento do vestibular”.

A gestão como um todo não era muito ligada ao DCE, mas sempre tinha um membro que tentava participar do CEB. Na eleição para o Diretório Central naquele ano, boa parte dos membros ainda ativos apoiaram a chapa Vira Maré, com Jéfica Teixeira assumindo a cadeira de Igualdade Racial da entidade na gestão de 2015, desistindo do cargo dois meses depois por não concordar com a postura política da gestão: “tinha muita rivalidade entre os partidos políticos que assumiram pastas, atrapalhando e impossibilitando o andamento da gestão”.

Foi feito também um ato em solidariedade à aluna de Publicidade e Propaganda, Danielly Toniato, que teve o corpo ridicularizado por seus veteranos diretos em uma imagem que veio a público através de redes sociais. O ato “Respeite a Moça” contou com o apoio do coletivo Biscates. A adesão dos alunos do curso de Comunicação e de outros cursos da universidade foi boa, atentando para a necessidade de que se discutisse o machismo e que os professores trouxessem o tema para dentro da sala de aula. O saldo foi bem positivo: no semestre seguinte, três professores do Departamento se propuseram a ofertar disciplinas com foco no feminismo e no combate às opressões. Gabriela Alves, com “Mulher, Imagem e Corpo”; o professor Erly Vieira, com a optativa “Mídia, Homoafetividade e Homofobia”; e o professor Bajonas Britto, com “Mulheres no Cinema”.

A chapa não contou com o envolvimento dos alunos em grande parte do tempo e terminou a gestão com apenas três estudantes: Luiza Marcondes, Gustavo Ferreira e Jéfica Teixeira, o que impossibilitou a concretização de mais ações. Jéfica conta que o saldo da participação no movimento estudantil do curso foi de grande importância para ela, além de despertar a consciência política: “Meu entendimento sobre responsabilidade social do jornalista com certeza aumentou — e aflorou. Quero ser, e hoje tenho a consciência que preciso ser, uma profissional que respeita todos os seres humanos, principalmente aqueles que são desrespeitados diariamente na mídia, como os negros e as negras, as mulheres, as crianças e os adolescentes, os LGBTQI+, entre outros”.

Os estudantes eleitos foram

- **Diretoria de Organização:** Maria Ritha Gouveia (Publicidade e Propaganda), Júlia Pavin (Jornalismo) e Laís Rocio (Jornalismo)
- **Diretoria de Comunicação:** Gustavo Ferreira (Jornalismo), Jéfica Teixeira (Jornalismo), João Brito (Jornalismo)
- **Diretoria de Relações Institucionais:** Thamara Machado (Jornalismo), Tereza Eliza Dantas (Publicidade e Propaganda) e Epaminondas Paulino (Publicidade e Propaganda)
- **Diretoria de Cultura:** Duana Peixoto (Publicidade e Propaganda), Júlia Grillo Rabello (Jornalismo) e Luiza Marcondes (Jornalismo)
- **Diretoria de Finanças:** Elisa Tavares (Jornalismo), Luiz Felipe Guerra (Jornalismo) e Tais Bulgareli (Publicidade e Propaganda)

O CACOS EM 2015

Em 2015, a gestão de 2014 do Cacos deu abertura para o processo eleitoral daquele ano. As inscrições de chapas, abertas no dia 16 de março, encerraram no dia 09 de abril e não houve nenhuma chapa inscrita.

Para que os estudantes de Jornalismo e Publicidade e Propaganda continuassem representados nas reuniões de departamento e na Universidade, o aluno Gustavo Ferreira e as alunas Jéfica Teixeira e Luiza Marcondes, membros eleitos pela chapa “Ih, Caracos”, em 2014, optaram por continuar a gestão do CA, pelo menos até o final do primeiro semestre de 2015.

CACAU: O CENTRO ACADÊMICO DE CINEMA E AUDIOVISUAL

Criado no início do primeiro semestre de 2015, o Centro Acadêmico de Cinema e Audiovisual (CACAU), partiu da ideia dos estudantes do curso, visto como uma oportunidade de fortalecimento dos movimentos

estudantis da Comunicação. A criação do CA aconteceu através de uma Assembleia Geral, convocada por um grupo de estudantes, entre eles Caio Correa, Izabela Silva, Heitor Perpetuo, Matheus Fraga, Lorhana Vitor, Willian Loyola, Ronan Aguiar e Livia Gegenheimer. A Assembleia aconteceu no início do semestre de 2015, onde os alunos do curso, reunidos, decidiram por criar um novo movimento na Comunicação.

Para Willian Loyola, estudante de Cinema e Audiovisual, um único Centro Acadêmico não conseguia suprir e atender todas as demandas dos três cursos da Comunicação. “Visto que somos um curso noturno, percebemos que muitas vezes não conseguimos participar das reuniões e organizações do Centro Acadêmico de Comunicação Social (Cacos Ufes), de forma que nossa participação era um pouco vazia”.

Segundo o estudante, um dos principais pontos do CACAU é ser um centro acadêmico livre, ou seja, uma organização sem eleições de chapa. “(...) Somos um grupo de estudantes que, por costume, e além de ser um critério para se fazer Audiovisual, gosta de trabalhar em equipes e ouvir todos os envolvidos no processo”, frisa ele.

Até o final do primeiro período de 2015, o CACAU está em seu momento de definições e de decisões, disse o estudante.

UFES E COMUNICAÇÃO SOCIAL: MUITAS EXPERIÊNCIAS E LEMBRANÇAS

A Universidade, enquanto campo do conhecimento e do aprendizado, representa um marco na vida de vários jovens e adultos. Procuramos saber dos alunos formados desde 2005 em diante, como foi a passagem deles pelo campus de Goiabeiras da UFES nos cursos de Comunicação Social. Alguns, ainda no CCJE, e outros já nos prédios do Cemuni.

O contato, feito pela rede social Facebook, solicitava que cada um fizesse um depoimento resumido de como foi sua passagem pelo curso de Comunicação Social.

A lista de graduandos a seguir é apresentada segundo o ano de colação de grau dos alunos. Para a elaboração da lista dos bacharéis, contou-se com dados oficiais da Pró-Reitoria de Graduação da UFES. Solicitou-se os graduados do primeiro semestre de 2005 até o primeiro semestre de 2014, já que os estudantes graduados em 2014/2 estavam colando grau no período de produção deste livro.

Confira a lista de ex-alunos que se graduaram em Comunicação Social pela Universidade Federal do Espírito Santo, assim como os depoimentos das experiências vividas na Instituição por alguns deles.

	JORNALISMO	PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TURMA 2005/01	Ana Claudia Silva Mielki Andressa Azevedo De Souza Camila Menezes Torres Cinthia Ferreira de Souza Felipe Rebuli Procopio Fernando Carlos Graf Helena Santos Souza Jacson Jose Maria Segundo Jorge Luiz Stein Lamas Karina Dal Col Vieira Marcelia Alves Pieper Marcelle Altoe Duarte Marialina Cogo Antolini Maurilio Mendonca De Avellar Gomes Priscila Nivea Leite Cavalcante Roberta Nunes Andriao Rosana Penha Figueiredo Soares Wallace Capucho Cardoso	Alexandre de Pinho Uliana Daniella Escocard de Padua Flavio de Freitas Barreto Franciano Fiorese Gabriel Costa Labanca Giovanna da Silva Provedel Juliano Borgo Aguiar Keila Correa Gomes do Nascimento Klaus Berg Nippes Braganca Liliane Brunoro Barroso Louis Serges Veltem Debbane Ludmila Dias Magro Natalia Fracalossi Rafael da Costa Garcia Raquel Falqueto Caliman Renata Barbosa da Silva Renatha Marques de Souza Ricardo D'Andrea Rogerio Magalhaes Coutinho Stela Mara Soares do Amaral Wanessa Lins Borges Azevedo

	JORNALISMO	PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TURMA 2005/02	Alexandre Bonadiman Galvêas Amanda Joyce Almeida Negreiros Andressa Couto Zanandrea Nunes Camila Uliana Donna Cimara Ribeiro Pinheiro Cynthia Mara Silva Fernanda Neves Gomes Franciani Bernardes Gabriela Battisti Knoblauch Guilherme Valentim Nunes Machado Hellen Kaniski Bodart Henrique Alves Luciano dos Reis Frizzera Samia Alves Pedraca Vinicius de Andrade Mansur	Adriana Calmon Drummond Amorim Alexandra Maria Santana Alexandre Rizzi Bernabe Arthur Ruy de Britto Fernanda Vassoler Silva Flavio de Almeida Santos Jose Junior de Almeida Liliane Brunoro Barroso Louise Bragatto Trazzi Ribas Luis Carlos Ayres Fonseca Magda Lena Caliarí Marcia Baroni Nader Costa Maxwell de Oliveira Lopes Paulo Bolzan Lindoso Rafaela Secato Dalcumune Vinicius Baptista de Souza
TURMA 2006/01	Almir Alves Barbosa da Cruz Brunelli Casali Duarte Bruno Marques Claudia Silva Lopes Elaine Vieira Fabio Correa Botacin Fabricia Borges Ruy Felicia Borges Ruy Fernanda Farina Fraga Fernando Caulyt Santos da Silva Larissa Breda Bazilio de Souza Lia Pereira Galveas Ligia Maria Fiorio Custodio Luciana Mongin Boasquevisque Michele Saura Felix da Silva Rodrigo Daniel Alves de Melo Samantha Lievore Zanutelli Suellen Martins Barone Suen de Andrade e Silva Tiago Zanolí Garcia Zainer Rodrigues da Silva	Gyuliano Vieira Eccher Janaína Silva Oliveira Kamila Carla de Carvalho Miranda Rosa Marcelo Cade Guerzet Tatiana Fragoso Galdino da Silva Teofilo Augusto da Silva

	JORNALISMO	PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TURMA 2006/02	Amanda Guimarães Garcia Claudia Pedrinha Padua Euler Mota Alvarenga Fernanda Auxiliadora Coutinho Fernanda Patricia Pontes Flavia Carpanedo Monteiro George Vianna Silva Souza Gleyson Tete Hugo Leonardo Castilhos dos Reis Jaider Manoel de Miranda Julia Fregona Elias da Silva Juliana Bourguignon Vogas Luciana Wernersbach Nascimento Ludmila Kobi Ghil Marcus Vinicius Andre Pantaleao Maxlander Dias Gonçalves Mikaela Campos Almeida Milena Simoes Murta Natália Beatriz Honorato Patricia de Arruda Santana Patricia Gonzales Machado Raquel Machado Galvao Roger Santana Santos Silva Rogeria de Carvalho Nippes Wilson Vieira Junior Vitor de Azevedo Lopes Vitor Graize Magalhaes Batista	Andre Rocha de Albuquerque Maranhao Daniel Sarcinelli Furlani Fernanda Botan Costa Fernando Chiabai Bento Herberth Andrade de Paiva Goncalves Nathalia Catarinozi Ceccon Olyvia Venturim Monerat Fagundes Revan Berger Gomes de Souza Roberta Calazans Medeiros Roberta Ponzio Vaccari Veronica Antonia Freitas Wesley Menezes Guimaraes Yaçana Lopes Obermuller

“Entrei na UFES em 2000, quando tinha 17 anos. A escolha de uma profissão nessa idade é uma tarefa difícil. O desconhecimento do mercado de trabalho e a típica insegurança de uma adolescente tornaram essa escolha ainda mais complicada. Meu primeiro desejo foi cursar Turismo. Como a UFES, à época, não oferecia tal formação (e ainda hoje não oferece), fiz Turismo em uma faculdade particular, paralelamente ao curso de Comunicação Social na universidade federal. Apesar das dificuldades como as constantes greves, as aulas à tarde e à noite (bem diferente da proposta de um curso em horário matutino para o qual me matriculei), os quase sete anos que levei para me formar, ou mesmo a estrutura incompleta que proporcionasse um curso mais prático de publicidade e

propaganda, restaram lembranças saudosistas da companhia de poucas, mas verdadeiras amizades construídas ao longo dessa fase em minha vida na UFES. Recordo-me ainda com carinho do competente professor Ruy Roberto Ramos, tendo sido um grande privilégio tê-lo como meu orientador. Atualmente sou servidora pública estadual concursada e atuo na área de Turismo. Certamente tanto o curso de Comunicação Social quanto a própria UFES tiveram real importância para o complemento da minha formação profissional e para meu amadurecimento pessoal”.

Roberta Ponzo Vaccari

	JORNALISMO	PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TURMA 2007/01	Carlos Roberto Calenti Trindade Ceciana Ferreira Franca Katarine Rosalem Lorencini Kenia Cardoso Vilaca de Freitas Keyla Fabiana Cardoso Papa Leticia Rezende de Abreu Luciana Silvestre Girelli Marcelo Marconsini Rossi Marcio Scheppa de Souza Patricia Baptista Galletto Priscilla Thompson Pessini Ronald da Silva Alves Thama Boldrini da Silva Thiago Dal Col Costa	Carolina Pretti Aguiar Elisa Ribeiro dos Santos Fabio Amorim Rabelo Fernanda Vieira Sofiatti Juliana Drosdoski Ferreira Camillo Ligia Moro Fonseca

“Por conta de uma greve, o primeiro dia de aula da minha turma só aconteceu em 11 de novembro de 2002. Na verdade, não foi exatamente uma aula. Para nos receber, os então veteranos do curso que eram mais envolvidos com o movimento estudantil prepararam uma Semana Calórica, sendo a primeira atividade marcada para acontecer no Salão Rosa, do CCJE. Muitos de nós encaramos aquele convite como sendo parte de um trote, por achar pouco provável que um grupo de alunos seria capaz de perder tempo na idealização e execução de cinco dias de palestras, dinâmicas, oficinas e até uma festa, tudo para dar as boas-

-vindas aos calouros que acabavam de chegar. Nos enganamos. Fomos muito bem recebidos por eles e por professores do curso, em um clima de parceria, aprendizado, reivindicação por melhorias, bom humor, lutas, inquietações e trocas de experiências que marcaram todo o tempo em que estive na UFES.

A Com Soc 2002/2, apelidada de Turma do Bigode, ainda fez o vestibular em que não era necessário escolher antecipadamente uma das duas habilitações que o curso oferecia. Só nos dividimos entre Jornalismo e Publicidade e Propaganda no 3º período. Ao longo dos quatro anos, passamos por muitas mudanças, em nós e no curso. Começamos no CCJE e terminamos no Centro de Artes. Fomos agraciados também com a modernização dos laboratórios e a possibilidade de deixar para trás equipamentos obsoletos e passar a produzir com câmeras fotográficas digitais, microcomputadores de última geração entre outras tecnologias que vimos sair da caixa, garantindo um ambiente ainda mais propício ao ensino público, gratuito e de qualidade.

Estrutura física, laboratórios e equipamentos de um curso como o de Comunicação Social são importantes, mas é preciso ressaltar a qualidade dos professores dos diversos departamentos que ajudaram em nossa formação. Tivemos a honra de aprender com verdadeiros mestres, que compartilharam com generosidade seus conhecimentos, entre eles Ruth Reis e David Protti, que cito na categoria com mais anos de sala de aula, além de Renata Rezende Ribeiro e Rodrigo Rossoni, como exemplos de professores que naquela época davam os primeiros passos na arte de ensinar. Tenho muita gratidão, orgulho e me sinto privilegiado por ter convivido com estes e os demais docentes e funcionários da UFES.

Preciso registrar também a felicidade de ter integrado a primeira equipe do Bandeirão 104.7, da Rádio Universitária. Ajudar a idealizar e dividir o comando de um programa radiofônico com duração de duas horas diárias, de segunda a sexta-feira, foi um desafio e tanto e só foi possível por causa da colaboração de muitos, entre eles o então diretor da rádio, Saul Josias. A gente brincava que era o melhor estágio do mundo e

as bases de lançamento foram tão sólidas, no dia 2 de fevereiro de 2004, que o Bandeirão está há 11 anos no ar e não dá sinais de cansaço, sempre conduzido por estudantes do curso.

Para terminar este breve relato, só resta dizer que vou levar comigo pra sempre o resultado de anos repletos de alegria, conhecimento, criatividade, formação crítica e de oportunidade em conhecer pessoas da melhor qualidade que se tornaram meus amigos”.

Marcio Scheppa de Souza

	JORNALISMO	PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TURMA 2007/02	Abdo Jose Bertollo Chequer Amanda Soares Zambelli Ananda Barcelos Bisi Anny Karollinny Riva Giacomini Claudio Humberto Vereza Lodi Daniella Zanotti do Couto Teixeira Dayane Assis de Freitas Geise Frigini de Marchi Graziella de Azevedo Garcia Guido Nunes Giovanini Iani Eleuterio Igor de Oliveira Carneiro Jackeline Lima Gama Leandro Tagliate Tedesco Leonardo Vieira Soares Leticia Orlandi Abrantes Liege Nunes dos Santos Nogueira Luanda dos Santos Vazzoler Ludmila Pecine dos Santos Marcelle Alvarenga Falqueto Marília Danielly da Silva Marques Melina Viana Mantovani Nabila Pinto Correa Nathalia Poloni Cabral Renata de Souza Murari Sabrina Beatriz Rodrigues Thassiana Siqueira Pinheiro Vanessa Ribeiro Pizzol Wagner Pinheiro de Carvalho Junior	Caroline da Silva Calatroni Cinthia Caetano da Silva Daniel Rerisson de Amorim Eglalciane de Lyrio Tongo Ezen Nascimento Tavares de Carvalho Jacqueline Lucia Viana Jaena Lucia Campos Cremasco Jose Alves de Azevedo Neto Leomar Jose Miranda Damasceno Leonardo Borgo Machado dos Santos Leticia Gama da Silva Lorena Geambastiani Conceição Marcelo Perin Neves da Silva Marcus Vinicius Jacob Paiva Maria Goreth Fernandes Oséias da Silva Iapequino Priscila Ricardo dos Santos Da Silveira Rafael Simas Farias Oliveira Renata Cristina Pinto Pazzini Rodrigo Pegoretti Lyrio Rodrigo Scheidegger de Souza

	JORNALISMO	PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TURMA 2008/01	Ana Celia Alves Alvim Ana Perini Muniz Fabris Camila Fregona Rocha Elaine Rodrigues Dal Gobbo Gabriely Sant'Ana da Costa Gustavo Moulin Gouvêa Joao Tarcisio da Costa Pereira Juliana de Farias Batista Kamila Rangel Costa Karina de Moura Oliveira Leticia da Silva Goncalves Lunelia Amaral Lima Lygia Haynes Bellotti Marianna de Aguiar Ribeiro Thalita Dias Vitor Taveira Rocha	Anderson Rios de Souza Macedo Barbara Altoe Marques Bruna Altoe Marques Bruno de Santa Cecilia Massa Bruno Piazzarollo Vietchesky Camille Correa Coutinho Deborah Melo Chamovitz Eder Werneck Machado Marcal Fernanda Dias Perin Geovana da Silva Pereira Greice Grativol Venturi Guilherme de Oliveira Castor Igor Pontini Mesquita Lais Jaccoud Grijo Melina Trivelin Klein Veronica Marchezi Nogueira
TURMA 2008/02	Alexsânder Nakaoka Elias Ariani Caetano Parpaiola Gabriela Conti Figueiredo Glacieri Carraretto Pereira Joao Paulo Pereira Livia Cristina de Freitas Cunha Lyvia Ribeiro Cavalcanti Nadia Cristina Vaccari Garcia Thaissa Aparecida da Vitoria Azevedo	Andre Ayres Fonseca Arthur Serra Pinto Campos Atila Martins Maia Aysle dos Santos Caroline dos Anjos Pereira Fernanda Izoton Coelho Gabriel Bourguignon Vogas João Vitor Vilaça Knop Juliana Bellia Braga Lucas Albani Rosa Luiz Gustavo Barachi Mariana Roberta da Silva Monick Barbosa Ribeiro

“Hoje sou servidor público. Trabalho na Comunicação da Assembleia Legislativa. Cuido da parte da criação visual da Casa.

O período que estive na UFES foi muito importante para a minha formação pessoal. Lá, tínhamos muita dificuldade com locais de aula, equipamentos, materiais de estudo, etc. Um curso como o de Comunicação Social não pode ter poucos equipamentos e sucateados. Isso comprometia o desenvolvimento do aprendizado. Porém, era um outro lado que se desenvolvia: o da criatividade e o da capacidade em lidar com dificuldades. Os alunos precisavam dividir equipamento, inventar soluções para os

problemas do dia-a-dia que a universidade “criava”, e, algumas vezes, ser um pouco autodidata. Até aula ao céu aberto tivemos, pois a sala estava ocupada. Rs. Foi bacana! Também tive o orgulho de ser campeão e goleador em vários Futcoms. Evento que sempre reunia a turma do curso”.

Lucas Albani Rosa

	JORNALISMO	PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TURMA 2009/01	Beatriz Toso Cristiana Carneiro Euclides Gabriel Herkenhoff Coelho Moura Helbert Paulino dos Santos Jose Maria Casagrande Junior Lorena Silva Fafá de Carvalho Ludmylla Altoe Gomes Maria Ines Dieuzeide Santos Souza Mariana Natalli Montenegro Monique Mansur Valinho Mykon Rosa Figueiredo Nadia Baptista dos Santos Natalia Gadiolli Carneiro da Silva Thiago Emanuel Lourenco Barbosa Yara Farias Jorge Silva	Clarissa Ribeiro Pagani Julia Santana Zanotelli Leandro Marchiori de Oliveira Maria de Moreira Guimaraes Mayron Goetze Rosa Mirna Moulin Reis Vinicius Massini Freitas
TURMA 2009/02	Aline Beatriz de Oliveira Ana Rafaela Pereira Brotto Cibele Piazzarolo Lana Jacyara Pianes Henriques Carvalho Lorena Guerra Martins Luiz Eduardo Neves da Silveira Mariah Machado Simonato Mariana Rodrigues Carlos Monica de Oliveira Silva Paula Guanaes Varejão Susana Kohler	Carolina Gaigher dos Reis Felipe Fernandes Novaes Janine Moraes do Nascimento Julia de Andrade Gonçalves Juliana Vieira Valentim Lucas Pereira Campos Pedro Martins Marchezini Rodrigo Rubens da Silva Vinicius Silva Bastos

	JORNALISMO	PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TURMA 2010/01	Anna Beatriz Alves Brito Anna Karla Mendes Lerbach Bruna Mesquita Gati Brunella de Lima Franca Carolina Rocha Alvarenga Cezelina Chagas Gomes Cristina Oliveira dos Santos Daniel Nogueira Vargas Danielle de Oliveira Ewald Danilo Ronaldo Alves dos Santos Bicalho Flavia Lima Frossard Flavia Rangel Pimenta Frederico Silva Goulart Gabriel Almeida Torobay Getulio da Costa Hilario Giselle Pereira da Silva Guilherme Alberto Ferreira Haroldo Ferreira Lima Janaina Thaina da Silva Jirlan Biazatti Joyce Silva Meriguetti Juliana Souza Tinoco Katilaine Chagas Garcia Katler Dettmann Wandekoken Laila Pimenta Magesk Lara Abib Santos Lis Vicente Trancoso Luiz Alberto Rasseli Junior Maria Elisa Silva de Almeida Marlon Marques Bernardo Pedro Augusto Carneiro Mesidor Rafael Arcanjo dos Santos Junior Ramon Zagoto Mariano Raphael Scaramussa de Angeli Regina Lucia Trindade Costa Sergio Rodrigo da Silva Ferreira Stefânia Masotti Sylvia Ruth Ferreira de Oliveira Tamara Freire Cardoso Thais Paoliello Tielly Nogueira Zen Victor Duarte Alvarenga Vitor Bourguignon Vogas Wanderson Lima Mansur	Adenilton Antonio Nunes Alex Rosa de Andrade Amanda Fagundes Alves Amanda Fonseca Rodrigues Breno Maciel Souza Reis Bruna Ribeiro Nascimento Caio Henrique dos Santos Danielle Marchioni Pinto Danyelle Pazinato Galletti Deborah Pinto Correa Douglas Macedo Anholeti Ellen Carvalho Maganhi Érica Signorelli Ferreira Fabio dos Santos Chagas Felipe Antunes Pereira Batista Gabriel Bernabe Bona Jaqueline Borchardt Felix Jesse Martins Cardoso Julia Giacomini Cani Karina Inacio de Araujo Leonardo Leite Basoni Letícia Parmagnani do Nascimento Manoela Pagotto Martins Ofelia Raquel Romam Lemos Paulo Henrique Baque Berton Paulo Henrique Keijock Muniz Priscila Aparecida de Andrade Pires Raquel de Oliveira Frois Raysa Dantas Loureiro Renata Gravata Nicoli Thiago Sotero Da Silva Moreira

“Minha graduação em Comunicação Social aconteceu no período de 2005 a 2008. Nasci e morei até os 17 anos na cidade de Anchieta (sul do ES) e o ingresso na UFES significou para mim uma série de mudanças: mudei de cidade, de casa e iniciei um curso superior em uma universidade federal. Foi um período que considero muito positivo. A autonomia que a universidade te proporciona é algo que considero fundamental para a vida profissional, mesmo que eu só tenha entendido isso tempos depois, quando me inseri no mercado de trabalho. É preciso “correr atrás com suas próprias pernas” para de fato viver as oportunidades que o curso e os professores te oferecem e isso me ensinou muita coisa ao longo da minha vida acadêmica. Como pontos negativos, ressalto o fato de algumas disciplinas terem sido prejudicadas devido a licença de professores e atraso na contratação de novos e, também, a falta de uma melhor estrutura nas aulas práticas. Hoje sou mestre em Psicologia também pela UFES, atuo há 7 anos como analista de marketing em empresas capixabas e em 2015 fui selecionada como professora substituta no curso de Comunicação e estou de volta para onde tudo começou, agora como professora”.

Manoela Pagotto Martins

	JORNALISMO	PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TURMA 2010/02	Aline Oliveira Coelho Dias Carolina Ruas Palomares Catarina Mattedi Carneiro Daniela Ramos Ribeiro Fabiana Fracarolli Tessinari Gabriela Zorzal Geize Ana De Miranda Kassia de Aguiar Salazar Leonardo de Almeida Quarto Marcela Artillas Turra Rangel Natasha Silva Siviero Rafaella Rodrigues Patta Roberta Goncalves Duarte Shamylle Alves Conceicao Simone Lima Azevedo	Alline Depollo Andrade Amanda Guimarães Tito Beatriz Magri Tomasi Camila Frizera de Melo Cintia Meneguelli Rodrigues Fabio Araujo Turbay Frederico Chiabai Zottich Gabriel Aguiar Valadao Higor Cesconeti Pinheiro Igor de Almeida Rizzo Mariano Italo Angelo Pereira Galiza Lia Scarton Carreira Lorena de Matos Machado Maithe Scherrer Sathler

	JORNALISMO	PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TURMA 2010/02		Mayara Junquilho Ribeiro Nikoly Santana Carneiro Rafael Rizo Scandian Roberta Alessandra Endring Penha Rodrigo Vasconcelos Santos Taciana Botelho de Oliva Pedrosa Tais Sarmento Valle Thayara Santanna Ferreira Thiago Coutinho

“Cursei Comunicação Social – Publicidade e Propaganda na UFES de agosto/2006 a agosto/2010. Tive muitas experiências, boas e ruins, além de grande aprendizado em todo o período do curso. O curso apresentou conteúdo forte e muito analítico, o que forçava os alunos a estudarem com empenho e buscarem respostas além da sala de aula. A maioria dos professores eram muito dedicados ao trabalho e tinham real interesse no crescimento dos alunos — como exemplos cito José Martinuzzo, Erly Vieira Jr., Ruy, Cleber Carminati e Lygia Muniz.

Os pontos negativos de minha passagem pela UFES se resumem em ausência de material suficiente para os alunos no laboratório de Fotografia e Vídeo e a ausência de professor em uma matéria (não me recordo qual) no quarto período. O curso me proporcionou muito mais pontos positivos do que os que julgo como prejuízos.

Atualmente sou Gerente de Projetos na multinacional Everis e estou alocada na VALE, em Vitória, na área de Tecnologia da Informação. Após a graduação fiz pós-graduação em Gerenciamento de Projetos e fui promovida na empresa ao atual cargo. Minha formação em comunicação foi a diferença durante meus estudos na pós e tem sido, também, a diferença em minha atuação na empresa. A comunicação é a base de todos os processos no gerenciamento de projetos e é a habilidade que um gerente de projetos mais precisa utilizar no dia-a-dia. A comunicação em projetos foi o tema de meu Trabalho de Conclusão de Curso da pós-graduação”.

Maithe Scherrer Sathler

	JORNALISMO	PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TURMA 2011/01	Aghata Avanza Penha Alexandre Lemos Junior Camila Bellon Botacin Carla Cacador Ferreira Sa Cintia Vargas Bringhenti Spinelli Cristiane da Silva Britto Darshany de Loyola Vieira Eduardo Fernandes dos Santos Elton Lyrio Morati Erica da Silva Vaz Souza Filipe Moreira de Paula Fiorella Nunes Gomes Flavio de Almeida Santos Flora Viguini do Amaral Gabriela Leal Chaves Joao Claudio de Santana Guerra Julia Sacramento Fernandes Leticia Braga Bazet Letícia Simões dos Reis Luisa Guimaraes Torre Luma Poletti Dutra Marcus Vinicius de Souza Vieira Mariana Anselmo Barbosa Mauricio Reis de Sousa Silva Pablo Rezende de Britto Paulo Gois Bastos Rafael Moura de Sa Rafael Sousa Muniz de Abreu Sidney de Almeida Celante Tatiana Oliari Negris Tayna Dias de Carvalho Feitosa Thiago Cruz Oliveira	Adriana Dieuzeide Santos Souza Alessandra Mariani Bicchi Andressa Rios de Souza Macedo Camila Curto Ferreira Camila Pandolfi Bufon Carleandra Romano Oliosa Christian Rai das Posses Elisa Fabris de Oliveira Esther Pereira Galveas Gabrieli Drago Getulio Antonio Cantao Neto Grazielle Fernanda Aguilar Soares Guilherme Henrique Carlos Maia Juliana Leirosa da Silva Larissa de Souza Gotardo Livia Severo do Valle Marcela Camporez Marcela Rodrigues Carraro e Mendonca Mariana Batista de Jesus Miguel Abdo Bertollo Chequer Raisa Batista Vital de Souza Silvia Rejane Rocha Carneiro Thaís Daniel Pereira Tulio Barbirato Azevedo

	JORNALISMO	PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TURMA 2011/02	Daniel Fernandes Vilela Dinora da Graça Bernardo dos Santos Djamile Tafeni da Eira Carreiro Ellen Albano Campanharo Evelli Falqueto Crisostomo Gabrielle Tallon Figueiredo da Rocha Gustavo Barata Leonardo Isabela Zortea Keyla Cezini Rodrigues de Oliveira Luisa Cunha Buzin Marcel Bussular Martinuzzo Natalia Barbosa Zucolotto Patricia Torres Pereira Carrion Paula Falcão de Souza Tiago Moreno Pascoal	Analu da Ros Scopel Barbara Oliveira Machado Erika Salles Juliana Mercom Franca Natasha Lima Marcondes Natassia Ferreira Augusto
TURMA 2012/01	Ana Paula Gomes Chaves Barbara Carolina Torralbo Tavares Carlos Augusto de Almeida Neto Carlos Henrique Scherrer de Oliveira Cassia da Silva Ramos Drieli Volponi Bindeli Fernanda Oliveira Pereira Luana Dalla Bernardina Coelho Luanna Almeida Esteves Luiza Boulanger Noce Marcelle Desteffani Marcelino Michelli de Souza Possmozer Victorhugo Passabon Amorim	Alex Rodrigues Gouvea Bruno Salim Alcantara Fonseca Carolina Miranda Batista Gustavo Lucas Di Cavalcanti Marina Machado Miguez Naila de Nadai Menezes Rafael de Angeli Rebeca Cristina Da Silva Ramos Victor Ambrosio Boechat Wagner Felicio Junior Wagner Piassaroli Mantovaneli

“O curso de Comunicação me fez ter contato com as pessoas que são meus amigos mais próximos hoje e me abriu os horizontes para caminhos pessoais e para as possibilidades de escolhas profissionais. Sou muito grato aos excelentes professores que me conduziram para leituras que hoje dou sequência no mestrado em Psicologia Institucional, também na UFES.

Profissionalmente, não exerci a publicidade diretamente, como profissional de agência ou em grande empresa de comunicação. Existem questões éticas nas quais sempre esbarro por causa da necessidade / atuação de nossa profissão no mercado, assim como o papel das grandes empresas de mídia sobre a produção dessa “verdade” que vivemos.

É o que estudo hoje na psicologia, inclusive. O curso foi bom para entender muitas coisas que eu me perguntava no colegial, pois talvez a imaturidade não dava conta disso na época. Mas, hoje, pretendo ir por outros caminhos mesmo”.

Rafael de Angeli

	JORNALISMO	PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TURMA 2012/02	Ana Elisa Borchio Bassi Bruna Netto Sperandio Carolina Maria Moreira Alves Cintia Cazate Camilo Diovana Renoldi Vieira Fernanda Batista Santos Francine Silva Leite Honório de Paula Rocha Filho Lucas Guimaraes Blunck Schuina Luisa Bertollo Dettoni Mariana Dornelas Bentes Gomes Nathalia Pompermaier Casagrande Coelho Paula Tessarolo Bastos Priscilla Calmon de Andrade Rafael Andrade Monteiro de Barros Ricardo Dobrovosky Savya Alana de Oliveira Tamiris Vieira de Souza Thaize Dallapicola Ramos Thaynara Lebachchi da Costa	Andre Almeida Goncalves Andre Nunes Bueno Andrea Benezath Rodrigues Ferraz Anna Virginia Albuquerque Ribeiro Isadora Saiter Borlot Isis Cardoso Dequech Priscilla Cabral Perpetuo Soares Priscilla Salvador Simonelli Rodrigo Alcure Castro Ronalson Vargas Mendes Filho Samantha Bulian Barcellos Samya Lievore Zanotelli Sarah Lacerda Alvarenga Pinciara

“Foram anos de muito aprendizado e o dobro de desafios e paciência (que também são métodos práticos de aprendizado). São inúmeras experiências boas, mas vou destacar uma só, para além do aprendizado acadêmico a universidade é um laboratório em que você é a cobaia e o cientista ao mesmo tempo, o que você aprende sobre comportamento humano em escala individual e coletiva é absurdo, e quando tudo termina, o resultado do experimento você leva para a vida pós faculdade (sim, ela existe) e é aí que você vai saber se você fez ou não valer a pena. De experiências ruins

que tive foram a falta de professor e de equipamento, problemas e riscos com a infraestrutura (...); incêndio no Bob esponja durante a aula; boicote ao Enade; greves de servidores e por aí vai... Atualmente estou empreendendo no universo da comunicação e pensando no mestrado”.

Savya Alana de Oliveira

	JORNALISMO	PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TURMA 2013/01	Ana Carolina Gomes Araujo Angeli Alves dos Anjos Ayanne Karoline de Araujo Silva Brunella Brunello Rasera Daniel Vieira de Figueredo Fernanda Marchesine Batista Gabriela Dallapicola Teixeira Mignoni Ismael Carriço Inoch Joao Carlos Fraga Bastos Karla Danielle Mendes Secatto Laio Medeiros França Leandro Nossa Guanandy Livia Costa Bernabe Maria Luiza Damiani Mariana Machado de Faria Mayra Pereira Novais Murilo da Rocha Gomes Natalia Devens Costa Rayssa dos Santos Silva Rochana Canal Bravim Rodolpho de Sa e Paixao Sergio Vitor Simas Rangel Vinicius Coelho Eulalio de Souza	Angelica de Freitas Ribeiro Annaya Dias Hackbardt Bruno Castro de Freitas Camila Cuquetto Piekarz Carolina Goulart Moura Rosario Damiana de Fatima Gomes Monteiro Danielle Cristino de Oliveira Dhanner Viana Lambert Diego Coutinho de Freitas Fernanda Barata Leonardo Fernanda Chiappane Cavalcante Laissa Costa Moreira Muniz Gamaro Leonardo Faria Almenara Ludimila Ribeiro Moura Luna Maria Pacheco do Nascimento Manuela Souza Pinto Mascarenhas Marcela Benezoli Mariana Fiorin e Silva Mariana Silva Freitas Marilia Neves Ribeiro de Sousa Milena Simoes Nunes Plinio Escopelle Gomes Neto Priscila da Silva Stein Raissa Andrade Bastos Raiza Locateli Silva Soraia Camata Canal Usalio Braz Piveta Vanessa Cristina Leite e Silva Veronica dos Santos Machado Victor Cardoso Moraes

	JORNALISMO	PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TURMA 2013/02	Ana Carolina Cometti Oliozi Astrid Malacarne Segrini Daiane Delpupo Moreira Esther Ramos Radaelli Isabella Silva de Freitas Mariano Izabelly Barbosa Possatto Jessica Romanha da Costa Jheniffer Rosicleia Sodre Joyce Castello Pereira Karolina Maria Lopes Goncalves Larissa Gouveia Lopes Maria Aide Malanquini Rafael Cossetti Raquel Nascimento dos Santos Henrique Raysa Calegari Aguiar Reuber Diirr Cogo Thaiana Gomes dos Santos Wilderson Melo de Moraes	Alex Melo da Silva Amanda Brommonschenkel Ana Luiza Brandao Guimaraes Lopes Clarissa Dallyane Silva Ramos Elisa Cristina Morais Rosa Gabriela Raposo Branco Borges Livia Henriques Miguel Coelho Lorryna Moraes Angeli Luana Anderson Fyhn Pereira Mailson Dutra Soares Maina Loureiro Ferreira Marcio Gonoring Soares Marcus Vinicius Lino Correa Morellato Nathan Mello dos Santos Rafaela Freitas Belo Thaisa Guimaraes Cortes Veronica Martins Tostes

“A UFES, assim como outras universidades públicas, tem uma espécie de força que é contraditória, a dificuldade. A dificuldade nos dá um sentimento de pertencimento e de cuidado com a coisa pública, uma necessidade de correr atrás de tudo e uma vontade de fazer melhorar. Acredito até que nasça uma força criativa daí. É aquele desejo de correr atrás, um “juntos a gente consegue”, “pode até ser difícil mais vai dar”. Mas, ao mesmo tempo, causa um desânimo, vindo daquele eterno “não tem jeito, é assim mesmo” que faz com que muita coisa fique estacionada e tantas outras nem existam. Faz com que os problemas pareçam um destino, o que remete a um conformismo. E assim imagino que seja em praticamente todos os cursos. Porém, de qualquer jeito, esses dois lados da dificuldade fazem crescer e me ensinaram muito.

A Universidade é muito transformadora, ainda mais quando você decide vivê-la em toda sua potência. E aí eu falo de estudar, debater, conhecer gente, participar de grupos de pesquisa, extensão, movimento

estudantil, criar projetos, tentar algo novo. E tudo que vi, vivi e aprendi é eterno. As referências mais diversas, a diferença de pessoas e de pensamentos, a vida numa comunidade que, em maior ou menor grau, está ali para crescer e aprender. Quando falo no “menor grau” eu digo porque acredito que existam alguns entraves. Um deles é o eterno ego de se provar qual pensamento é melhor, quem sabe mais. Mais convencer do que compartilhar. Essa vaidade que está muito presente no meio acadêmico é um pouco sufocante. Não a variedade de pensamentos, que é maravilhosa, mas um certo joguinho que existe em várias instâncias.

Falando mais especificamente sobre o curso de comunicação, sempre brinco que todos deveriam passar por ele. Talvez pessoas de outros cursos devam dizer o mesmo e tudo bem, elas devem estar certas. Mas a comunicação no mundo atual invadiu tanto nossa vida que desnaturalizar e entender como os processos da área se dão dá luz em um mundo de caminhos. De maneira geral, os professores do curso são ótimos nessa missão, alguns deles, daqueles que você quer levar para a vida. Pelos congressos e encontros que já fui por aí a fora digo que não somos menos do que ninguém. Ainda assim, acho que se o “juntos a gente consegue” e o “pode até ser difícil mais vai dar” prevalecer, a gente pode melhor muito mais. Principalmente na nossa missão de dar um retorno social a todos que nos possibilitam estar dentro de uma Universidade Federal, que, infelizmente, não é para todos. Acho que estamos falhando um pouquinho nisso”.

Esther Ramos Radaelli

	CINEMA E AUDIOVISUAL	JORNALISMO	PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TURMA 2014/01	Cristina Padua Braga Margon Mariana Mauro Preti	Allan Cancian Marquez Andressa Brito de Andrade Carina Santos Lamas Couto Eduardo Dias Fabio Matos de Andrade Frederico de Souza Ramos Carneiro Juliana Borges Paiva Leandro de Souza Reis Letícia de Melo Comerio Marília do Nascimento Michelle Bessa Cabral Terra Paula Gama Lidoio Poliana Pauli Martins Rebeca da Silva Santos Ricardo Aiolfi Barone Thaís Santos Pacheco de Oliveira	Ana Clara Magnago Bianchi Anderson Mendonça Barreiros Augusto Eduardo Veltem Debbane Elber Junior Machado Fernando de Almeida Lisboa Gabriel Cola de Melo Gabiella Ferreira Scarton Herick Assis Costa Izabel Queiroz Sant'Anna Jessika Alvarenga Frassi Marcella Cardoso Pereira Mariana Simões de Rezende Mariana Viana Oggioni Mayara Santos Nascimento Mayelle da Silva Paulo Roberto Miranda de Gouveia Junior Rafael de Araujo Gomes Coelho Rodrigo Erlacher Rasseli Rodrigo Ferreira de Oliveira Rogerio Rufino de Oliveira Rubiana Pianca Liuth Sara Freitas Silva Damaso

“Adorei passar pela UFES e fazer Comunicação Social nela. Lá, cursei Jornalismo e Publicidade e consegui experimentar estes ótimos cursos, com professores brincalhões, sérios, frios, loucos, gargalhantes. Foi nela que descobri os melhores amigos da minha vida, além é claro dos 5 anos mais divertidos e inesquecíveis que um garoto do interior poderia ter vivido. Enfim, nosso curso é único, as pessoas são diversas e é isto que acontece desde 1500/2, digo, desde o início da saga comunicóloga na UFES.”

Allan Cancian Marquez

COTAS: POLÍTICA AFIRMATIVA NA UFES E NA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Carta ao leitor

Caro leitor,

Tratar sobre um tema que, a priori, eu achei que seria algo fácil foi de grande surpresa para mim. Quando em sala de aula escolhi esse assunto para trabalhar, pensei que seria fácil. Enganei-me completamente. O assunto tem anos e anos de luta e um movimento político que não é muito apresentado ou divulgado nos grandes meios de comunicação.

Pesquisar sobre cotas ou sistema de reserva de vagas evidenciou a importância dessa conquista para a sociedade, para os estudantes e, mesmo contrariando muitos, para a Universidade Federal do Espírito Santo.

Ao pensar que o assunto seria abordado sem medo, tive meu primeiro desapontamento. Estudantes cotistas do curso de Comunicação não se apresentam como tal, mas os que se assumem falam com grande convicção da conquista que foi o ingresso na universidade e do direito de poder, ao menos, concorrer de igual maneira a um vestibular.

O relato que vocês encontram nas próximas páginas foi construído a partir de conversas com alunos, professores e servidores da universidade, e, também, de leituras sobre o assunto. O produto que apresento a vocês, que chamo de grande reportagem, é apenas um pequeno e modesto relato de como foram as negociações para a inclusão do sistema de reserva de vagas na UFES e qual foi a mudança que a implantação dessa política trouxe para a imagem e o cenário da universidade.

Inglydy Rodrigues

BREVE HISTÓRICO DO SURGIMENTO DE COTAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

— Alô!

— Alô. Bom dia!

— Bom dia!

— *Eu sou Inglydy, estudante do curso de Comunicação, e estou fazendo um trabalho sobre cotas. Teria como eu falar com o coordenador acadêmico, Ademir Sartim?*

— *Primeiro. Você é contra ou a favor?*

— *Como jornalista eu busco ser imparcial nas matérias que faço.*

— *Você ligou errado, esse não é o setor que você procura.*

— *Qual setor é esse, então?*

— *Eu não vou falar. Para qual número você ligou?*

— *Eu liguei para o 2412. Mas, quem é o senhor?*

— *Eu não vou falar e você não vai ouvir minha voz mais. Só queria saber qual a opinião dos estudantes se são contra ou a favor.*

— *Mas, quem é o senhor? Que setor é esse?*

— *Eu não vou falar. Você ligou errado. Tenta de novo no 2412 porque você ligou errado.*

Ao olhar o histórico de ligações percebi que havia ligado sim para o setor errado. Ao invés de ligar para o CCV, com o número 4009-2412, troquei o '1' por um '4', e na verdade liguei para o 4009-2442, cujo setor é a Coordenadoria de Meio Ambiente e Sustentabilidade, localizado na Prefeitura Universitária, sendo Renato Castro o responsável pelo local. Mas, a pessoa com quem conversei eu não tive a sorte de descobrir quem era. E, quando eu finalmente consegui falar no CCV recebi a informação de que Ademir Sartim não é mais o coordenador acadêmico. Agora, o responsável por essa área é o Professor Luiz Mário Claudio, mas tudo ocorreu razoavelmente bem.

Ao tentar falar com alguns órgãos da Universidade Federal do Espírito Santo, incluindo a ligação errada que fiz, percebi que a abordagem não era bem-vinda. Tirando apenas os coletivos e as divisões que vêm trabalhando nessa área já há alguns anos, a dificuldade de tratar sobre esse assunto, acredito, ocorra devido a uma corrente de racismo institucionalizado na Universidade e a como se deu o processo de implantação do sistema de reserva de vagas.

A possibilidade de ter o sistema de reserva de vagas na Universidade Federal do Espírito Santo não foi uma conquista fácil e tranquila. Foi preciso batalhar, reivindicar. No ano de 2004, o Movimento Negro trouxe para debate dos candidatos à reitoria Rubens Sérgio Rasseli e Rogério Silveira, a questão da implantação de cotas raciais. No mesmo ano, após o candidato Rubens Sérgio Rasseli ganhar as eleições, o Movimento Negro apresentou uma proposta que previa a reserva de 40% das vagas para alunos afrodescendentes. Uma comissão foi designada para estudar o projeto, contudo nada aconteceu. No ano seguinte, a proposta se ampliou e nela estava inclusa e prevista a reserva das vagas de 28% para afrodescendentes, 24% para alunos de escolas públicas, e 1% para indígenas. Sempre se levou em consideração o percentual de negros de acordo com pesquisas nacionais como o IBGE e o PNAD. O procedimento para identificação da etnia se daria por autodeclaração no momento da inscrição para o vestibular. Uma nova comissão formada por professores, técnicos administrativos e líderes da sociedade civil foi criada e o projeto não foi aprovado em reunião que aconteceu no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão — CEPE. No dia 10 de agosto de 2006, com 12 votos contrários e 11 favoráveis, o terceiro projeto desenvolvido e apresentado não foi aprovado. Os movimentos defensores da implantação de políticas públicas de inclusão social e ações afirmativas perceberam que a Universidade não queria de forma alguma que esse sistema fosse efetivado. Apenas 11 dias após o terceiro projeto ser rejeitado, o Ministério Público Federal — MPF —

formalizou uma ação cobrando da UFES a adesão ao sistema. Com a intervenção do MPF, em 2006 foi criada uma comissão especial para formular um novo projeto do sistema de cotas para a Universidade Federal do Espírito Santo. E foi no dia 09 agosto do ano de 2007 que, em uma sessão extraordinária do CEPE, o projeto de sistema de vagas foi aprovado. Entretanto, a questão racial foi retirada, ficando apenas o fator social, sendo alegado que no âmbito social os negros eram atingidos indiretamente (Azevedo, 2010, p. 138–186).

O projeto aprovado em 2007 — Resolução 33/2007 — estabelece o sistema de inclusão social com reserva de 40% das vagas para estudantes que cursaram pelo menos quatro anos do ensino fundamental e todo o ensino médio em escola pública, tenham renda de no máximo sete salários mínimos e não possuam curso superior concluído. A resolução ainda normaliza uma variação de 45% e 50% de acordo com o aumento das vagas dos cursos de graduação para os anos seguintes. O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, após três projetos rejeitados e quatro anos de luta, aprovou o sistema de reserva de vagas para o vestibular de 2008. Neste ano, do total de 3.295 vagas disponíveis pela universidade 1.300 foram ocupadas por estudantes que ingressaram pelo sistema de reserva de vagas (UFES, 2014, p. 70–73).

Marcel Bussular Martinuzzo, 25 anos, faz parte desse primeiro número de alunos cotistas. Hoje, 2015, formado em Comunicação Social – Jornalismo e com mestrado em Letras, com uma pesquisa sobre a poesia de Adélia Prado, com titulação dupla, na UFES e na Universidade Ca’Foscari de Veneza (Itália), onde passou um tempo estudando. Marcel fala sobre a importância que sua vivência acadêmica teve para a formação de quem ele é hoje. “Mudou tudo, eu diria. Minhas perspectivas profissionais, minha formação intelectual e política, muitas das minhas preferências — inclusive pessoais. A universidade pública no Brasil ainda é um espaço amplo e muito rico em debates e diversidade. Quando digo ‘universidade’ é óbvio que não me refiro somente às salas de aula, mas à vivência no campus. Tenho prazer em dizer que

aproveitei a vida acadêmica como, infelizmente, poucos: fiz extensão, iniciação científica, integrei o centro acadêmico, frequentei o DCE, participei e ajudei a promover debates e protestos, participei de oficinas, estagiei. A universidade foi um lugar importantíssimo na minha vida em todas as instâncias. Ajudou-me a desconstruir preconceitos, a repensar o mundo e minhas próprias escolhas, a descobrir possibilidades para o trabalho e para a vida. É evidente que nem tudo foram rosas, mas o saldo geral da minha experiência foi muito positivo”, afirma.

Oriundo da cidade de Brejetuba, região serrana do Espírito Santo, Marcel enfrentou grandes desafios para ingressar na Universidade. Um dele foi ter carga horária tripla: estudava pela manhã, trabalhava como bolsista na mesma escola à tarde e à noite frequentava um cursinho pré-vestibular na cidade vizinha, Venda Nova do Imigrante. O cursinho foi pago pela bolsa que recebia da escola. Retornava tarde para casa. Mas, Marcel não reclama do que fez e celebra os resultados: “meus esforços lograram e eu ingressei no curso de Jornalismo da UFES em 2008”.

Para o estudante de jornalismo Rodrigo de Barros Schreder, 23 anos, cotista da turma de 2010, ingressar na Universidade pelo sistema de reserva de vagas não o torna menos do que os alunos não cotistas. Para ele, as cotas mostram a insuficiência do governo em garantir educação universal de qualidade para todos os alunos. “Então, antes de ser uma diferenciação pelas cotas, ela acaba sendo uma desigualdade do ensino, uma deficiência do ensino e da própria sociedade”. Da sociedade, porque, segundo Rodrigo, “nós vivemos em uma sociedade de exclusão onde poucos têm mais oportunidade do que muitos. Muitos ficam aquém das oportunidades”.

Aluno de escola pública assim como Marcel, Rodrigo comenta que “as cotas, por um lado, são positivas por tornar possível a entrada de pessoas que tiveram uma situação educacional, condição social e psicológica diferente dos estudantes de escola particular. Pois a estrutura de ensino destes é diferente da estrutura de ensino de uma escola pública.”

Rodrigo ainda diz “que as cotas não são e não devem ser uma política contínua. Eu acho que ela vem para atender uma demanda do momento, de um tempo, mas que ela não deve ser uma política contínua”.

Uma ação não permanente também defendida por Joaquim César Pinheiros Santos, diretor da Divisão de Projetos Estudantis e Ações Afirmativas, pois, para ele, todos os projetos desenvolvidos como ação afirmativa devem perdurar até o momento em que as rotulações, que a sociedade vem fixando e sustentando na população vista como marginalizada, inferior e incapaz pelo imaginário social, sejam superadas, chegando ao ponto de não haver mais distinção por cor, raça, gênero, deficiência ou não. Todos devem ser vistos enquanto seres humanos.

O professor e também diretor do Departamento de Comunicação Social, Cleber Carminati, diz que há uma grande diferença entre quem ocupa e quem não ocupa o ensino superior público. E essa diferença decorre da construção histórica que a nossa sociedade vem produzindo. Também para ele “essas ações afirmativas deveriam ter um prazo de existência, dado um determinado momento que essa desigualdade já foi de alguma forma sanada ou minimamente equilibrada. Essas ações afirmativas, essas políticas públicas passam a não ter mais sentido nem função. Mas, enquanto houver esse impedimento, essa discrepância entre quem ocupa o ensino superior público e o não, a gente tem que produzir essas ações”, concorda.

AÇÕES AFIRMATIVAS

Para garantir não somente o acesso ao ensino superior, mas também incluir a parcela da população menos favorecida sócio e historicamente nos mais variados setores sociais e públicos das relações humanas, foram desenvolvidas as Ações Afirmativas. E, o sistema de reserva de vagas, as cotas, é uma política de inclusão social, que veio para tentar minimizar essas diferenças. Contudo, essa política acarre-

tou grandes debates sobre a constitucionalidade e a real necessidade de se implantar um sistema como esse.

Claudia Paiva Fernandes de Souza, diretora do Departamento de Assistência Estudantil, afirma que “tinha muita gente contra, principalmente das áreas exatas, as engenharias. A argumentação é que estudante de escola pública não sabe fazer conta, não sabe pensar”. Mas, esse argumento, assim que os primeiros alunos cotistas chegaram, foi desmistificado e negado. Como podemos ver na matéria produzida para um jornal interno, o Informa, o rendimento do aluno cotista é exemplar.



informa



15 a 21 de setembro de 2008 Informativo da Universidade Federal do Espírito Santo nº 285

Alunos cotistas: desempenho nota 10

“Agarramos a oportunidade e levamos o curso a sério”, comemora a estudante do curso de Arquitetura Aline Simonassi. Ela é uma das alunas do sistema de reserva de vagas da Ufes que se destacaram no primeiro semestre deste ano.

Cerca de 400 estudantes se matricularam pelas cotas no início de 2008.

A primeira turma de calouros que ingressou por meio das cotas sociais apresentou um índice de aprovação de 84% em diversas disciplinas. Ao todo 120 estudantes receberam pelo menos uma nota 10 em 25 diferentes cursos, somando ao todo 162 notas máximas.

Segundo o secretário de Inclusão Social, Antônio Carlos Moraes, esse resultado é mérito dos alunos, que se esforçaram para dar uma resposta à sociedade sobre o papel deles na Universidade. “Os cotistas foram muito cobrados socialmente, mas estudaram bastante para superar isso”, avalia.

Os estudantes da reserva de vagas que cursaram Medicina, Direito, Jornalismo, Arquitetura e Urbanismo, Farmácia, Enfermagem, Letras-In-

glês, Engenharia Florestal, Filosofia, Serviço Social e Biblioteconomia, foram aprovados em todas as disciplinas.

Aline Simonassi afirma que nunca teve problemas com o fato de ter ingressado pelas cotas. “Eu sempre deixei bem claro que sou cotista, mas nem por isso sofri discriminação”, conta.

O aluno de Jornalismo Marcel Bussular Martinuzzo também está satisfeito com o curso. “Não senti dificuldade nas disciplinas e consegui até bolsa de monitoria”, diz. Ele obteve quatro notas 10.

O curso no qual os cotistas mais receberam notas máximas foi o de Direito - 20 no total. Para a aluna desse curso Leticia Amaral, o semestre foi um pouco complicado. “Mas eu até esperava uma dificuldade maior”, comenta.

De acordo com Antônio Carlos Moraes, houve um aproveitamento de 56% nas disciplinas que têm uma tradição de alto índice de reprovação, como Cálculo I, Física I, Programação I e Álgebra Linear.

Projetos dão apoio a estudantes das cotas

Luciana Matheus de Assis é outra estudante do sistema de cotas que obteve boas notas em Arquitetura. Para ela, a maior dificuldade está sendo se manter no curso, já que alguns materiais são caros.

Pensando não só nos cotistas, mas também nos demais estudantes de baixa renda que ingressaram na Ufes, a Secretaria de Inclusão Social (SIS) desenvolve projetos para promover a permanência desses alunos na Ufes. Os investimentos giram em torno de R\$ 3 milhões, apenas para este ano.

Um dos projetos visa à aquisição, ainda neste ano, de 3,9 mil livros que sejam fundamentais para vários cursos. O objetivo também é diminuir a quantidade de fotocópias exigidas nas disciplinas. De acordo com o secretário de Inclusão Social, Antônio Carlos Moraes, a meta até 2011 é adquirir 16 mil exemplares, ampliando o acesso a todos os estudantes.

A ideia, diz ele, é oferecer materiais de consumo diário, como tintas, papéis, jalecos, toucas e luvas, para os estudantes utilizarem nas atividades acadêmicas.

O terceiro projeto vai permitir aos alunos ter acesso a fotocópias e impressões sem nenhum custo direto para eles. Moraes afirma que o projeto deverá atender toda a comunidade acadêmica até 2011.



As cotistas Aline, Luciana e Jaqueline se destacaram no curso de Arquitetura

Um dos argumentos contra a implantação dessa política é a questão da discriminação da raça. “Muitos dizem: ‘você estão discriminando’, mas é uma discriminação positiva. No sentido de que a gente reconhece que se um grupo historicamente foi prejudicado na inserção dentro de um direito, que é o ensino superior, que esse grupo foi alijado, excluído por motivos históricos na nossa construção da sociedade e em um determinado momento você produz algum tipo de ação afirmativa para incluir, para poder equilibrar essas medidas. Assim, tocamos na questão da exclusão, que é um trauma da nossa sociedade, principalmente com a exclusão vinda de um regime escravocrata como foi o nosso regime, que nunca se reconheceu e nem se fez algum tipo de ação que pudesse minimizar os efeitos tão danosos trazidos por ele. Sistema esse que construiu e produziu riquezas para uma nação e que formou a base daquilo que nós somos, o povo brasileiro” afirma o professor Carminati.

A luta do movimento negro por direitos iguais já tem alguns anos, e um dos marcos fundamentais das Ações Afirmativas no Brasil foi a “Marcha Zumbi dos Palmares contra o racismo e pela cidadania e a vida”, que aconteceu no ano de 1995. Período de grande pressão política no país por direitos da população negra. Santos reporta que

Nessa Marcha foi apresentado e entregue ao Governo Federal, especificamente ao presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC), o “Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial”, que inclui o estabelecimento e a adoção, por parte do Estado, de diretrizes políticas para os afro-brasileiros contemplando os eixos da democratização da educação, do mercado de trabalho, da educação, da cultura e comunicação, da saúde, da violência, da religião e da terra. Dentre as solicitações, citamos: incorporação do quesito cor em diversos sistemas de informação; estabelecimento de incentivos fiscais às empresas que adotassem

programas de promoção da igualdade racial; instalação da Câmara Permanente de Promoção da Igualdade no Ministério do Trabalho que promoverá diagnóstico e proposição de políticas de promoção da igualdade no trabalho; regulamentação do artigo da Constituição Federal que prevê a proteção do mercado de trabalho da mulher, por meio de incentivos específicos amparado na lei; **desenvolvimento de Ações Afirmativas para o acesso de afro-brasileiros** aos cursos profissionalizantes, à **universidade** e a áreas de tecnologia de ponta; concessão de bolsas remuneradas para adolescentes afro-brasileiros de baixa renda para o acesso e conclusão dos cursos da educação básica; implementação da Convenção sobre Eliminação da Discriminação Racial no Ensino; e a representação dos grupos étnico-raciais nas campanhas de comunicação do Governo e de entidades que se relacionam no âmbito econômico-político. — Grifos nossos — (MOEHLECHE, 2002; TELLES, 2003; PAIXÃO, 2006 apud SANTOS, 2015, p. 87).

Encarregado de desenvolver políticas que contemplem as solicitações exigidas no documento “Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial”, foi criado, ainda no ano de 1995, o Grupo de Trabalho Interministerial — o GTI — não mais em vigor. O GTI elaborou 46 propostas de ações afirmativas contemplando áreas como educação, trabalho, comunicação, saúde. Mas, como os recursos foram limitados, apenas algumas políticas foram implantadas. E, o objetivo do grupo ficou esquecido (ALBERCA, 2011, p. 26).

Pode-se definir as ações afirmativas como:

(...) medidas especiais e temporárias, tomadas ou determinadas pelo Estado, espontânea ou compulsoriamente, com o objetivo de eliminar desigualdades historicamente acu-

muladas, garantindo a igualdade de oportunidades e tratamento, bem como de compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização, decorrentes de motivos raciais, étnicos, religiosos, de gênero e outros, portanto, as ações afirmativas visam combater os efeitos acumulados em virtude das discriminações ocorridas no passado (...) (GTI, SANTOS, 1999; SANTOS, 2002 apud ALBERCA, 2011, p. 26).

As ações afirmativas fomentaram o debate e criaram maneiras de incluir parcelas menos favorecidas nos setores sociais, particulares e públicos das relações humanas. Contudo, essa ideologia sempre sofreu e ainda sofre represálias, pois para muitos não se deve facilitar o processo para ninguém, já que todos devem conquistar seus objetivos por mérito próprio.

Segundo o professor Carminatti, “a meritocracia é uma marca, é uma característica das instituições de ensino superior, e sabe-se que a origem da meritocracia é manter os privilégios para alguns poucos. Porque os alunos das classes mais abastadas, elites, estudam em escolas particulares o primeiro e o segundo grau inteiro, vêm para as universidades públicas exatamente porque sabe-se que é o lugar de ensino de qualidade, uma formação superior de qualidade. Não só pelos cursos, mas também pelas relações que se estabelecem. E esses lugares eles não querem perder.”

Para o professor, “nós (A Universidade) pensamos muito na forma meritocrática, que com o esforço individual vai ganhar recompensa e você vai conseguir chegar aonde você almeja com esforço individual. Você não reconhece todas as questões envolvendo a historicidade do percurso de caminho de vida. Então, você joga a responsabilidade para o indivíduo e com isso, mantém o status quo do lugar onde tradicionalmente e historicamente percebe-se que sempre foi ocupado pelas elites e pelos grupos mais fortes política e economicamente”.

Exponho aqui o Sistema de Reserva de vagas como uma Ação Afirmativa, que busca tornar igual a possibilidade do acesso à universidade e de maneira proporcional a todas as classes e etnias existentes no Brasil. Torna-se, portanto, possível a inserção de um povo desfavorecido nos cursos de graduação das Universidades Federais, que pela História foram constituídas majoritariamente por classes abastadas.

Para o estudante de Jornalismo Rodrigo Schereder, as cotas são ações afirmativas. Ele não vê como um preconceito e não acha que é a perpetuação do discurso de vitimização. “A cor no Brasil está atrelada diretamente à pobreza e à desigualdade. Eu acho que isso deve ser um motivo para as cotas raciais. Eu acho que tanto as cotas raciais quanto as cotas sociais vêm para tentar reparar ou tentar de alguma maneira trazer avanço, trazer autoestima para um povo que é historicamente excluído e que não tem as mesmas oportunidades.”

Rodrigo ainda diz “Eu acho que a sociedade ainda é muito carregada de racismo. O negro não ocupa todos os espaços, o racismo é isso. Quem é o negro? O negro é o auxiliar, é um servente. Então, eu acho que é um reflexo da sociedade que a gente vive, é uma sociedade de exclusão. Onde o negro tem o lugar dele ainda dentro da sociedade e as ações afirmativas vêm para tentar fazer com que o negro avance. Mas eu continuo pensando que o racismo é institucionalizado, porque ainda tem que criar cotas dentro de concurso público, dentro dos diversos concursos para que as pessoas negras tenham a oportunidade de avançar, porque a sociedade ainda não permite que elas cheguem lá”.

Na UFES, o setor responsável por trabalhar e implementar as políticas de ações afirmativas está ainda em seus primeiros passos, a Divisão de Projetos Estudantis e Ações Afirmativas. A Divisão está ligada ao Departamento de Projetos e Acompanhamento ao Estudante da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis.

CONHECIDA COMO A LEI DAS COTAS, A LEI Nº 12.711, FAZ UM RECORTE RACIAL NO SISTEMA DE RESERVA DE VAGAS

A questão da luta por direitos iguais, como já vimos, possui uma caminhada extensa, mas foi no ano de 2004 que esse assunto tomou proporções maiores, no assunto que tange a questão de cotas raciais, dentro da Universidade Federal do Espírito Santo. Porém, no decorrer das negociações, essa possibilidade foi vetada na comissão organizadora do projeto que deu início ao sistema de reserva de vagas na Universidade Federal do Espírito Santo, em 2007.

No ano de 2012 o Congresso Nacional decretou a Lei nº 12.711 que faz o recorte de 50% para o sistema de reserva de vagas. Dentro desse valor há subdivisões para negros, pardos e indígenas, conforme proporção no mínimo igual à percentagem de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE — define o artigo terceiro da lei. Veja no gráfico como ficou a divisão.

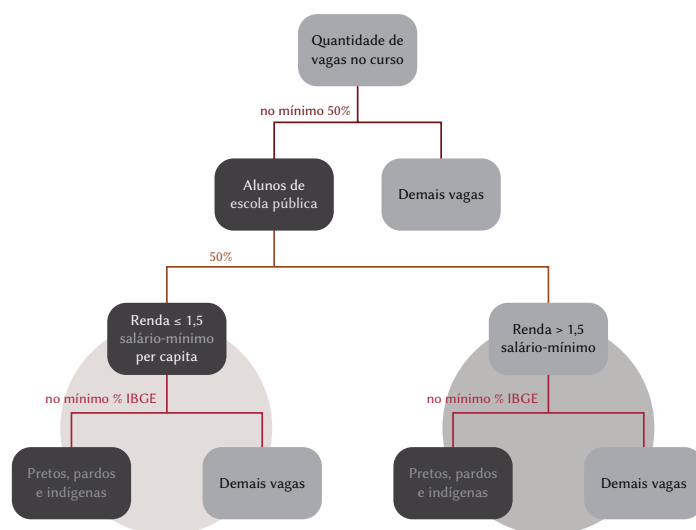


Gráfico retirado do site <http://vestibular.brasile scola.com>, com informações do MEC.

De acordo com o Art. 8º da Lei 12.711, as instituições devem implantar, no mínimo, 25% da reserva de vagas, e terão o prazo máximo de quatro anos para cumprir integralmente todas as especificações. Mas, a UFES adotou todos os dispositivos já no primeiro ano de vigor da lei. E, no vestibular de 2012, com ingresso em 2013, os 50% da reserva de vagas já foram atendidos. A notícia foi propagada e anunciada em quase todos os jornais da cidade, como pode ser visto na Matéria do Jornal A Tribuna, do dia 29 de junho de 2012.

VITÓRIA, ES, SEXTA-FEIRA, 29 DE JUNHO DE 2012 ATRIBUNA 11

Cidades

Cotas para negros nas universidades

Comissão do Senado aprovou reserva de vaga pelo critério de raça. Percentual vai depender da quantidade de negros de cada estado

Thiago Zanetti

A Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado aprovou ontem projeto de lei que reserva 50% das vagas nas universidades e instituições de ensino técnico federais para negros e alunos da rede pública.

Pela proposta, as cotas raciais serão preenchidas de acordo com a proporção de negros, pardos e índios na população de cada estado onde está instalada a instituição de ensino.

O restante das cotas será distribuído entre os demais alunos que cursaram todo o ensino médio em escola pública.

Isso significa que, em um estado com maior percentual de negros, mais estudantes negros entrarão nas vagas reservadas.

De acordo com a proposta, o li-

mite máximo para o preenchimento das vagas por cota racial é de 25%. Os outros 25% deverão ser destinados a estudantes de escola pública oriundos de famílias com renda igual ou inferior a um salário mínimo e meio por capita.

As universidades deverão selecionar os alunos de instituições públicas com base no coeficiente de rendimento.

IFES

O texto diz ainda que em outras instituições federais (como o Ifes do Espírito Santo), 50% das vagas dos cursos de nível médio deverão ser preenchidas por quem fez o ensino fundamental em escolas públicas.

A matéria ainda precisa ser examinada pela Comissão de Educação, Cultura e Esporte (CE). No entanto, existe pressão para que o texto siga diretamente para votação no Plenário.

Para isso, foi aprovado requerimento pela comissão, assinado pelos senadores Paulo Paim, que preside a CDH, e Eduardo Suplicy.

A Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) informou que, caso a proposta seja sancionada, vai se adequar ao novo sistema.

Atualmente, a reserva de vagas na Ufes é de 40% de cada curso e contempla os estudantes que tenham feito pelo menos quatro anos das séries do ensino fundamental e todo o ensino médio em escola pública, e que tenham renda familiar inferior a sete salários mínimos.

As cotas raciais não são adotadas pela Ufes atualmente.

"É um grande avanço para nosso País esse tipo de medida. Esse projeto combina dois sistemas: cotas sociais e cotas raciais. Isso garante melhor enfrentamento das desigualdades que se refletem no ensino superior", disse a senadora Ana Rita Esgário, relatora da matéria.

OS NÚMEROS

40%
é o que a Ufes reserva para cotas sociais. Atualmente, não há cotas raciais na instituição

25%
é o limite máximo, de acordo com a proposta, para preenchimento das vagas por cota racial

UFES disse que vai se adequar ao novo sistema, se proposta for sancionada



Para Claudia Paiva, diretora do Departamento de Assistência Estudantil, esse recorte não beneficia de forma justa os negros. Pois, em um curso com total de 40 vagas por vestibular, o negro vai concorrer apenas a cinco, quatro ou até mesmo três vagas. Para ela, ao diminuir a quantidade de vagas com todos esses recortes a concorrência é maior, o que equivale a menos oportunidades. "A minha defesa é que houvesse apenas o recorte de escola pública e dentro de escola

pública o recorte social para quem recebe acima e abaixo de um salário mínimo e meio. Pois, há pesquisas que dentro do recorte social o negro é atingido”, afirma.

Mas, para a aluna do curso Cinema e Audiovisual Amanda Almeida Macário, 22 anos, ingressar no ensino superior por meio das cotas raciais foi garantir um direito. “A cota racial não é um favor. De jeito nenhum. A existência da política de reserva de vagas é como se tivesse reparando uma dívida histórica que vem desde a época da escravidão. As cotas foram criadas no sentido de reparar um erro da sociedade e uma dívida que a sociedade tem conosco, pessoas de pele negra”.

Hoje, mesmo depois de tantas lutas e conquistas, o preconceito ainda está muito arraigado no imaginário coletivo, tanto que, para a aluna Natalia Gonçalves Dornelas, 22 anos, a possibilidade de haver algum tipo de discriminação e exclusão dentro do seu curso seria alta. “Eu pensei na questão de ser excluída porque normalmente é assim. Você exclui os, entre aspas, fracos, porque muita gente acha que cotista não é inteligente, que não tem capacidade para passar, que passou por causa das cotas. Mas, a gente estudou, eu estudei muito para estar aqui dentro, muito mesmo”, afirma a estudante de Cinema e Audiovisual.

Expectativa quebrada e, segundo ela, em sua convivência, todos os alunos ficam misturados, não há uma distinção e separação por quem é ou não é cotista. Natalia também afirma que o curso de Comunicação ainda é um curso elitizado, onde existem alunos com uma carga cultural que alguém como ela, negra, de classe menos favorecida e estudante de escola pública, não tem, e que é exigido pela universidade. “É uma questão de acessibilidade, então, nesses momentos você se vê diferente, você se vê menor por não ter coisas que os seus colegas têm. Então, por exemplo, falas como ‘Você nunca viu isso?’, ‘você nunca viu tal filme’, ‘Mas como assim, você não conhece o cinema europeu, o cinema iraniano?’. Coisa que eu não tive acesso, eu tive acesso a Hollywood, eu tive acesso a coisas comum a todo mundo e não especificamente.”

Situação que a universidade precisa estudar e modificar. Para o professor Carminati, a Ufes tem ainda muito trabalho pela frente, sendo desafio do século XXI colocar em pé de igualdade as questões relacionadas diretamente ao ensino de todos os estudantes que estão ingressando na universidade nos últimos anos.

Assim como os estudantes, em sua maioria os professores também não enxergam preconceito. A diferença que eles percebem nos alunos é a formação que eles têm e a possibilidade que alguns tiveram em dedicar-se e preocupar-se com sua educação ou não. Esses alunos que tiveram mais tempo destinado ao estudo ingressam na universidade na faixa entre os 18 e 19 anos. Já os que não tiveram essa oportunidade ingressam entre os 25 e 30 anos e normalmente são negros e pardos, trabalhadores que agora tiveram a oportunidade de entrar numa universidade. Estudantes que de alguma forma conseguiram voltar a estudar.

Segundo o professor Carminati, a imagem dos cursos de Comunicação Social “está bem colorida”. E, depois do sistema de reserva de vagas com esse recorte racial, as cores ficaram mais acentuadas. Contudo, como o vestibular para os cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda foi cancelado, a última turma que entrou na universidade nas três habilitações foi no ano de 2013. E, esse recorte só pode ser visto com mais vigor no curso de Cinema e Audiovisual, no qual entraram turmas no ano de 2014 e 2015.

Para o professor Carminati, “quanto mais misturado todo mundo ganha. E, o aluno que talvez venha de uma situação muito protegida, muito cuidada, ele começa a ter uma dimensão da vida do outro e começa a entender outra realidade a que ele não tem acesso. A não ‘ser pelas páginas policiais, que é quando ele quer distância daquele mundo’. Então, dentro de sala de aula e na convivência com o outro, “você começa a ver que na favela e no morro não tem só traficante e bandido, tem gente que quer estudar e que não teve oportunidade, não foi criada a oportunidade.” A partir dessa relação, os alunos não-co-tistas, que muitas vezes chegam com um discurso anticotas, ao verem

a situação de colegas de classe que chegam a dizer que não possuem dinheiro para a passagem, enquanto eles vão para a universidade de carro, é quando “conseguem entender que isso não é algo natural, que não foi Deus quem quis assim, que é uma construção humana, social e histórica e que nós podemos intervir e mudar.” Mudando assim, de maneira gradual e lenta, a concepção de quem é e como é o negro no imaginário das pessoas com a conquista que foi o sistema de reserva de vagas para toda uma nação.

ASSISTÊNCIA SOCIAL

Para garantir não somente a permanência dos estudantes com baixa renda na universidade, mas também viabilizar a igualdade de oportunidades entre todos os estudantes, foi criado no ano de 2007, pelo Ministério da Educação — MEC — o Programa Nacional de Assistência Estudantil destinado a estudantes originários de escola pública. Por meio desse programa, o MEC destinou, no seu primeiro ano de vigência, 2008, R\$ 125,3 milhões em investimentos. Para o ano seguinte, o valor quase que dobrou: foram R\$ 203,8 milhões a serem investidos diretamente no orçamento das instituições federais de ensino superior. O Programa Nacional de Assistência Estudantil — PNAES — tem como determinações de ação de assistência o acesso à moradia estudantil, alimentação, transporte, inclusão digital entre outros, conforme consta da Portaria Normativa nº 39, de 12 de Dezembro de 2007, reiterada pelo Decreto nº 7.234, de 19 de Julho de 2010.

Para o professor Carminati, a implantação do sistema de reserva de vagas, aprovado em 2007 e implantado em no ano 2008, está diretamente associada ao PNAES, pois o sistema só aconteceu em função dos recursos que viriam para a Assistência Estudantil. “O Governo Federal estabeleceu as políticas públicas estudantis e para isso tinha verba para os projetos de assistência estudantil das universidades, mas atrelado a esse projeto tinha que ter as cotas. E, foi por isso que a

universidade aceitou, mas aceitou apenas as cotas sociais”, diz.

A resolução nº 09/2008 cria a Secretaria de Inclusão Social dentro da Universidade Federal do Espírito Santo. Hoje, dentro da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania (PROPAES – UFES), o Departamento de Assistência Estudantil assiste pelo programa estudantil 517 alunos negros, 1.794 alunos pardos e 13 indígenas.

Para Claudia Paiva, diretora do Departamento de Assistência Estudantil, o programa de assistência estudantil é uma política inclusiva. “Cada vez nós identificamos a presença de pessoas que buscam a universidade e que até então não tinham esse direito. Como as ações afirmativas não eram divulgadas, e hoje estão sabendo se ele for pobre ele vai ter direito ao programa de assistência estudantil. Que ele pode se integrar ao programa bolsa permanência, que ele tem direito a auxílios. Então, essas ações estão contribuindo para que pessoas que estariam longe, distante da universidade, procurem a universidade. E, estão vindo por causa das ações afirmativas. Porque até então a família não sabia que o filho tinha direito a esses auxílios, e com essas ações eles estão buscando mais.”

GRÁFICOS DE ALUNOS COTISTAS E NÃO COTISTAS

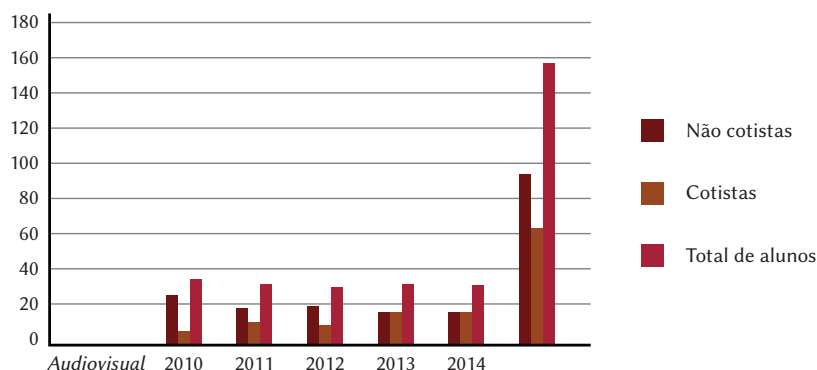


Gráfico 1: Total de alunos cotistas e não cotistas na Graduação de Cinema e Audiovisual, do ano de 2010 ao ano de 2014 (Dados ProGrad).

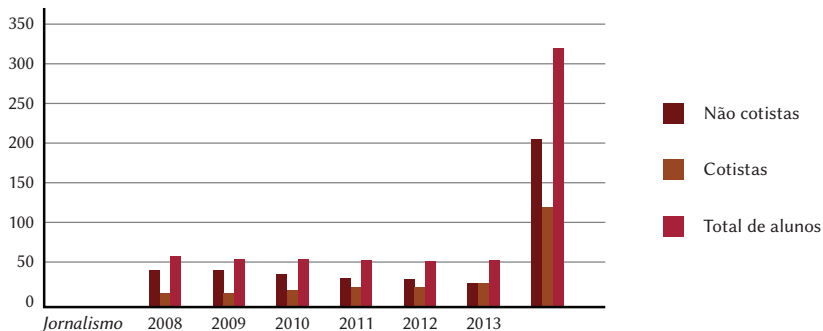


Gráfico 2: Total de alunos cotistas e não cotistas na Graduação de Jornalismo, do ano de 2008 ao ano de 2013 (Dados ProGrad).

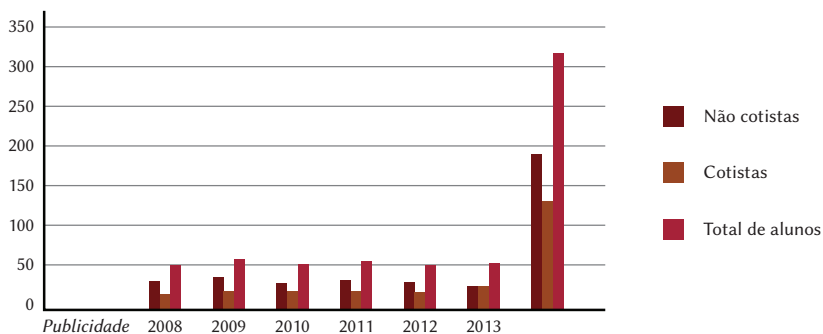


Gráfico 3: Total de alunos cotistas e não cotistas na Graduação de Publicidade e Propaganda, do ano de 2008 ao ano de 2013 (Dados ProGrad).

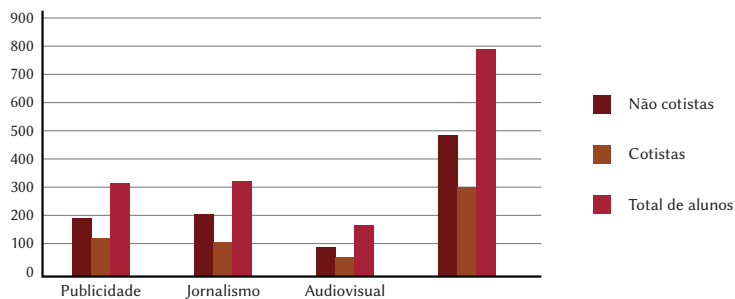


Gráfico 4: Total de alunos cotistas e não cotistas no Curso de Comunicação Social desde a implantação do Sistema de Reserva de Vagas, em 2008. (Dados ProGrad).

REFERÊNCIAS

AIOLFI, Ricardo. **Cacos 34: Fragmentos de uma história**. Monografia de Conclusão de Curso – Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

ALBERCA, Jose Fernando Luján. **Princípio da Igualdade e Política de Cotas na Universidade**. Brasília, 2011. (Monografia)

AZEVEDO, Simone Lima. **Ação só se for afirmativa**: A história da implantação da reserva de vagas na Ufes sob a ótica étnico-sócio-econômica. Vitória, 2010. (Monografia)

SANTOS, Sérgio Pereira dos. **“Os ‘Intruso’ e os ‘outros’ quebrando o aquário e mudando os horizontes”**: As relações de raça e classe na implementação das cotas sociais no processo seletivo para cursos de graduação da Ufes – 2006-2012. 21 de Dezembro de 2014; 390; Tese de Doutorado – Curso de Doutorado da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória; 2014.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>. Acesso em: 05/05/2015

Disponível em: <http://vestibular.brasilecola.com>. Acesso em: 05/05/2015

Disponível em: <http://ufes.br/conteudo/criada-coordenadoria-para-cuidar-do-meio-ambiente-nos-quatro-campi->. Acesso em: 11-05-2015

Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=607&id=12302&option=com_content. Acesso em: 13-05-2015.

Disponível em: <http://proaeci.ufes.br/aux%C3%ADlios-estudantis>. Acesso em: 17-05-2015.

UFES, 60 anos / organizador. **Universidade Federal do Espírito Santo**. Vitória, EDUFES, 2014.

Entrevistas

Amanda Almeida Macário – Estudante de Cinema Audiovisual

Cleber Carminati – Professor e Diretor do Departamento de Comunicação Social

Joaquim César Pinheiros Santos – Diretor da Divisão de Projetos Estudantis e Ações Afirmativas.

Marcel Bussular Martinuzzo – Formado em Jornalismo

Natalia Gonçalves Dornelas – Estudante de Cinema e Audiovisual

Rodrigo Barros Schereder – Estudante de Jornalismo

ANEXOS

Anexo A: Resolução nº 33/2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

RESOLUÇÃO Nº. 33/2007*

*Revogada pela Resolução nº 59/2008 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Anexo B: Resolução nº 59/2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

RESOLUÇÃO Nº. 59/2008*

Estabelece sistema de inclusão social no Processo Seletivo da UFES para ingresso nos cursos de graduação.

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais e estatutárias,

CONSIDERANDO o que consta no Processo nº. 26.962/2007-94 – COMISSÃO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO E EXTENSÃO;

CONSIDERANDO o que dispõe o Artigo nº. 207 da Constituição Federal do Brasil;
CONSIDERANDO o disposto no Planejamento Estratégico desta Universidade;

CONSIDERANDO o Decreto nº 6.135, de 26 de junho de 2007;

CONSIDERANDO, ainda, a aprovação da Plenária, por unanimidade, na Sessão Ordinária realizada no dia 17 de dezembro de 2008,

RESOLVE:

Art. 1º Estabelecer um sistema de inclusão social, por meio do Processo Seletivo para ingresso nos cursos de graduação desta Universidade (PS-UFES), contemplando, de modo simultâneo e articulado, as seguintes dimensões:

I. reserva de vagas para estudantes oriundos de escolas públicas no Brasil, que possuam renda familiar de até 7(sete) salários mínimos mensais;

II. criação de novas vagas.

Art. 2º O sistema de inclusão social terá como meta atingir o percentual de reserva de 50% (cinquenta por cento) das vagas em cada um dos cursos de graduação, a serem preenchidas por candidatos aprovados oriundos de escolas públicas, de acordo com o seguinte plano:

I. haverá reserva de 40% (quarenta por cento) das vagas de cada curso no PS-UFES para ingresso nos cursos de graduação;

II. haverá reserva de 45% (quarenta e cinco por cento) das vagas de cada curso no PS-UFES para ingresso nos cursos de graduação no ano letivo de 2009 se, e somente se, ocorrer expansão de, no mínimo, 30% (trinta por cento) de novas vagas sobre o total das vagas do respectivo curso existentes no ano de 2007;

III. haverá reserva de 50% (cinquenta por cento) das vagas de cada curso no PS-UFES para ingresso nos cursos de graduação no ano letivo de 2010 se, e somente se, houver expansão de, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) de novas vagas sobre o total das vagas do respectivo curso existentes no ano de 2007.

Parágrafo único. Caso não ocorra a expansão prevista nos incisos II e III, permanecerá a reserva prevista no inciso I deste Artigo.

Art. 3º Poderão concorrer às vagas reservadas os candidatos que atenderem ao seguinte perfil, cumulativamente:

I. não possuir diploma de qualquer curso superior;

II. ter cursado, no mínimo, quatro séries do ensino fundamental e todo o ensino médio ou curso equivalente, exclusivamente, em escola pública no Brasil;

III. possuir renda familiar de até 07 (sete) salários mínimos mensais na data da inscrição no PS-UFES;

IV. estar inscrito no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico).

Parágrafo único. O rendimento familiar de que trata o inciso III deste Artigo deverá ser comprovado por uma Comissão Permanente de Verificação (CPV), a ser instituída pelo

Magnífico Reitor, mediante a apresentação pelo candidato, no ato da inscrição, da declaração de rendimentos própria e da família* **(Alterado pela resolução nº 19/2009 do conselho de ensino, pesquisa e extensão).**

Art. 4º Os estudantes provenientes de escolas públicas que concorrerem pela reserva de vagas, de acordo com o perfil estabelecido no Art. 3º desta Resolução, deverão apresentar, no ato da inscrição no PS-UFES, documento oficial que comprove seu tempo de estudos na rede pública de ensino, a ser analisado pela CPV.

§ 1º Os candidatos que tenham obtido certificação do Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), mediante aprovação nos exames supletivos e/ou instrução personalizada, poderão concorrer às vagas da reserva, desde que tenham cursado o Ensino Fundamental integralmente e exclusivamente na rede pública.

§ 2º Para efeito de inscrição no PS-UFES, os candidatos descritos no §1º deste Artigo deverão ter concluído, pelo menos, 07 (sete) disciplinas na modalidade EJA, no ato de inscrição.

§ 3º Na habilitação para a Segunda Etapa de acordo com os critérios constantes da Resolução deste Conselho que rege o PS-UFES, se dentre os classificados não houver o número de candidatos com o perfil definido nos incisos de I a IV do Artigo 3º desta Resolução que contemple o quantitativo de reserva de vagas para o respectivo curso, deverão ser acrescentados candidatos até atingir o quantitativo mínimo.

Art. 5º Para o preenchimento do percentual de 60% (sessenta por cento) das vagas, primeiramente os candidatos aprovados serão classificados de acordo com a ordem decrescente de pontuação total obtida no PS-UFES, independentemente da opção assinalada quanto a reserva de vagas. A seguir, será preenchido o percentual previsto no inciso I do Artigo 2º desta Resolução com os candidatos que optaram pela reserva de vagas.

§ 1º Não havendo o preenchimento das vagas de acordo com os incisos de I a IV do Artigo 3º desta Resolução, serão considerados os candidatos que tenham cursado, no mínimo, uma série no ensino fundamental e todo o ensino médio ou curso equivalente em escola pública e que possuam renda familiar de até 07 (sete) salários mínimos mensais.

§ 2º O curso equivalente previsto no §1º deste Artigo deverá ter sido concluído pelo candidato, no máximo, no ano anterior ao que esteja previsto para o seu ingresso nesta Universidade.

§ 3º Havendo, ainda, sobra de vagas, após ser aplicado o disposto no § 1º deste Artigo, essas serão incorporadas ao quantitativo de concorrência universal.

§ 4º Para desempate, quando ocorrer, serão adotados os critérios constantes da Resolução que rege o PS-UFES.

§ 5º Nos cursos com duas entradas anuais, 50% (cinquenta por cento) das vagas reservadas serão preenchidas no 1º semestre letivo e o restante no 2º semestre letivo.

§ 6º Em caso de número de vaga fracionado, o arredondamento será em favor da concorrência universal.

Art. 6º O sistema de inclusão social estabelecido por esta Resolução deverá ser avaliado bianualmente por este Conselho, até o ano de 2014, ocasião em que será decidido por sua continuidade ou não.

Art. 7º Os casos omissos serão resolvidos por este Conselho.

Art. 8º Revogam-se as Resoluções nos. 33/2007 e 31/2008 deste Conselho.

Sala das Sessões, 17 de dezembro de 2008.

REINALDO CENTODUCATTE
NA PRESIDÊNCIA

Anexo C: Portaria Normativa nº 39, de 12 de Dezembro de 2007

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO GABINETE DO MINISTRO

PORTARIA NORMATIVA Nº 39, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2007

Institui o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES.

O MINISTRO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, no uso de suas atribuições, considerando a centralidade da assistência estudantil como estratégia de combate às desigualdades sociais e regionais, bem como sua importância para a ampliação e a democratização das condições de acesso e permanência dos jovens no ensino superior público federal, **resolve**:

Art. 1º Fica instituído, no âmbito da Secretaria de Educação Superior – SESu, do Ministério da Educação, o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, na forma desta Portaria.

Art. 2º O PNAES se efetiva por meio de ações de assistência estudantil vinculadas ao desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão, e destina-se aos estudantes matriculados em cursos de graduação presencial das Instituições Federais de Ensino Superior.

Parágrafo único. Compreendem-se como ações de assistência estudantil iniciativas desenvolvidas nas seguintes áreas:

I - moradia estudantil;

II - alimentação;

III - transporte;

IV - assistência à saúde;

V - inclusão digital;

VI - cultura;

VII - esporte;

VIII - creche; e

IX - apoio pedagógico

Art. 3º As ações de assistência estudantil serão executadas pelas IFES considerando suas especificidades, as áreas estratégicas e as modalidades que atendam às necessidades identificadas junto ao seu corpo discente.

§ 1º As ações de assistência estudantil devem considerar a necessidade de viabilizar a igualdade de oportunidades, contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico e agir, preventivamente, nas situações de repetência e evasão decorrentes da insuficiência de condições financeiras.

§ 2º Os recursos para o PNAES serão repassados às instituições de educação superior, que deverão implementar as ações de assistência estudantil, na forma do caput.

Art. 4º As ações do PNAES atenderão a estudantes matriculados em cursos presenciais de graduação, prioritariamente, selecionados por critérios sócio-econômicos, sem prejuízo de demais requisitos fixados pelas instituições de educação superior em ato próprio.

Parágrafo único. As IFES deverão fixar mecanismos de acompanhamento e avaliação do PNAES com vistas a cumprimento do parágrafo 1º do art. 3º.

Art. 5º As despesas do PNAES correrão à conta das dotações orçamentárias anualmente consignadas ao Ministério da Educação, devendo o Poder Executivo compatibilizar a quantidade de beneficiários com as dotações orçamentárias existentes, observados os limites estipulados na forma da legislação orçamentária e financeira.

Art. 6º O PNAES será implementado a partir de 2008.

Art. 7º Esta Portaria entra em vigor na data da sua publicação.

FERNANDO HADDAD

Anexo D: Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010

DECRETO Nº 7.234, DE 19 DE JULHO DE 2010.

Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso VI, alínea “a”, da Constituição:

DECRETA:

Art. 1º O Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, executado no âmbito do Ministério da Educação, tem como finalidade ampliar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal.

Art. 2º São objetivos do PNAES:

I - democratizar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal;

II - minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão da educação superior;

III - reduzir as taxas de retenção e evasão; e

IV - contribuir para a promoção da inclusão social pela educação.

Art. 3º O PNAES deverá ser implementado de forma articulada com as atividades de ensino, pesquisa e extensão, visando o atendimento de estudantes regularmente matriculados em cursos de graduação presencial das instituições federais de ensino superior.

§ 1º As ações de assistência estudantil do PNAES deverão ser desenvolvidas nas seguintes áreas:

I - moradia estudantil;

II - alimentação;

III - transporte;

IV - atenção à saúde;

V - inclusão digital;

VI - cultura;

VII - esporte;

VIII - creche;

IX - apoio pedagógico; e

X - acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação.

§ 2º Caberá à instituição federal de ensino superior definir os critérios e a metodologia de seleção dos alunos de graduação a serem beneficiados.

Art. 4º As ações de assistência estudantil serão executadas por instituições federais de ensino superior, abrangendo os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, considerando suas especificidades, as áreas estratégicas de ensino, pesquisa e extensão e aquelas que atendam às necessidades identificadas por seu corpo discente.

Parágrafo único. As ações de assistência estudantil devem considerar a necessidade de viabilizar a igualdade de oportunidades, contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico e agir, preventivamente, nas situações de retenção e evasão decorrentes da insuficiência de condições financeiras.

Art. 5º Serão atendidos no âmbito do PNAES prioritariamente estudantes oriundos da rede pública de educação básica ou com renda familiar **per capita** de até um salário mínimo e meio, sem prejuízo de demais requisitos fixados pelas instituições federais de ensino superior.

Parágrafo único. Além dos requisitos previstos no **caput**, as instituições federais de ensino superior deverão fixar:

I - requisitos para a percepção de assistência estudantil, observado o disposto no **caput** do art. 2º; e

II - mecanismos de acompanhamento e avaliação do PNAES.

Art. 6º As instituições federais de ensino superior prestarão todas as informações referentes à implementação do PNAES solicitadas pelo Ministério da Educação.

Art. 7º Os recursos para o PNAES serão repassados às instituições federais de ensino superior, que deverão implementar as ações de assistência estudantil, na forma dos arts. 3º e 4º.

Art. 8º As despesas do PNAES correrão à conta das dotações orçamentárias anualmente consignadas ao Ministério da Educação ou às instituições federais de ensino superior, devendo o Poder Executivo compatibilizar a quantidade de beneficiários com as dotações orçamentárias existentes, observados os limites estipulados na forma da legislação orçamentária e financeira vigente.

Art. 9º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 19 de julho de 2010; 189º da Independência e 122º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
FERNANDO HADDAD

Este texto não substitui o publicado no DOU de 20.7.2010

Anexo E: Lei nº 12.711

LEI Nº 12.711, DE 29 DE AGOSTO DE 2012.

Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

Parágrafo único. No preenchimento das vagas de que trata o caput deste artigo, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservados aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário mínimo (um salário mínimo e meio) per capita.

Art. 2º (VETADO).

Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas, em proporção no mínimo igual à de pretos, pardos e indígenas na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Parágrafo único. No caso de não preenchimento das vagas segundo os critérios estabelecidos no caput deste artigo, aquelas remanescentes deverão ser completadas por estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

Art. 4º As instituições federais de ensino técnico de nível médio reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso em cada curso, por turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que cursaram integralmente o ensino fundamental em escolas públicas.

Parágrafo único. No preenchimento das vagas de que trata o caput deste artigo, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservados aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário mínimo (um salário mínimo e meio) per capita.

Art. 5º Em cada instituição federal de ensino técnico de nível médio, as vagas de que trata o art. 4º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas, em proporção no mínimo igual à de pretos, pardos e indígenas na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Parágrafo único. No caso de não preenchimento das vagas segundo os critérios estabelecidos no caput deste artigo, aquelas remanescentes deverão ser preenchidas por estudantes que tenham cursado integralmente o ensino fundamental em escola pública.

Art. 6º O Ministério da Educação e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, da Presidência da República, serão responsáveis pelo acompanhamento e avaliação do programa de que trata esta Lei, ouvida a Fundação Nacional do Índio (Funai).

Art. 7º O Poder Executivo promoverá, no prazo de 10 (dez) anos, a contar da publicação desta Lei, a revisão do programa especial para o acesso de estudantes pretos, pardos e indígenas, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas, às instituições de educação superior.

Art. 8º As instituições de que trata o art. 10 desta Lei deverão implementar, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) da reserva de vagas prevista nesta Lei, a cada ano, e terão o prazo máximo de 4 (quatro) anos, a partir da data de sua publicação, para o cumprimento integral do disposto nesta Lei.

Art. 9º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 29 de agosto de 2012; 1910 da Independência e 1240 da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Miriam Belchior

Luís Inácio Lucena Adams

Luiza Helena de Bairros

Gilberto Carvalho

Este texto não substitui o publicado no DOU de 30.8.2012

Anexo F: Resolução nº 35/2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO CONSELHO UNIVERSITÁRIO

RESOLUÇÃO Nº. 35/2012

Estabelece sistema de reserva de vagas no Processo Seletivo da UFES para ingresso nos cursos de graduação.

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, no uso de suas atribuições legais e estatutárias,

CONSIDERANDO o que consta no Processo nº 18.258/2012-25 – COMISSÃO PERMANENTE PARA ELABORAÇÃO DE NORMAS DE ACESSO AO ENSINO SUPERIOR DA UFES;

CONSIDERANDO o que dispõe o Art. 207 da Constituição da República Federativa do Brasil;

CONSIDERANDO o que dispõe a Lei Federal nº 12.711, de 29 de agosto de 2012;

CONSIDERANDO a Portaria Normativa nº 18, de 11 de outubro de 2012, do Ministério da Educação;

CONSIDERANDO o que dispõe o Decreto nº 7.824, de 11 de outubro de 2012, da Presidência da República;

CONSIDERANDO a Resolução nº 33, de 17 de julho de 2009, deste Conselho;

CONSIDERANDO o que consta do Parecer da Comissão de Ensino de Graduação e Extensão;

CONSIDERANDO, ainda, a aprovação da Plenária, por unanimidade, na Sessão Extraordinária realizada no dia 25 de outubro de 2012,

RESOLVE:

Art. 1º A Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) reservará, em cada processo seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas, inclusive em cursos de educação profissional técnica, observando o disposto nos Artigos 5º e 6º desta Resolução e respeitando as seguintes condições:

I. 50% (cinquenta por cento) das vagas de que trata o *caput* deste Artigo serão reservadas aos estudantes com renda familiar bruta igual ou inferior a 1,5 (um vírgula cinco) salário-mínimo *per capita*; e

II. proporção de vagas igual à da soma de pretos, pardos e indígenas na população do estado do Espírito Santo, segundo o último Censo Demográfico divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), será reservada, por curso e turno, aos autodeclarados pretos, pardos e indígenas.

Art. 2º Somente poderão concorrer às vagas reservadas de que trata o Art. 1º desta Resolução:

I. estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas, em cursos regulares ou no âmbito da modalidade de Educação de Jovens e Adultos;

II. estudantes que tenham obtido certificado de conclusão com base no resultado do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA), ou de exames de certificação de competência ou de avaliação de jovens e adultos realizados pelos sistemas estaduais de ensino, ou com base no resultado do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

§ 1º Não poderão concorrer às vagas reservadas os estudantes que tenham, em algum momento, cursado em escolas particulares parte do ensino médio, nos casos dos incisos I e II deste Artigo.

§ 2º A UFES exigirá que o estudante comprove sua condição em relação aos incisos I ou II deste Artigo, por meio de documentos que deverão ser apresentados conforme edital específico a ser publicado por esta Universidade.

Art. 3º Somente poderão concorrer às vagas reservadas de que trata o inciso I do Art. 1º desta Resolução os estudantes que comprovarem a percepção de renda familiar bruta mensal igual ou inferior a 1,5 (um vírgula cinco) salário-mínimo *per capita*.

§ 1º Para os efeitos desta Resolução, a renda familiar bruta mensal *per capita* será apurada de acordo com os procedimentos descritos na Portaria Normativa nº 18, de 11 de outubro de 2012, do Ministério da Educação, incluindo-se no cálculo dessa renda os valores recebidos a título de seguro-desemprego.

§ 2º A UFES exigirá que o estudante comprove a condição de que trata o *caput* deste Artigo, conforme previsto em edital específico a ser publicado por esta Universidade.

Art. 4º A prestação de informações falsas pelo estudante, apurada a qualquer tempo, em procedimento que lhe assegure o contraditório e a ampla defesa, ensejará a eliminação do candidato no processo seletivo ou o cancelamento de sua matrícula na UFES, sem prejuízo das sanções penais eventualmente cabíveis.

Art. 5º O número de vagas reservadas de que trata esta Resolução será fixado no edital de cada processo seletivo e calculado de acordo com o seguinte procedimento:

I. define-se o total de vagas por curso e turno a ser ofertado no processo seletivo;

II. reserva-se o percentual de 50% (cinquenta por cento) do total de vagas definido no inciso

I deste Artigo, por curso e turno, para os estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas;

III. reserva-se o percentual de 50% (cinquenta por cento) do total de vagas apurado após a aplicação da regra do inciso II deste Artigo, por curso e turno, para os estudantes com renda familiar bruta igual ou inferior a 1,5 (um vírgula cinco) salário-mínimo *per capita*;

IV. reservam-se as vagas aos estudantes autodeclarados pretos, pardos e indígenas com renda familiar bruta igual ou inferior a 1,5 (um vírgula cinco) salário-mínimo *per capita*, da seguinte forma:

a) identifica-se, no último Censo Demográfico divulgado pelo IBGE, o percentual correspondente ao da soma de pretos, pardos e indígenas na população do Estado Espírito Santo;

b) aplica-se o percentual de que trata a alínea “a” deste inciso ao total de vagas apurado após a aplicação do disposto no inciso III deste Artigo;

V. reservam-se as vagas destinadas aos estudantes autodeclarados pretos, pardos e indígenas com renda familiar bruta superior a 1,5 (um vírgula cinco) salário-mínimo *per capita*, da seguinte forma:

a) apura-se a diferença entre os números de vagas encontrados após a aplicação do disposto nos incisos II e III deste Artigo;

b) identifica-se, no último Censo Demográfico divulgado pelo IBGE, o percentual correspondente ao da soma de pretos, pardos e indígenas na população do Estado do Espírito Santo;

c) aplica-se o percentual de que trata a alínea “b” deste inciso ao número de vagas apurado após a aplicação do disposto na alínea “a”, também deste inciso.

Art. 6º Sempre que a aplicação dos percentuais para a apuração da reserva de vagas de que trata o Art. 5º desta Resolução implicar resultados com decimais, será adotado, em cada etapa do cálculo, o número inteiro imediatamente superior.

Parágrafo único. Deverá ser assegurada a reserva de, no mínimo, uma vaga em decorrência do disposto nos incisos IV e V do Art. 5º desta Resolução.

Art. 7º As vagas reservadas serão preenchidas segundo a classificação, de acordo com a ordem decrescente de pontuação total obtida pelos estudantes no Processo Seletivo da UFES, dentro de cada um dos seguintes grupos de inscritos:

I. estudantes egressos de escola pública, com renda familiar bruta igual ou inferior a 1,5 (um vírgula cinco) salário-mínimo *per capita*:

a) que se autodeclararam pretos, pardos e indígenas;

b) que não se autodeclararam pretos, pardos e indígenas.

II. estudantes egressos de escolas públicas, com renda familiar bruta superior a 1,5 (um vírgula cinco) salário-mínimo *per capita*:

a) que se autodeclararam pretos, pardos e indígenas;

b) que não se autodeclararam pretos, pardos e indígenas. III. demais estudantes.

Art. 8º No caso de não-preenchimento das vagas reservadas aos autodeclarados pretos, pardos e indígenas, aquelas remanescentes serão preenchidas pelos estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas, da seguinte forma:

I. as vagas reservadas para o grupo de estudantes indicado na alínea “a” do inciso I do Art. 7º desta Resolução serão ofertadas, pela ordem:

a) aos estudantes do grupo indicado na alínea “b” do inciso I do Art. 7º desta Resolução;

b) restando vagas, aos estudantes do grupo indicado no inciso II do Art. 7º desta Resolução, prioritariamente aos estudantes de que trata a alínea “a” do mesmo inciso;

II. as vagas reservadas para o grupo de estudantes indicado na alínea “b” do inciso I do Art. 7º desta Resolução serão ofertadas, pela ordem:

a) aos estudantes do grupo indicado na alínea “a” do inciso I do Art. 7º desta Resolução;

b) restando vagas, aos estudantes do grupo indicado no inciso II do Art. 7º desta Resolução, prioritariamente aos estudantes de que trata a alínea “a” do mesmo inciso;

III. as vagas reservadas para o grupo de estudantes indicado na alínea “a” do inciso II do Art. 7º desta Resolução serão ofertadas, pela ordem:

a) aos estudantes do grupo indicado na alínea “b” do inciso II do Art. 7º desta Resolução;

b) restando vagas, aos estudantes do grupo indicado no inciso I do Art. 7º desta Resolução, prioritariamente aos estudantes de que trata a alínea “a” do mesmo inciso.

IV. as vagas reservadas para o grupo de estudantes indicado na alínea “b” do inciso II do Art. 7º desta Resolução serão ofertadas, pela ordem:

a) aos estudantes do grupo indicado na alínea “a” do inciso II do Art. 7º desta Resolução;

b) restando vagas, aos estudantes do grupo indicado no inciso I do Art. 7º desta Resolução, prioritariamente aos estudantes de que trata a alínea “a” do mesmo inciso.

Parágrafo único. As vagas que restarem após a aplicação do disposto nos incisos I a IV deste Artigo serão ofertadas aos demais estudantes.

Art. 9º O sistema de reserva de vagas instituído por esta Resolução deverá ser avaliado permanentemente.

Art. 10º Os casos omissos serão resolvidos por este Conselho.

Art. 11º Revogam-se as Resoluções nos 23/2009, 25/2009 e 25/2012 deste Conselho.

Sala das Sessões, 25 de outubro de 2012.

REINALDO CENTODUCATTE
PRESIDENTE

Anexo G: Resolução nº 09/2008

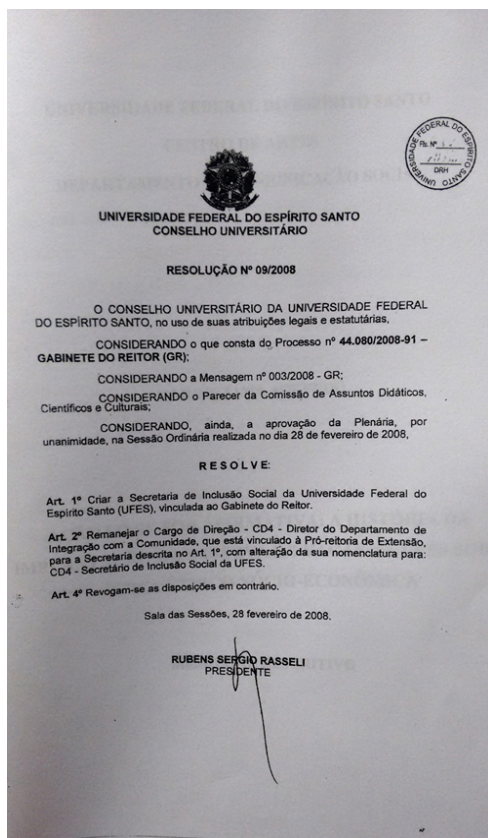


Foto retirada da monografia de AZEVEDO, Simone Lima; Ação só se for afirmativa: A história da implantação da reserva de vagas na Ufes sob a ótica étnico-sócio-econômica. Vitória, 2010. (Monografia)



6

NOVOS CURRÍCULOS: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS?

André Silva ■

Betina Mendes

Cinthia Pimentel

Nadine Alves

Nayara Santana

Wagner Piassaroli Mantovaneli

NOVAS DIRETRIZES DO MEC

Aprovada no dia 12 de setembro de 2013, as novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) visa a atender os anseios de entidades acadêmicas e profissionais vinculadas ao ensino e ao exercício do Jornalismo no Brasil. Assim, o Ministério da Educação constituiu a Comissão de Especialistas para estudar e apresentar sugestões para compor as DCNs para os Cursos de Graduação em Jornalismo.

A Comissão, instituída pela Portaria do MEC Nº 203/2009, de 12 de fevereiro de 2009, foi composta por José Marques de Melo (presidente), Alfredo Vizeu, Carlos Chaparro, Eduardo Meditsch, Luiz Gonzaga Motta, Lucia Araújo, Sergio Mattos e Sonia Virginia Moreira.

Com as novas Diretrizes Curriculares Nacionais específicas para os cursos de Jornalismo, propõe-se alcançar e orientar a formação do jornalista e gerar estímulo para a criação de bacharelados específicos.

O NOVO PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO

No departamento de Comunicação Social, as novas diretrizes chegaram no momento em que os professores elaboravam os novos currículos

para o Jornalismo e a Publicidade e Propaganda. A atualização se devia ao fato da suspensão do vestibular para novos alunos, determinada pelo MEC, conforme visto em capítulos anteriores. À frente da missão de definir os novos currículos, ainda em processo de aprovação à época da finalização deste livro, ficou o Núcleo Docente Estruturante (NDE).

Conforme citado no documento elaborado pelo NDE, as disciplinas foram pensadas de forma a tratar os problemas, aspectos e abordagens possíveis do campo do jornalismo, não como questões isoladas, mas buscar associar os conteúdos a outras interpretações e modos de compreender o mesmo fenômeno.

A forma de organizar as disciplinas, para haver uma maior conversa entre elas, deu-se pela reestruturação na divisão das disciplinas obrigatórias. Na nova ementa, é incluída a realização de projetos interdisciplinares: duas disciplinas serão responsáveis pela realização de um trabalho conjunto. A reorganização fica da seguinte forma:

No primeiro período do curso de Jornalismo, a disciplina Arte e Cultura Visual dialoga com a de Design em Jornalismo. Sendo assim, torna-se obrigatória a realização de um projeto interdisciplinar.

Já no primeiro período do curso de Publicidade e Propaganda, a disciplina Arte e Cultura Visual realiza um projeto interdisciplinar com a disciplina Direção de Arte.

Com as novas diretrizes do MEC, a grade curricular dos cursos de Comunicação Social deve obrigatoriamente realizar a interdisciplinaridade em todos os períodos, salvo a exceção de no último período a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

NOVO CURRÍCULO DE JORNALISMO

A reorganização do currículo foi executada de forma a contemplar e melhorar a interdisciplinaridade nas matérias da Comunicação.

A matriz curricular foi montada de modo a permitir que o aluno realize todas as disciplinas necessárias para a integralização do curso

de segunda à sexta-feira, sempre no turno matutino, das 8h às 12h, incluindo as disciplinas optativas na grade dos semestres. O prazo para integralização curricular é de 8 semestres (ideal) a 12 semestres (máximo).

Representação gráfica de um perfil de formação

LEGENDA:

- **T.E.L.:** Carga horária semanal distribuída para Teoria, Exercício e Laboratório;
- **C.H.:** Carga horária semestral;
- **Tipo:** Caráter da disciplina: obrigatória ou optativa;
- **CR:** Créditos;
- **Requisitos:** Pré-requisitos para estar apto a se matricular na disciplina.

TOTAL DE CARGA HORÁRIA DO CURSO	
Disciplinas obrigatórias	1860h
Disciplinas optativas	300h
Trabalho de conclusão e curso (TCC)	300h
Estágio supervisionado obrigatório	240h
Atividades complementares	300h
Total	3000h

PRIMEIRO PERÍODO					
Disciplina	T.E.L.	C.H.	Tipo	CR	Requisitos
Introdução ao jornalismo	2.2.0.	60h	Obrig.	3	Nenhum
História do jornalismo	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Práticas textuais	1.3.0.	60h	Obrig.	2	Nenhum
Arte e cultura visual	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Design em jornalismo	2.0.2.	60h	Obrig.	3	Nenhum

Totais do período		300h		16	
--------------------------	--	-------------	--	-----------	--

SEGUNDO PERÍODO					
Disciplina	T.E.L.	C.H.	Tipo	CR	Requisitos
Teorias da comunicação I	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Metodologia de pesquisa em comunicação	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Introdução à filosofia	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Fotografia	2.0.2.	60h	Obrig.	3	Nenhum
Reportagem	2.2.0.	60h	Obrig.	3	Introd. jornalismo
Totais do período		300h		18	

TERCEIRO PERÍODO					
Disciplina	T.E.L.	C.H.	Tipo	CR	Requisitos
Teorias da comunicação II	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Teorias da com. I
Antropologia cultural	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Sociologia da comunicação	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Fotojornalismo	0.0.4.	60h	Obrig.	2	Fotografia
Laboratório de jornalismo	0.0.4.	60h	Obrig.	2	Reportagem
Totais do período		300h		16	

QUARTO PERÍODO					
Disciplina	T.E.L.	C.H.	Tipo	CR	Requisitos
Comunicação organizacional	0.0.4.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Jornalismo sonoro	2.2.0.	60h	Obrig.	3	Reportagem
Webjornalismo	2.2.0.	60h	Obrig.	3	Reportagem
Cibercultura	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Optativa I		60h	Optat.		Nenhum
Totais do período		300h		14	

QUINTO PERÍODO					
Disciplina	T.E.L.	C.H.	Tipo	CR	Requisitos
Laboratório de jornalismo sonoro	0.0.4.	60h	Obrig.	2	Jornalismo sonoro
Assessoria de imprensa	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Com. organiz.
Jornalismo audiovisual	2.2.0.	60h	Obrig.	3	Reportagem
Estética e linguagem audiovisual	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Arte e cultura visual
Optativa II		60h	Optat.		Nenhum
Totais do período		300h		17	

SEXTO PERÍODO					
Disciplina	T.E.L.	C.H.	Tipo	CR	Requisitos
Estruturas sociais e sistemas políticos	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Teorias do jornalismo	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Teorias da com. II
Laboratório de jornalismo audiovisual	0.0.4.	60h	Obrig.	2	Jornalismo audiovisual
Legislação e deontologia do jornalismo	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Optativa III		60h	Optat.		Nenhum
Totais do período		300h		14	

SÉTIMO PERÍODO					
Disciplina	T.E.L.	C.H.	Tipo	CR	Requisitos
Formação sócio-econômica e política do Espírito Santo	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Elaboração de projetos de jornalismo	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Metodologia de pesquisa
Comunicação e política	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Laboratório de webjornalismo	0.0.4.	60h	Obrig.	2	Webjornalismo
Optativa IV		60h	Optat.		Nenhum
Estágio supervisionado obrigatório	4.12.0.	240h	Obrig.	10	1200h

Totais do período		540h		24	
--------------------------	--	-------------	--	-----------	--

OITAVO PERÍODO					
Disciplina	T.E.L.	C.H.	Tipo	CR	Requisitos
Trabalho de conclusão de curso	10.5.5.	300h	Obrig.	15	Elaboração de projetos
Optativa V		60h	Optat.		Nenhum
Totais do período		360h		15	

NOVO CURRÍCULO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA

A matriz curricular foi montada de modo a permitir que o aluno realize todas as disciplinas necessárias para a integralização do curso de segunda à sexta-feira, sempre no turno matutino, das 8h às 12h, incluindo as disciplinas optativas na grade dos semestres. O prazo para integralização curricular é de 8 semestres (ideal) a 12 semestres (máximo).

Representação gráfica de um perfil de formação

LEGENDA:

- **T.E.L.:** Carga horária semanal distribuída para Teoria, Exercício e Laboratório;
- **C.H.:** Carga horária semestral;
- **Tipo:** Caráter da disciplina: obrigatória ou optativa;
- **CR:** Créditos;
- **Requisitos:** Pré-requisitos para estar apto a se matricular na disciplina.

TOTAL DE CARGA HORÁRIA DO CURSO	
Disciplinas obrigatórias	1860h
Disciplinas optativas	300h
Trabalho de conclusão e curso (TCC)	300h

Atividades complementares	300h
Total	2760h

PRIMEIRO PERÍODO

Disciplina	T.E.L.	C.H.	Tipo	CR	Requisitos
Introdução à publicidade	2.2.0.	60h	Obrig.	3	Nenhum
História da publicidade e propaganda	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Práticas textuais	1.3.0.	60h	Obrig.	2	Nenhum
Arte e cultura visual	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Direção de arte	2.0.2.	60h	Obrig.	3	Nenhum
Totais do período		300h		16	

SEGUNDO PERÍODO

Disciplina	T.E.L.	C.H.	Tipo	CR	CR
Teorias da comunicação I	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Metodologia de pesquisa em comunicação	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Introdução à filosofia	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Fotografia	2.0.2.	60h	Obrig.	3	Nenhum
Publicidade para meios impressos	2.2.0.	60h	Obrig.	3	Introdução à publicidade
Totais do período		300h		18	

TERCEIRO PERÍODO

Disciplina	T.E.L.	C.H.	Tipo	CR	CR
Teorias da comunicação II	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Teorias da com. I
Antropologia cultural	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Sociologia da comunicação	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Fotografia publicitária	0.0.4.	60h	Obrig.	2	Fotografia
Produção publicitária impressa	0.0.4.	60h	Obrig.	2	Publicidade para meios impressos
Totais do período		300h		17	

QUARTO PERÍODO					
Disciplina	T.E.L.	C.H.	Tipo	CR	Requisitos
Comunicação organizacional	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Publicidade para meios sonoros	2.2.0.	60h	Obrig.	3	Introdução à publicidade
Publicidade online	2.2.0.	60h	Obrig.	3	Introd. à public.
Cibercultura	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Optativa I		60h	Optat.		Nenhum
Totais do período		300h		14	
QUINTO PERÍODO					
Disciplina	T.E.L.	C.H.	Tipo	CR	CR
Produção publicitária em áudio	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Publicidade para meios sonoros
Planejamento	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Publicidade para meios audiovisuais	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Introdução à publicidade
Estética e linguagem audiovisual	2.0.2.	60h	Obrig.	3	Arte e cult. visual
Optativa II	2.2.0.	60h	Optat.	3	Nenhum
Totais do período		300h		12	
SEXTO PERÍODO					
Disciplina	T.E.L.	C.H.	Tipo	CR	CR
Introdução a psicologia social	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Produção publicitária audiovisual	0.0.4.	60h	Obrig.	2	Publicidade para meios audiovisuais
Atendimento e mídia	2.2.0.	60h	Obrig.	3	Nenhum
Legislação e deontologia da publicidade	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Optativa III		60h	Optat.		Nenhum
Totais do período		300h		13	

SÉTIMO PERÍODO					
Disciplina	T.E.L.	C.H.	Tipo	CR	Requisitos
Formação sócio-econômica e política do Espírito Santo	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Elaboração de projetos em publicidade	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Metologia de pesquisa
Marketing	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Estudos sobre consumo	4.0.0.	60h	Obrig.	4	Nenhum
Optativa IV		60h	Optat.		Nenhum
Totais do período		300h		16	
OITAVO PERÍODO					
Disciplina	T.E.L.	C.H.	Tipo	CR	CR
Trabalho de conclusão de curso	10.5.5.	300h	Obrig.	15	Elaboração de projetos
Optativa V		60h	Optat.		Nenhum
Totais do período		360h		15	

ACADEMIA E MERCADO

Compondo o Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), temos como objetivos dos cursos de Jornalismo, Cinema e Publicidade e Propaganda, respectivamente, segundo apresentações contidas no site da Comunicação Social (www.comunicacaosocial.ufes.br):

- Formar jornalistas com caráter acadêmico generalista, crítico, ético e reflexivo, capacitando-os a atuar como produtores intelectuais e agentes da cidadania, capazes de responder à complexidade e ao pluralismo característico da sociedade e da cultura contemporânea.
- Formar profissionais aptos a trabalhar em diferentes funções

ligadas ao cinema, ao vídeo, à televisão e à fotografia; lidando com narrativas audiovisuais tradicionais, mistas e virtuais, tanto no modo documentário quanto no ficcional.

- Formar publicitários com formação acadêmico profissional voltada para amplas habilidades e práticas, além do domínio teórico consistente, com ênfase na ética, cidadania e papel social do comunicador, participando de todas as fases dos processos da publicidade e da propaganda e atuando nas agências de propaganda, nas produtoras de vídeos, nas produtoras radiofônicas, nas gráficas, nos estúdios fotográficos, nas empresas de comunicação, nos departamentos de comunicação de empresas públicas e privadas, em institutos de pesquisa, entre outros.

Tais objetivos se alcançam pela integração de vários espaços e trabalhos articulados dos docentes. Aliar o ensino à pesquisa e à extensão contribui para o sucesso dos futuros profissionais que aqui estudam e têm a oportunidade de mergulhar num universo democrático, autêntico, rico em conhecimento e com diversas filosofias integradas, chamado UFES. Porém, o mercado está cada vez mais exigente e competitivo. Destacam-se aqueles que têm uma maior capacidade de proatividade, trabalho em equipe, dinamismo e geram mais resultados.

A comunicação se reinventa, toma novos caminhos, passa a habitar novas plataformas. E o profissional? Como acompanhar tantos avanços? Como manter a ética profissional? O mercado busca por *social medias*, por consultores de mídias e por profissionais habilitados para comandar esse novo universo que existe na internet e fora dela. Caberá aos profissionais diagnosticar problemas ou limites existentes nos meios, bem como avaliar o seu impacto sobre a sociedade.

Nós, alunos de Comunicação, devemos ser capacitados a utilizar a linguagem e todo o ferramental disponível com uma visão ampla e crítica da realidade social, seu cotidiano e nossa função nesse contexto, além da capacidade de entender o complexo sistema comunicacional.

A Academia também nos forma para exercermos um conjunto de habilidades profissionais específicas, com um espaço ainda tímido, porém importante para acompanhar as diferentes roupagens da comunicação.

Uma série de questões fundamentais, que dizem respeito ao surgimento de novas tecnologias da comunicação, ao seu impacto sobre a sociedade e a cultura, à convergência entre as tecnologias, às novas oportunidades que se apresentam para nós e à nossa responsabilidade perante a sociedade, compõe alguns dos desafios a serem enfrentados pelos nossos cursos, nos quatro anos de formação.

A relação entre academia e mercado para a Comunicação Social é complementar e conflituosa, sendo significativo que nos situemos historicamente de modo a entender a formação do mercado de bens culturais no território brasileiro, que impulsionou o ensino em Comunicação. Para rapidamente resumirmos a formação do mercado de bens culturais no Brasil, recorreremos aos ensinamentos de Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Lopes nos leva dos anos 30 aos 50, quando temos uma etapa em que “ganham realce os processos socioeconômicos da urbanização e da industrialização e os processos político-culturais do nacionalismo e do populismo” (p. 20), até a etapa que vai do início do governo Juscelino Kubitschek (1956–1960), com entrada do capital estrangeiro no domínio do aparelho industrial nacional, passando pelo governo militar (1964–1985), chegando aos tempos contemporâneos. É no governo militar, entretanto, que o Estado implanta uma infraestrutura tecnológica do sistema de telecomunicações (sistema de satélite, Telebrás, Embratel) e sistema de micro-ondas, pensando na possibilidade da integração nacional por TV. Dirigismo este que “se traduz na combinação das funções de controle dos mecanismos da Indústria Cultural e de incentivo de sua expansão” (Lopes, 2003, p. 26–27). Com o aumento da importância do setor da Indústria Cultural no país, concorrência, conquista de mercados, a atual Indústria Cultural conquistou sua relativa autonomização de determinantes externos, no caso, o governo militar (Lopes, 2003).

Paralelamente ao crescimento dessa política cultural do Estado, dá-se o avanço da Indústria Cultural em bases de concentração regional (as redes estão localizadas quase exclusivamente no eixo Rio-São Paulo) e de oligopólios (a maioria das empresas do setor tende a possuir diversos veículos de comunicação — Globo, Manchete, Abril). Forma-se pela primeira vez um público massivo em função do porte nacional alcançado pelo mercado de TV, da revista, do rádio e do jornal (Lopes, 2003).

Com o crescimento de nossa Indústria Cultural pátria, passamos de momentos teóricos em que nos preocupávamos basicamente com os fluxos externos de cultura a posicionamentos em que redefiníamos a posição do país no mercado internacional de cultura, não mais em mera situação colonial. Dirimiui-se, aí, a influência das teses sobre o imperialismo cultural para discutir nossa participação no mercado de produção transnacional (Lopes, 2003, p. 30).

A imposição da realidade histórica e técnica em que a comunicação ganha gradativamente relevância na sociedade é que impulsionou de fato estudos em torno desse objeto, como forma de se compreender os fenômenos comunicacionais para fins científicos e, sobretudo, mercadológicos:

O estudo sistemático da Comunicação de Massa no Brasil é mais resultado da presença do vigoroso fenômeno da comunicação de massa — em pleno desenvolvimento desde a década de 50 —, do que das descobertas científicas que justificam o aprofundamento de um campo de conhecimento (Lopes, 2003, p. 17).

Neste livro (*Balzaquiano+10*) e no anterior (*Balzaquiano*) já discutimos que o curso de Comunicação Social entrou com data marcada para acabar na UFES, não sendo o que se seguiu *vis-à-vis* o exponencial crescimento mercadológico. O objetivo, há 40 anos atrás, era

cobrir a demanda do mercado local por profissionais que se adequassem ao desenvolvimento das Indústrias Culturais no país e no nosso Estado. Nosso exemplo local vai ao encontro da afirmação de Lopes, confirmando que o estudo da Comunicação de Massa no Brasil é muito menos resultado de descobertas científicas do que da presença do fenômeno da comunicação de massa. Isto é, surgimos, enquanto curso, impulsionados muito mais por uma filosofia utilitarista do que propriamente por um reconhecimento da necessidade de se criar um campo do conhecimento autônomo em torno da comunicação que trouxesse não apenas o necessário às indústrias, mas o essencial para contemplar a formação individual do comunicólogo enquanto ser consciente e crítico do papel da comunicação social para articulação dos valores democráticos. Até hoje temos dificuldades de tornar a Universidade um campo autônomo onde o aluno possa ter consciência, por meio do conhecimento científico, da realidade em que está inserido. Para tal finalidade, é necessário mostrar ao aluno e fazê-lo perceber que o conhecimento da técnica que o mercado lhe exige enquanto profissional não pode substituir sua formação intelectual, que vai muito além e, muitas vezes, contrariamente às necessidades de um mercado ávido por lucro.

Não há necessidade, entretanto, de nos pormos ante uma alternativa brutal — academia ou mercado. A academia é um campo voltado para o conhecimento científico e que, portanto, conhece cientificamente, inclusive, o mercado, que é apenas um sistema que compõe o complexo *continuum* do tecido da realidade material onde estamos inseridos. A integração entre academia e mercado é óbvia, mas a academia não deve se tornar um apêndice do mercado, dado que é local para o conhecimento da totalidade social e, muitas vezes, seguindo a ambição e a paixão pela verdade, para conhecimentos que nos levam além da construção do social. O aluno de Comunicação Social precisa cada vez mais notar que o objeto de seu conhecimento é a comunicação, assim como o da Sociologia é a sociedade. Ao ser le-

vado a conhecer um objeto — a comunicação —, o aluno é convidado a perquirir descobertas das mais diversas disciplinas sobre tal objeto, sendo apresentado, muitas vezes sem consciência disso, ao mundo interdisciplinar da Comunicação. Conhecer o objeto “comunicação” não pode, de forma alguma, portanto, reduzir-se a um aprendizado de técnicas e comportamentos exigidos por um determinado mercado, de um determinado tempo. Isso significaria a aniquilação das possibilidades de conhecimento que trazem um objeto tão rico como a comunicação, tratada por tantos influentes teóricos, como os sociólogos germânicos Jürgen Habermas e Niklas Luhmann. Negar a profunda investigação acadêmica do objeto “comunicação” é contribuir para a barbárie do conhecimento e da sociedade. Para Luhmann, por exemplo, que tornou a comunicação um elemento central de sua imensa obra no campo da sociologia:

Sem comunicação não existem relações humanas nem vida humana propriamente dita. Por conseguinte, uma teoria da comunicação não pode limitar-se a analisar aspectos parciais da convivência social, nem contentar-se em examinar as diversas técnicas de comunicação, embora estas e suas consequências despertem, pela sua novidade, particular interesse na sociedade atual (Luhmann, 2001, p. 39).

INTERDISCIPLINARIDADE E COMPLEXIDADE

Maria Immacolata Vassallo de Lopes, em *Pesquisa em Comunicação*, evidencia-nos que a palavra “comunicação” é comumente empregada tanto no sentido de disciplina (a Comunicação), quanto como objeto de estudo (a comunicação). Progressivamente, esse campo de estudo passou a ganhar autonomia e destaque dentro da área das Ciências Sociais e Humanas. A autonomização também é paralela ao momento

histórico da cultura de massas e influência dos meios de comunicação. A autonomização é engendrada, de uma forma geral, por fatores histórico-sociais (a organização capitalista da cultura), institucionais (os cursos de Comunicação) e científicos (especificidade do estudo dos fenômenos de massa) (Lopes, 2003, p. 13–14).

Há um dualismo, segundo Lopes, que gera problemas para consolidação do campo da Comunicação, entretanto, como campo cada vez mais autonomizado. A metodologia é constantemente subjugada à teoria. A preocupação excessiva com a teoria na pesquisa em Comunicação acaba pondo em segundo plano discussões de caráter metodológico. Assim, na enxurrada de teorias que surgem dos mais diversos campos, estuda-se pouco e, também, aplica-se pouco a reflexão metodológica em meio a esse dualismo teoria-metodologia (2003, p. 15).

Lopes nos explica que, apesar do modelo de análise dominante vinculado às Ciências Sociais, por meio dos estudos da Cultura Brasileira — modelo este que vê a cultura de massas como processo de degradação de uma “alta cultura” —, a Comunicação busca sua autonomização do campo das Ciências Sociais através de um modelo não dominante de análise, que é o de ver a comunicação de massas como lugar fértil de exploração de conflitos e contradições e não da maneira tradicionalmente dualista (alta e baixa cultura) (2003, p. 18–19).

A autonomização não é, entretanto, um movimento que deva necessariamente levar a Comunicação em direção aos positivismos e ao isolamento dentro da Academia. Pelo contrário, é um movimento que pode ajudar a dar identidade ao campo da Comunicação ao passo que permanece dialogando com outros campos. Prova disso é a interdisciplinaridade que sempre fez parte dos estudos da comunicação. Mattelart e Mattelart (1999, p. 9) confirmam esse caráter interdisciplinar que forma o estudo da comunicação: “A comunicação está na encruzilhada de diversas disciplinas como a filosofia, a história, a geografia, a psicologia, a sociologia, a etnologia, a economia, as ciências políticas, a biologia, a cibernética e as ciências cognitivas.” Assim, com essa

heterogeneidade de disciplinas, a comunicação, por outro lado, possui dificuldades na conciliação de tantas possibilidades, dificultando, por maior que sejam os esforços de escolas, a criação de uma teoria geral. “As fórmulas brilhantes de McLuhan caminham lado a lado com o pesado aparato filosófico de Habermas, sem que se possa dizer qual dos dois provocou a maior alteração dos olhares voltados ao ambiente tecnológico” (Mattelart e Mattelart, 1999, p. 11). Os estudos da comunicação colaboram, ante intensa pluralidade disciplinar, para uma sedimentação de saberes, mas também caem, infelizmente, em meandros teóricos nebulosos.

Doutrinas que viram moda e *prêts-à-penser* com neologismos meteóricos tomam o lugar de esquemas explicativos definitivos e de aulas magistrais, apagando de passagem os achados de uma lenta acumulação, contraditória e pluridisciplinar, de saberes sobre o assunto, reforçando a impressão de frivolidade do objeto. Talvez, mais nesse campo de conhecimento do que em outros, seja forte a ilusão de pensar que se possa fazer tábula rasa dessa sedimentação e que, nessa disciplina, diferentemente de todas as outras, tudo está por ser criado (Mattelart e Mattelart, 1999, p. 11).

A interdisciplinaridade, portanto, que nos traz um volume muito grande de teorias a serem conhecidas, necessita ser guiada por um caminho de reflexão metodológica dentro dos cursos de Comunicação, onde as diversas teorias dos mais variados campos possam ser concatenadas de acordo com um percurso metodológico que se autocritique para que produza a si mesmo e tenha consciência e controle sobre sua produção, não deixando se levar pelo extremo dos positivismos ou da absoluta relativização dos saberes já sedimentados.

Trabalhar com a interdisciplinaridade significa também enfrentar a complexidade que nos traz a realidade, a partir de pontos-de-vista

complementares, concorrentes e antagônicos. O pensamento do complexo foi desenvolvido com maestria por Edgar Morin em sua obra *La Méthode*, de forma a contestar uma forma de conhecer que não mais se conhece, propondo um paradigma da complexidade em contraponto ao simplista dominante.

Para conceber um pensamento complexo e dar azo a uma interdisciplinaridade consciente no campo da Comunicação, devemos, não obstante, tomar consciência da cegueira redutivista que nos assola. A Ilustração não permitiu de fato a exclusão dos mitos, das trevas, mas, pelo contrário, só permitiu que fossem virtualizados e atualizados em todas as épocas. Ainda hoje falamos dos mitos gerados na era digital. Sob a égide da razão dominante, acreditamos que a causa do erro está na falsa percepção ou na incoerência, na falta de lógica, quando, na verdade, sua causa é derivada do próprio modo de organização de nosso saber em um determinado sistema de ideias em forma de teorias, ideologias etc. Ao instrumental lógico-formal construído pela própria ciência é creditado todo o destino de uma humanidade. O que nos permite dizer que por uma indução, por exemplo, podemos produzir um conhecimento coerente, verdadeiro? Nada mais que a fé no instrumental lógico. A razão, a lógica, majoritariamente foram nossos pontos de partida. Enquanto isso, não vemos a impossibilidade desse instrumental, sob o qual perdemos a consciência (e, portanto, pode passar a nos controlar), de nos fazer conceber os limites da razão e a ineficácia que possui de alcançar e integrar áreas hoje distintas. Nessa fé na razão dominante, somos ameaçados, enquanto humanidade, “pelo progresso cego e incontrolado do conhecimento”, criador das manipulações de todos os tipos, armas termonucleares, desregramentos ecológicos (Morin, 2011a, p. 9).

Apesar dessa cegueira, somos amantes da verdade, incumbidos, dentro da Universidade, da tarefa de termos consciência do instrumental que torna exequível a produção de nossas verdades, em suas possibilidades e limites. Conceber, assim, apesar das operações ne-

cessárias de seleção, rejeitando ou incluindo dados, pertinentes à produção científica, “princípios ‘supralógicos’ de organização do pensamento ou paradigmas, princípios ocultos que governam nossa visão das coisas e do mundo sem que tenhamos consciência disso” (Morin, 2011a, p. 10). Um grande paradigma, para Morin, “controla não apenas as teorias e os raciocínios, mas, também, o campo cognitivo, intelectual e cultural em que nascem teorias e raciocínios”; “controla, além disso, a epistemologia, que controla a teoria e a prática decorrente da teoria” (Morin, 2011b, p. 264–265).

A perda da consciência das condições de possibilidade de nossos saberes ou do que os controla deve-se, em grande parte, ao pensamento simplificador que reinou no Ocidente, principalmente após Descartes. Os princípios de disjunção, redução e abstração é o que Morin chama de “paradigma de simplificação”, que permitiu Descartes operar a separação entre “sujeito pensante (*ego cogitans*) e a coisa entendida (*res extensa*), isto é, filosofia e ciência” e também “colocar como princípio de verdade as ideias ‘claras e distintas’, ou seja, o próprio pensamento disjuntivo” (Morin, 2011a, p. 11). Esse paradigma, “que controla a aventura do pensamento ocidental desde o século XVII”, também trouxe grandes progressos ao conhecimento científico e à reflexão filosófica, sendo apenas a partir do século XX, consoante Morin (2011a, p. 11), que as consequências nocivas da falta de autorreflexividade sob o conhecimento científico foram percebidas. Isto é, em torno de quatro séculos a humanidade produziu e foi afetada por conhecimentos objetivos, onde o sujeito não incluso impossibilitava a autorreflexividade sob as condições de produção do próprio saber. As disjunções, portanto, que “rareando as comunicações entre o conhecimento científico e a reflexão filosófica”, fizeram com que a ciência fosse incapaz de conhecer a si própria, além de isolar os grandes campos do conhecimento: a física, a biologia e as ciências do homem (Morin, 2011a, p. 11).

O pensamento inter, multi, transdisciplinar e complexo tem de enfrentar um longo caminho, não apenas dentro da Comunicação com a

busca da reflexão metodológica, mas por toda a Universidade, em suas diversas disciplinas fragmentadas, que ainda enfrentam o domínio de um modelo de pensamento simplificador e pouco dialógico.

INDÚSTRIAS CULTURAIS E MIDIÁTICAS

Ainda desconhecida por muitos, o termo ‘Indústria Cultural’ começou a ser utilizado a partir dos anos 40. No início, a pretensão era tentar entender todo sistema midiático que envolvia rádio, televisão, cinema, jornal e revista época, como se tudo fosse um grande sistema que assemelhava muito com um processo industrial qualquer.

O termo foi empregado pela primeira vez por Theodor Adorno e Max Horkheimer, que o definiram como um sistema político e econômico que tem por finalidade produzir bens culturais como mercadoria e de controle social. Nos anos 70 e 80, esse conceito evoluiu para ‘Indústrias culturais’ porque começou-se a perceber que cada um desses setores tinha particularidades e não se podia resumi-los a um grande sistema.

A forma de fazer cinema não é a mesma de um jornal, e a partir dessa análise começou a se realizar estudos para compreender as lógicas de cada um desses processos. No Brasil, quando foi pensado em criar o currículo básico do curso de Comunicação, foram elaboradas as disciplinas ‘Sistemas da Comunicação’ e ‘Histórias da Comunicação’, e se ensinava a partir da visão dos anos 40 como tudo era implicado.

Hoje, o conceito de Indústria Cultural está sendo tratado nos estudos e pesquisas como ‘Indústrias Culturais e Midiáticas’, pois cada vez mais o papel da mídia está mudando de acordo com a evolução tecnológica, o que faz com que sua abrangência e função social estejam sempre em desenvolvimento.

No ano em que o curso de Comunicação Social da UFES completa 40 anos, as habilitações de Jornalismo e Publicidade e Propaganda estão suspensas desde 2013. Um dos pré-requisitos para a volta dos vestibulares era a reformulação do currículo de acordo com as instruções do Ministério da Educação (MEC). O responsável pela grade

curricular dos cursos é o Núcleo Docente Estruturante (NDE) — grupo de professores que acompanham o curso de forma pedagógica e tem a responsabilidade de fazer com que o currículo e a bibliografia estejam atualizados, e a ementa coerente com a realidade da profissão. Entretanto, em nenhuma das grades curriculares o assunto ‘Indústrias Culturais e Midiáticas’ possui uma disciplina específica, e a possibilidade de se criar alguma é pouco debatida.

No atual currículo existem disciplinas que tratam o tema de forma transversal. Para o coordenador do Colegiado de Comunicação Social, Rafael Paes, as habilitações possuem uma base suficiente para o assunto. Ele ressalta que estudar as Indústrias Midiáticas é importante para os futuros jornalistas, publicitários e cineastas, já que eles farão parte dessas indústrias.

Atualmente, a produção midiática do mundo está em boa parte nas mãos de políticos e grupos familiares que de certo modo limita, condiciona e configura toda a produção que chega até o público. Para entender esse sistema, Rafael considera a base que o curso oferece um bom preparo para os futuros profissionais que terão que enfrentar as limitações dos meios de comunicação. “O curso oferece base em ciências sociais, em ciências humanas, e exercícios práticos. Existem muitos conteúdos que foram pensados para trabalhar transversalmente as Indústrias Midiáticas, como Crítica de Mídia e Direitos Humanos”, ressalta o coordenador.

Segundo o professor do curso de Jornalismo Edgard Rebouças, o curso não trata de forma adequada esse conceito. “Ainda há um pensamento que predomina dentro do curso que não estamos preparando profissionais para uma indústria, mas sim profissionais por vocação. No entanto, as lógicas são empresariais em qualquer meio; temos que ser independentes, mas também devemos conhecer tudo o que está imbricado ali para não sermos engolido pelo sistema e não virar somente um operário”, afirma.

As divergências de opiniões estão presentes em todo o curso, tanto

por parte dos docentes quanto pelos alunos. Mas todos afirmam que não há nenhuma resistência entre ambos em abordar esse assunto. Para Edgard, o ideal seria que esses processos e as lógicas das indústrias culturais e midiáticas estivessem dentro de todas as disciplinas, e não especificamente em uma.

No entanto, o questionamento sobre se o papel de uma universidade federal é formar profissionais ou intelectuais e se um ou outro estão preparados para o mercado ainda é uma pergunta intrigante. “Poucos profissionais que a Ufes está formando entendem a dinâmica das indústrias culturais e midiáticas; e muitos não compreendem a sua importância”, ressalta o professor Edgard Rebouças.

Por não haver uma única definição e cada vez mais surgirem novas mídias, o tema ‘Indústrias culturais e midiáticas’ não vai ganhar tão cedo destaque nas grades curriculares. O que sabemos que no novo currículo, que entrará em vigor quando os vestibulares forem ofertados novamente pela universidade, é que ainda o assunto será tratado de forma transversal dentro do curso. Sobre o futuro dos novos comunicólogos e como o termo será tratado cabe a nós esperarmos as transformações que estão por vir.

MIDIATIZAÇÃO, REDES E MASSAS

A Comunicação em tempos do bios midiático

Na contemporaneidade surgem várias necessidades impulsionadas pelos ideais capitalistas, que ganham o planeta pelas vias circulatórias das mídias.

A mídia torna-se referência para o Homem, que passa a usá-la de modo a dar sustentação à cultura e, consequentemente, à capacidade de compreender os fenômenos históricos. Os meios deixam de ser somente tecnologia, tornando-se instrumentos de direcionamento ou de criação de subjetividades. Desse modo, os fenômenos sociais e tecnológicos vão

sendo inseridos em um novo contexto, entendido como um processo de midiaticização, onde se observa a crescente influência midiática nas instituições e nas interações sociais, culturais, políticas e econômicas.

Quando falamos do fenômeno da midiaticização, é essencial citar outro conceito que dialoga com o tema, as redes, conjuntos de nós interconectados. A concepção de redes, dentro de uma determinada sociedade, é antiga e ganhou a dimensão que tem hoje devido ao uso intensivo das redes digitais. Notamos a presença de redes de sociabilidade no uso das linguagens, nos sistemas de trocas, de comércio. Enfim, as redes sempre fizeram parte da base da vivência do ser humano.

Tendo em vista a importância das redes na constituição de uma sociedade, o currículo de Comunicação Social não poderia deixar de tratar o tema nas disciplinas do curso. Segundo o atual chefe do Departamento de Comunicação, professor mestre Cleber Carminati, a próxima grade curricular (que está em processo de mudanças a partir das novas diretrizes do MEC) ampliará o conceito de redes. Ele comenta que quando o currículo atual foi criado, no ano de 2002, existia ainda de forma bem tímida toda uma cultura do digital, mas sem uma estruturação no campo social, ocorria um processo de consolidação. Carminati ressalta que mesmo na atualidade vivemos ainda essas mudanças, em que a tecnologia invade todos os campos de nossa vida. “Isso já vem acontecendo, mas temos outras formas de relacionar, de constituir, de pensar o mundo. Outros meios de comunicação, não só os novos, têm ainda sua importância, uma força significativa, como o jornal tradicional, a TV, o rádio. Eles estão caminhando para uma convergência que acontece em um suporte, uma plataforma digital que permite o fluxo em rede muito mais significativo, veloz e potente no sentido de criar novos campos de conhecimento, de ação, trabalho, de ver o mundo, comunicar, de se encontrar, criando uma área nova de estudo”, reforça. Para o chefe do Departamento, a produção de certo conhecimento (no caso, do fenômeno das redes) que adiante será ensinado em sala de aula, academicamente falando, demanda tempo,

há a necessidade de investigação. É um processo minucioso que visa entender as causas, consequências, logicamente, onde o pesquisador precisa de tempo para investigar o novo fenômeno. “A tentativa do currículo é a de acompanhar, levar conhecimento até os alunos, estabelecer o conhecimento depois de certa coisa estar dada”, destaca o professor mestre Cleber Carminati.

Conforme disse ele, a partir do ano de 2002 surgiram disciplinas na grade do curso de Comunicação como Jornalismo Online, Cibercultura e Teorias e Práticas Para Meios Eletrônicos e Digitais, resultantes dos avanços dos meios digitais na sociedade. “Assim, começa a se trabalhar o Jornalismo a partir das novas tecnologias e da rede como lugar para se atuar de forma jornalística, se apropriando como novo meio”. De acordo com ele, a rede ganhou bastante importância nos últimos 15 anos no estudo da Comunicação, das práticas comunicacionais e dialoga com as formações de jornalistas, publicitários, cineastas, além de relações públicas. “O novo currículo irá ampliar isso, se fundamentando nas teorias, perpassando todo o campo da Comunicação, sem deixar de entender as especificidades de linguagens de cada meio. Estamos caminhando nesse campo das redes. Houve esforço dos acadêmicos para dar conta deste fenômeno novo”, afirma Cleber.

O currículo de 2002, ainda usado até hoje, não estaria tão defasado de acordo com Carminati, mas havia alguns termos, que nos últimos 10 anos precisavam se ajustar as mudanças que se consolidaram com outras características. “Já se construiu uma base epistemológica do conhecimento desse campo que deu mais sustentação para propor disciplinas obrigatórias, com campos de conhecimentos minimamente estabelecidos nesta área (das redes). Tentamos também trazer optativas para aproximar estas mudanças. A Comunicação não consegue acompanhar o dinamismo de uma sociedade, de um mercado. Nem temos que acompanhar. Nosso campo é o da investigação, do conhecimento. Nossa função principal é pensar o mundo e as suas transformações e como o comunicador se insere nelas”, pontua ele, que enaltece

também os projetos de pesquisas de professores desenvolvidos na área, como é o caso do Laboratório de imagem e Cibercultura (Labic), dando oportunidade aos alunos de entrarem no campo das redes.

SOCIEDADE MIDIATIZADA

Nestes novos tempos em que as tecnologias midiáticas, até então exclusivas do campo das mídias, tornam-se parte das lógicas de funcionamento da sociedade, vemos como a “midiatização” modifica a teia social contemporânea, bem como afeta a mesma de modo intensivo. A lógica e a cultura das mídias passam a reger a vida em sociedade. E autores como Muniz Sodré (2002) até já afirmam que nossas relações sociais caminham para telerrealização ou virtualização. Inclusos no meio técnico, as relações pessoais e toda comunicação entre atores sociais passam a ocorrer a partir de fluxos de tempos e espaços que já não estão mais vinculados à ideia do face a face, do concreto, do real. As tecnologias midiáticas deixam de ser meros suportes técnicos para a realização da comunicação e passam a ser “lugares” imprescindíveis para a realização de determinadas relações sociais. Com isso, parece ser cada vez mais tênue a diferença entre as relações que acontecem face a face e as relações mediadas por tecnologias midiáticas. “Considero a crítica pertinente, mas creio que as demandas vêm do campo da experiência de cada um, do sensível”, comenta Cleber Carminati.

Para ele, neste novo mundo que chamamos de ciberespaço ou mundo virtual as tecnologias digitais não substituem o afeto social. “O aparato tecnológico modifica as relações sociais. Começamos a ficar mais sensíveis a causas tão distantes mais que de alguma forma estão mais próximas, devido à midiatização, do que talvez causas mais próximas. A forma de socializar, de se agrupar, não é determinada mais pelo espaço físico, mas pelo virtual, constituindo o ciberespaço, que vai gerar uma cibercultura, onde os afetos não sejam tão fundamentais como são nas redes. O Homem não vai abandonar a neces-

sidade do afeto”. Segundo Carminati, o conceito de Comunicação é fundamental para se entender o processo de midiatização que vem ocorrendo, já que o campo comunicacional pressupõe a troca entre dois polos. “Para comunicar bem ter que se conhecer os códigos. O emissor e o receptor devem conhecer minimamente o código”.

Algumas das consequências da atual sociedade midiatizada de acordo com o docente, seriam: excesso de informação em detrimento da comunicação, baixa audiência das redes de comunicação em geral, surgimento de uma “economia” da atenção entre as pessoas e maior participação popular no campo da comunicacional (jornalismo colaborativo). Dominique Wolton (2011) já nos alertava sobre a demasia de informação (divulgação de conteúdo, notícias e informações) enquanto ocorre a falta de comunicação nas relações sociais (compreensão, entendimento do que é veiculado). O professor do curso de Comunicação compartilha da ideia de Wolton. “Não é um problema atual, aparece por causa da quantidade de pessoas que são produtoras de conteúdo também. Mas não há o entendimento, do que é aquilo. Informar é uma via de mão única. Já comunicar pressupõe diálogo e que nem sempre se dá de maneira produtiva, com a compreensão de ambos. Nunca se trocou tanta informação como hoje”, critica.

A baixa audiência das redes de comunicação é outro ponto chave da midiatização. Carminati avalia que isso ocorre porque o público está migrando para outros meios, no caso as redes digitais. Como estratégia os veículos de comunicação também vão para os meios digitais, a fim de estar mais próximo deste público.

Conceito abordado por Martinuzzo (2014), a “economia da atenção” revela como atualmente as pessoas se comunicam através de um conjunto de mídias, “a dieta de mídias”: consomem informação por meio do rádio, TV, revista, jornais, sites etc. para se informar e dialogar. Com o excesso de informação, o ser humano não é capaz de acompanhar todas as mídias. “Compartilho desta ideia. As gerações

mais jovens convivem com este excesso de múltiplas plataformas. De fato ficamos com menos atenção, mas por outro lado lemos mais rápido, porque é uma leitura que se faz na tela. Pode se aprofundar, já que se tem mecanismo para isso, vai do interesse de cada um”, analisa o atual chefe do Departamento de Comunicação Social.

Por fim, temos o surgimento do jornalismo colaborativo que dialoga com todo o processo de midiatização. Sobre isso, Carminati diz: “O cidadão comum talvez não consiga apurar como um jornalista. Tem uma série de práticas próprias do jornalismo que envolve discernimento, busca de fontes, objetividade, dar espaço aos vários lados, aprendidos minimamente ao longo do curso. Talvez falte ao cidadão credibilidade, ética, responsabilidade. Notícia é uma responsabilidade de um jornalista. Tenho dúvidas se um cidadão comum possa ser chamado de jornalista. Mas, ele ainda tem papel fundamental de um “jornalista” como mediador, alguém que checa uma notícia em si e aquilo tudo que ela envolve”.

Cleber Carminati finaliza com um recado aos graduandos do curso de Comunicação Social, alertando a não somente ficarem no tecnicismo, mas perceberem que existe um mundo real girando a sua volta, o sensível. Para ele, as tecnologias podem ser contempladas, mas é preciso entender que elas existem em função do ser humano. Ainda destaca que todo aparato tecnológico deve também pertencer a todos não somente a certos grupos. “Estamos diante de um desafio. O desafio não é só criar um currículo que incorpore essas novas tecnologias, novas práticas sociais e de comunicação a partir do universo do digital/virtual, mas incluir essas novas possibilidades dentro do campo da pedagogia e da didática”.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. (1985). **A Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro, Zahar.

LOPES, M. I. V. de. **Pesquisa em comunicação**. 7. ed. São Paulo: Edições

Loyola, 2003.

LUHMANN, N. **A improbabilidade da comunicação**. 3. ed. Tradução de Anabela Carvalho. Lisboa: Vega, 2001.

MARTINUZZO, J. A. **Os Públicos Justificam os Meios** — Mídias customizadas e comunicação organizacional na economia da atenção. São Paulo: Summus, 2014.

MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das teorias da comunicação**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2011a.

_____. **O método IV: as ideias: habitat, vida, costumes, organização**. 6. ed. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2011b.

SODRÉ, M. **Eticidade, campo comunicacional e mediatização**. In: MORAES, Denis. Sociedade mediatizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

Projeto Pedagógico de curso graduação em Jornalismo, 2014. Vitória.

Projeto Pedagógico de curso graduação em Publicidade e Propaganda, 2014. Vitória.

Disponível em: <http://comunicacaosocial.ufes.br/>. Acesso em: 2015.

Entrevistas

Entrevista concedida ao autor pelo professor mestre **Cleber Carminati**, chefe do Departamento de Comunicação Social, no dia 26 de Março de 2015.

Entrevista dada por **Rafael Paes Henriques**, no dia 24 de março de 2015.

Entrevista dada por **José Edgard Rebouças**, no dia 1º de abril de 2015.



TIPOGRAFIAS Linux Libertine O, Linux Biolinum O e Cronos Pro
MIOLO papel offset 90g/m²
CAPA papel supremo 300g/m²
IMPRESSÃO Gráfica